

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO  
HUMANO**

**TÚLIO ZAMBELLI**

Significados da natação para praticantes máster de um clube da cidade de  
Porto Alegre – um estudo etnográfico

Porto Alegre

2014

Túlio Zambelli

Significados da natação para praticantes máster de um clube da cidade de  
Porto Alegre – um estudo etnográfico

Dissertação de mestrado, apresentada no Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, requisito para a obtenção do título de mestre em ciências do Movimento Humano.

Orientador:

Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

Porto Alegre

2014

### CIP - Catalogação na Publicação

Zambelli, Túlio Mateus

Significados da natação para praticantes máster de um clube cidade de Porto Alegre - um estudo etnográfico / Túlio Mateus Zambelli. -- 2014. 128 f.

Orientador: Marco Paulo Stigger.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Esporte. 2. Natação Máster. 3. Etnografia. 4. Significados. 5. Gerações. I. Stigger, Marco Paulo, orient. II. Título.

Túlio Zambelli

Significados da natação para praticantes máster de um clube cidade de Porto Alegre – um estudo etnográfico

Conceito Final:

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2014

Banca examinadora:

---

**Prof. Dr. Johannes Doll**

**FACED - UFRGS**

---

**Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner**

**ESEF - UFRGS**

---

**Prof. Dr. Luíz Carlos Rigo**

**UFPEL**

---

**Orientador: Dr. Marco Paulo Stigger –**

**ESEF – UFRGS**

## CIP - Catalogação na Publicação

Zambelli, Túlio Mateus

Significados da natação para praticantes máster de um clube cidade de Porto Alegre - um estudo etnográfico / Túlio Mateus Zambelli. -- 2014. 128 f.

Orientador: Marco Paulo Stigger.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Esporte. 2. Natação Máster. 3. Etnografia. 4. Significados. 5. Gerações. I. Stigger, Marco Paulo, orient. II. Título.

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha amada sogra, Salete Maria Muller (*in memoriam*), que partiu logo ao iniciar o mestrado, mas sei que me deu forças para continuar e terminar. Tu eras um exemplo para mim, te admiravas como pessoa, mãe, sogra, enfim, tenho por ti um amor imenso. Jamais te esquecerei. Muito obrigado por tudo!

## AGRADECIMENTOS

Seria difícil citar todas as pessoas que estiveram envolvidas nesse processo de dois anos do mestrado, mas, claro, existem aquelas que participaram mais e outras que passaram por toda essa trajetória e deixaram suas marcas também no trabalho e em minha vida. Antes de agradecer a elas, primeiramente gostaria de agradecer a ESEF- URGFS por me oportunizar a realização de um mestrado acadêmico em universidade pública de excelência e me fornecer todos os subsídios para sua conclusão do trabalho. Ao Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano e todas as pessoas envolvidas.

Agradecer, especialmente, ao meu orientador, Marco Paulo Stigger, que me ensinou que mais importante do que ler, escrever, organizar um texto, é, primeiro, preciso pensar. E foi isso que aprendi contigo! Se muitas vezes não correspondi às expectativas saiba que você me ajudou muito a entender o mundo acadêmico e serei sempre grato por ter dado a chance de conhecê-lo. Muito obrigado Stigger, se minha escrita melhorou na reta final, devo a todas as vezes que você me ligou e me instruía em como fazer.

Agradeço a minha família que sempre destinou amor e priorizou meus estudos. Destino esse amor, cuidado e carinhos às minhas mães: Ivani Zambelli e Marzane Zambelli que em todos os momentos os seus “pitacos” estiveram presentes, com toda a força e incentivo que deram ao saberem que eu tinha sido aprovado no mestrado da UFRGS. A elas, vai o meu sincero e amoroso muito obrigado, por tudo!

Os agradecimentos se estendem a toda família Zambelli, ao meu avô e a minha avó, primos e tias. Agradeço, de forma especial, a Airton Marcos Araújo (Tico) por toda a força e por acreditar que eu sempre poderia mais. Valeu Doutor! Também a Neiva Zambelli que, se não fosse ela, não teria esse notebook para a realização do trabalho. Valeu tia Neiva, você é demais!

A minha cunhada, Queiti Muller, por todas as vezes que ficou com a Mariáh para eu poder ir ao grupo de estudos e todas as vezes que você ajudou e continua ajudando. Muito obrigada cunhada, você fez parte dessa conquista.

Agradecer é claro, a todos os meus colegas de trabalho da academia Vidativa de Dois irmãos que sabiam de minhas “andanças” em Porto Alegre seguidamente. Agradeço em especial ao Vanderlei Hennemann (por todas as vezes que segurou as

pontas quando faltei ou me atrasava), a Hohana Silva que participou ativamente na academia nesse processo final em que tive que me ausentar por alguns dias para finalizar a dissertação, a Emily pelas conversas e, claro, a Elaine pelo cafezinho de todos os dias que me mantinham acordado durante as aulas. Além deles, deixo o meu muito obrigado a Jonas Klaudat e Eduardo Klaudat por toda a generosidade, cuidado e por acreditar no meu trabalho. Muito obrigado a todos! Com certeza me ajudaram muito!

Ao Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) por todas as conversas e aos momentos de reunião que me mostravam o quanto era preciso estudar. Agradecimentos especiais a Flávio Py Mariante Neto por me auxiliar em todos os momentos, Raquel da Silveira, Ariane Pacheco, Maitê Venuto de Freitas, Rafael Cabral, Mauro Myskiw, André Lazzari, Betina Tocchetto, Marcelo Rampazzo e Jaqueline Otilia Kemp. Todas as contribuições foram essenciais para meu crescimento acadêmico e pessoal. Muito obrigado.

Agradecimento mais do que especial ao meu amigo, Leandro Forell, pois foi ele quem acreditou que eu era capaz e que me incentivou a conhecer o mundo acadêmico. Agradeço-te muito, por tudo! Sem sua iniciativa e auxílio provavelmente não estaria escrevendo agora! Também estendo a sua esposa, Fabiana Mayboroda, por sua generosidade e incentivo em todos os momentos! Muito obrigado a vocês dois!

A todos os professores da ESEF – UFRGS que participaram de minha formação nas disciplinas e por todas as conversas sobre a dissertação.

A todos os meus amigos que me acompanharam durante o processo e tiveram paciência em ouvir muitos “não posso hoje, tenho que escrever/estudar”. Em especial, a Renata e Edo Viega que deram muita força para essa realização ajudando em todos os sentidos. A Cássia Zambelli e Vinícius Moller por todo carinho e amizade nesse processo.

A equipe máster investigada, que me proporcionou um ambiente muito agradável de convivência durante os dez meses de trabalho de campo. Muito obrigado ao treinador e ao presidente por terem me aceitado para observações e por terem-me ‘deixado’ participar da equipe. Aos nadadores pelas conversas, as séries, as entrevistas, os treinos e revezamentos empolgantes. Muito obrigado a equipe máster. Vocês foram maravilhosos.



A professora Sabine Heller, pelo cuidado que tivera comigo desde a época do TCC e por seu carinho que me acompanhou desde o ensino fundamental. Muito obrigado pela ajuda.

Agradecimento especial a minha amada esposa, Queli Zambelli, que topou esse desafio de fazer um mestrado, que esteve comigo em todos os momentos. Amor, conseguimos! Muito obrigado pelo companheirismo, amor e confiança depositada em mim, essa dissertação não sairia sem o teu apoio e força de seguir em frente! Te amo!

A minha linda filha Mariáh Zambelli que é a razão dessa dissertação e de minha vida. Seu sorriso constante está em cada página escrita da dissertação. Filha, papai te ama muito e agora poderemos brincar muito.

A CAPES pelo auxílio financeiro e por me proporcionar o último ano de mestrado com mais tranquilidade.

Agradeço a banca pelas considerações que serão tecidas e com certeza o trabalho não seria o mesmo sem as contribuições de cada professor.

## RESUMO

Autor: Túlio Zambelli

Orientador: Marco Paulo Stigger

### **Significados da natação para praticantes máster da cidade de Porto Alegre – um estudo etnográfico**

---

Este trabalho tem como objetivo compreender os significados atribuídos sobre a natação máster de uma equipe da cidade de Porto Alegre - RS. Para isso, foram realizados dez meses de trabalho de campo a partir de uma pesquisa etnográfica. As observações foram realizadas no clube em que a equipe treinava, também pude presenciar os momentos dos treinamentos e das competições. Sobre o processo metodológico, dividi a escrita em duas esferas - “a borda da piscina” e “de dentro da piscina”. Essas perspectivas destacaram o fazer etnográfico e minha experiência nas negociações e inserções no clube. Além disso, no decorrer desse período com o grupo pude participar das sessões como nadador e posteriormente competindo como membro do grupo, o que está relatado nos diários de campo. Após esse período, foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas com indivíduos que forneceram informações valiosas no decorrer do trabalho ou mesmo, pela aproximação nos treinos semanais e consegui levantar pontos importantes que somente pelas observações não seriam suficientes. A partir da análise do material produzido foi possível organizar o primeiro eixo do trabalho que me auxiliou para uma melhor compreensão do grupo. O primeiro eixo segue a lógica de qual universo pesquisei, trazendo elementos que caracterizam o clube, a piscina e como é o funcionamento da equipe. Após essa organização, descrevo a rotina entre os momentos de treino e competições. O segundo eixo que o trabalho procurou sustentar foi à lógica de uma heterogeneidade interna, pautada em conflitos entre os significados atribuídos a prática da natação. Sendo assim, por um lado, percebi que a “competição”, para alguns máster, é o ponto central de sua manutenção nos másters. Por outro lado, a dimensão “a natação é mais light”, levou-me a compreender outros elementos que atravessam o cotidiano da equipe, como: interesse de pertencer a uma equipe, posições de liderança, manutenção da saúde, cuidados com o corpo e convívio, tornaram-se categorias que estavam em disputa entre os praticantes. Assim, procurei mostrar que por mais que esse universo esportivo está relacionado com essa dinâmica entre a “o objetivo da natação é a competição” e “a natação máster é mais light” eles se atravessam e estão em constante movimento. Por fim, o tópico final da dissertação trata do conceito de gerações e como às variações entre as idades estão presentes nesse espaço esportivo. As relações construídas nas competições e treinos são elementos importantes para compreender o esporte e suas relações entre às gerações.

**Palavras chave:** Natação máster. Significados. Competição. Gerações.

## ABSTRACT

Writer: Túlio Zambelli  
Mentor: Marco Paulo Stigger

### **The meaning for master swimmers in Porto Alegre city - an ethnographic essay**

The objective of this paper is to understand the meaning of swimming for a team of master category in the city of Porto Alegre - RS. In order to achieve those results, more than ten months of work on field have been done through an ethnographic research. Those observations were done at the sport club which I used to exercise, this allowed to take part on training sessions and matches. Regarding the methodology, the paper was divided between “on the side of the swimming pool” and “inside the swimming pool”. Those perspectives highlighted the ethnography and my experiences on the group negotiations and insertions. Besides that, as time goes by it was available for me to take part at the training sessions as a swimmer and as competitor in matches, which is written on the field diaries. After this period semi structured interviews have been made that supplied valuable information, which could not be obtained through observation only. The first paper axis was organised by the analysis of the produced material. This allowed a better comprehension of the studied group. This first axes brings the logic of the studied universe, bringing elements that characterise this group, the swimming pool and the team working way. After this organisation, the training and matches routine is described. The second axis of this paper was about maintaining the logic of an internal heterogeneity, with many conflicts regarding the meanings of swimming. If such is the case, the “competition” was perceived as the main reason for some masters to keep their positions as it. On the other hand, the arguments that “swimming is lighter”, allowed me to comprehend other elements that goes by the team routine like: interest on being part of it, leadership positions, health maintenance, body and social care, were among the dispute between members. So, the views that “the swimming main objectives are competition” and that “master swimming class is lighter” are concepts that get mixed together and are in constant development. The final topic of this dissertation is about the generation concept and how the different ages are presented on this sport time-space frame. The relationships built among training sessions and matches are important elements to comprehend the relation between different generations.

**Keywords:** Master class swimming. Meanings. Competition. Generations.

**LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1</b> – Quadro de entrevistas.....	40
<b>Tabela 2</b> – Categorias máster.....	96
<b>Tabela 3</b> – Categorias máster nos revezamentos.....	97

**LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS**

<b>Apêndice A</b> – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	122
<b>Apêndice B</b> – Roteiro de Entrevista.....	124
<b>Anexo A</b> – Regulamento máster de natação.....	126

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>PROBLEMATIZANDO A PESQUISA .....</b>	<b>19</b>
1.1 Heterogeneidade do esporte.....	19
1.2 Natação máster: um panorama.....	23
Problema de pesquisa:.....	28
<b>METODOLOGIA DO ESTUDO - DE FORA E DE DENTRO, UMA DISCUSSÃO SOBRE O PERCURSO ETNOGRÁFICO .....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO 1 – LOCAL DO ESTUDO .....</b>	<b>44</b>
2.1 O Clube .....	44
2.2 A piscina.....	50
<b>CAPÍTULO 2 - A EQUIPE .....</b>	<b>53</b>
<b>CAPÍTULO 3 – A ROTINA DOS MÁSTER .....</b>	<b>64</b>
<b>CAPÍTULO 4 – “O OBJETIVO DA NATAÇÃO É A COMPETIÇÃO” e “A NATAÇÃO MÁSTER É UM POUCO MAIS “LIGHT” .....</b>	<b>72</b>
4.1 “O objetivo da natação é a competição”.....	74
4.2 “A natação máster é um pouco mais light”.....	81
4.3 Entre a competição e o clima mais “light” – participação, assiduidade e espírito de equipe .....	87
<b>CAPÍTULO 5 - MÁSTER, EU? COMPREENDENDO A DINÂMICA ENTRE GERAÇÕES.....</b>	<b>95</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>118</b>

## INTRODUÇÃO

---

Para iniciar um trabalho de mestrado, normalmente, se fala da relevância do tema para a comunidade de pesquisa e, além disso, procura-se sustentar como ele pode ser interessante, que tenha conteúdo bibliográfico e que “dê conta” de seu problema de pesquisa. Antes de eu explorar todos esses aspectos gostaria de lembrar como o tema da natação esteve próximo a mim, em toda minha trajetória de vida, como pessoa e como profissional, portanto, minha insistência nessa temática parte também de vários questionamentos em que vivenciei durante essa trajetória, tanto acadêmico como atleta de natação durante vários anos.

Falar, então, de como o tema da natação entrou em minha vida seria desnecessário, no entanto, quando nos referimos aos máster, de natação, como uma opção para compreender as lógicas internas e os significados atribuídos pelos participantes, me parecia uma alternativa interessante para se iniciar um processo de dissertação de mestrado.

A ideia de estudar nadadores da categoria máster surgiu a partir de uma conversa com um amigo durante o período em que eu fui professor em uma escola de natação da cidade de Novo Hamburgo. Conhecíamos-nos há bastante tempo: ele é ex-atleta de natação, tinha sido meu treinador e compartilhávamos ideias a respeito das aulas. Em uma de nossas conversas (elas ocorriam, na maioria das vezes, “na borda da piscina” e durante as aulas, pois ele também era professor na mesma escola), apareceu o tema sobre o motivo de as pessoas escolherem a natação como forma de lazer e os significados que ela poderia ter aos praticantes.

Achamos interessante e debatemos sobre o tema durante alguns dias. Esses diálogos sempre eram sustentados por nossas experiências como professores. Refletir sobre a possibilidade de compreender esses significados era algo novo para mim, pois, durante minha trajetória como atleta, preocupava-me em treinar a técnica, ajustar o estilo de nado, “nadar direito” e não pensava nos significados que a natação tinha em minha vida. Ela existia como um esporte que eu gostava e praticava todos os dias com o propósito de *performance*.

Paralelo a esses diálogos, eu realizava a disciplina de Natação na universidade, no curso de Educação Física, aula em que a professora ensinava os diferentes estilos de nado. Nessa parte, eu possuía vivência com o esporte e, como era simples para mim, acabei me tornando monitor das aulas. Além disso, quando a

professora aprofundava os conhecimentos de técnica dos nados, sobre a pedagogia de ensino e suas funções biomecânicas/fisiológicas, eu refletia sobre outras questões que até então ela não abordava. Fiquei curioso, por exemplo, em compreender o sentido da natação às pessoas que praticavam em seus momentos de lazer e não somente entender os gestos e a biologia que a sustentava.

A partir dessa “curiosidade” iniciei um processo de leituras para a inserção no mestrado acadêmico, principalmente, de STIGGER (2002; 2005) relativos aos significados da prática esportiva que dialogava acerca da diversidade no esporte para pessoas comuns em seus momentos de lazer, o que, de certo modo, balizou minhas inquietações em relação ao universo esportivo. No entanto, foi a partir das disciplinas cursadas durante minha trajetória de mestrando que consegui compreendê-los e usufruir de suas compreensões. Durante esse processo também compreendi como o esporte é apropriado e resignificado pelos diferentes atores (MARQUES EL AL, 2007). As leituras foram importantes, no primeiro momento, para compreender o universo heterogêneo das significações que os contextos esportivos possuem.

Nesse contexto, eu escolheria como objeto de estudo a natação, pois acreditava que ela possuía diferentes modos de interação, partindo da lógica que era de acordo com o que estava encontrando nas leituras. No primeiro momento, pensei em pesquisar as aulas em uma escola de natação, entretanto, aos poucos, distanciei-me da ideia em virtude da falta de assiduidade dos alunos e pela grande maioria deles não vivenciarem os momentos competitivos.

Definido que a natação seria o *locus*, especifiquei em compreender os chamados “másters” desse esporte. Essa escolha foi determinada após minha participação em dois campeonatos estaduais realizados em Porto Alegre. Percebi que, naquele ambiente, as pessoas treinavam e competiam por diferentes motivações: algumas gostavam das viagens, outras das medalhas, do clima descontraído, das confraternizações, entre outros. Percebi, naquela ocasião, um grupo esportivo diversificado, em que as idades misturavam-se e que as pessoas se relacionavam de formas peculiares. Pensava, então, nos diálogos “à borda da piscina” e nas discussões na universidade: como isso acontecia no esporte?

No intuito de compreender o “como”, os autores foram importantes para eu iniciar um processo de distanciamento com o tema, pois, a temática é muito familiar, com isso passei a estranhar também a natação e os máster. Para uma não



contaminação e a perda de uma interpretação que me auxiliasse percebi que o processo de estudo deveria se transformar de familiar ao exótico<sup>1</sup>.

A partir das discussões propostas no decorrer do trabalho, trago discussões acerca da heterogeneidade do esportivo e parto, *a priori*, de que meu campo de estudos se constitui heterogêneo. Na primeira parte do capítulo, demonstro como elaborei as questões da pesquisa através de subsídios obtidos em diversos trabalhos, os quais me ajudaram a pensar na diversidade esportiva. Além de relatar algumas experiências particulares com a natação, refletindo sobre sua pluralidade, num segundo momento, apresento um panorama de pesquisas relacionadas à natação máster – nesse tópico, procuro pensar sobre algumas aproximações possíveis do trabalho de campo com a literatura.

Assim, articulando as leituras com minha trajetória com a natação, o objetivo do trabalho é compreender os significados da natação competitiva para praticantes máster em um clube da cidade de Porto Alegre.

Como forma de refletir sobre o objetivo a metodologia escolhida foi à etnografia que se mostrou adequada para pensar os significados, os modos de vida dos indivíduos e suas relações sociais (GEERTZ, 1989). Dividi a escrita metodológica em dois momentos “a borda da piscina” e “de dentro da piscina”. Ambos tiveram relativa expressão nos momentos de observações com os máster e puderam mostrar meu processo de experiência pessoal. Além disso, nesse tópico relato como foi o processo de inserção e negociação no clube, mostrando como cheguei até ele e seu desdobramento entre as pessoas que precisei dialogar e os mecanismos que tive de usar para compreender o fazer etnográfico.

Assim, após um período de dez meses de trabalho de campo com os nadadores máster, observando e participando da equipe como nadador pude organizar os dados presenciados para iniciar a construção do trabalho que se divide em cinco capítulos.

O primeiro capítulo aborda o local onde o estudo foi realizado, trazendo elementos sobre o clube, suas características e o descrevendo em detalhes para mostrar ao leitor em qual espaço a natação máster é desenvolvida. Além disso,

---

<sup>1</sup> Tal conceito é explorado na pesquisa de Gilberto velho (1978) que demonstra como exotizar/estranhar o familiar. No capítulo metodológico explorarei o universo entre o distanciamento e a pesquisa de campo.

relato a piscina onde os nadadores treinam e como esse espaço social e esportivo está pautado por diferentes lógicas de apropriação.

No segundo capítulo descrevo a equipe, seus participantes e as características que mais chamaram atenção no decorrer do trabalho de campo. Também, nesse tópico, explico como ocorre a inserção de determinadas pessoas na equipe, entre sócios e convidados, trago, além dos aspectos mencionados, uma interpretação de como consegui dividir e classificar a equipe em subgrupos que se mostraram importantes para compreender a dinâmica das relações e os significados.

No terceiro capítulo abordo a efetivação dessa equipe, descrevendo a rotina diária, semanal e mensal entre as os treinamentos, competições e confraternizações. Nesse tópico, tentei demonstrar um espaço de convivência entre os nadadores e seus momentos anteriores a chegada e saída da piscina. O que, de certa forma, me auxiliou a compreender que existe um espaço e de rotinas que ocorre fora do ambiente das piscinas.

No capítulo quatro mostro as diferentes apropriações entre os significados de nadar entre os nadadores da equipe a partir de duas falas nativas “O objetivo da natação é a competição” e “A natação máster é um pouco mais ligh”. O que percebo no decorrer do trabalho é a existência de uma heterogeneidade interna no grupo e que a atribuição das significações possuem conflitos e diferenças em relação a prática esportivo. Assim, construo e tópico dialogando com alguns trabalhos que me auxiliem a compreender essa dinâmica. Ao final, descrevo o que está entre as duas dimensões: a participação, espírito de equipe e a assiduidade dos participantes.

Por fim, o quinto capítulo demonstra as relações que existem na natação máster entre as diferentes faixas etárias e como elas se constroem nesse universo. Além disso, procuro descrever as lógicas das categorias máster mostrando as peculiaridades dos revezamentos e como isso ocorre efetivamente no cotidiano dos máster, dialogando com o conceito de geração e estabelecendo relações entre as idades.

Esse trabalho foi construído a partir de vários questionamentos e que, no decorrer do processo, as dúvidas foram aumentando, sendo trocadas e constantemente discutidas. Os capítulos referidos são interpretações do que eu pude ter contato nesse longo período de pesquisa etnográfica. Assim, compreendo também que existem limites e o que apresento ao leitor é uma pequena parcela do

universo máster que pude observar, dialogar com dados empíricos, referencias no campo dos esportes e da Educação Física.

## PROBLEMATIZANDO A PESQUISA

---

Nessa parte, no primeiro momento, procuro demonstrar trabalhos que dialoguem com a heterogeneidade do esporte, as discussões estão, em suma, com amparo na antropologia e na sociologia. Além disso, procuro compreender, através das inquietações levantadas, como pode ocorrer a diversidade entre um grupo esportivo específico. No último tópico abordado do capítulo, apresento um panorama de trabalhos referentes a máster/veteranos que considero significativos para reflexões e apropriações em diferentes modalidades esportivas que, por fim, levaram-me ao problema de pesquisa.

### 1.1 HETEROGENEIDADE DO ESPORTE

A diversidade dos contextos esportivos, as ressignificações dos praticantes, o modo que vivenciam o esporte e a pluralidade de significados foi o ponto de partida para buscar reflexões primárias sobre a pesquisa. A diversidade dos contextos esportivos me auxilia a compreender as diferentes apropriações das pessoas comuns em seus momentos de lazer. Muitos trabalhos já trataram dessa dimensão e, por isso, não delimitarei a discussão somente por esse caminho, mas também por minha trajetória como nadador e professor de natação.

Após a leitura do trabalho de Stigger (2002) sobre a diversidade esportiva no lazer, fui instigado a problematizar o campo de estudo dos máster, com o olhar voltado ao cotidiano, aos significados de diferentes grupos sociais/esportivos e como se apropriam das práticas. O olhar de Stigger para os grupos em que pesquisou apresentou uma diversidade entre os significados que são atribuídos e que o esporte se constitui de forma heterogênea. O autor observou três grupos (dois de futebol e um de voleibol) e notou que existiam diferentes modos de vivenciar o esporte. Um exemplo era o Caídos na Praia (futebol) que possuía uma dinâmica de jogo adaptada aos seus objetivos, ou seja, eles jogavam sem arbitragem (juiz), no entanto, seguiam as regras oficiais do jogo. Além disso, algumas ficavam de fora, como o “impedimento”, as faltas e marcações eram efetuadas pelos próprios jogadores e por quem estava próximo. Isso causava conflitos de interpretações, porém, todos tinham autoridade para efetuá-la. Ficava, portanto, decidido por

alguém que estivesse mais perto da jogada, já que teria uma interpretação mais apurada.

Esse exemplo demonstra, de certa maneira, que perceber a dinâmica dos grupos só foi possível a partir de um olhar 'de dentro' dos grupos pesquisados. Assim, tomo de empréstimo os questionamentos do autor para minha pesquisa: "em que medida isso acontece, como isso ocorre e com que características isto se materializa" (STIGGER, 2005, p.79).

A diversidade esportiva também foi encontrada no trabalho de Padiglione (1995), que critica o esporte a partir da homogeneidade, ou seja, as práticas esportivas não representam uma única manifestação e ideologia. O autor, no decorrer do texto, aborda questões relacionadas à heterogeneidade dos contextos esportivos e a partir de problemas de definição conceitual do esporte. Sua reflexão é que existam três elementos clássicos que o constituem (jogo, competição e habilidade física). Essa classificação – se necessária - acaba por reduzir as variabilidades e apropriações dos atores envolvidos no processo, o que resulta em uma debilidade classificatória e que em diferentes culturas pode ser mutável.

Quando Padiglione (1995) refere-se à lógica do esporte na noção da atividade lúdica a partir das regras, relata uma experiência pessoal sobre natação relacionada a seu filho em uma escola em Roma:

Quando meu filho tinha cinco anos, eu o inscrevi em um curso de natação em uma piscina de Roma. Ele não havia pedido e não passou muito bem, porque o obrigaram durante toda uma hora a percorrer o comprimento da piscina, de cima a abaixo, com o fim de aprender mais rápido possível os diferentes estilos. Sua mãe e eu havíamos colocado na natação porque pensávamos que seria bom para sua saúde. Meu filho Mario naquela piscina fazia esporte? Sua atividade não era voluntária nem lúdica, e por sua vez seria ridículo não classificá-la de esportiva. Para entender o que aconteceu, temos de levar em conta uma nova realidade. Os discursos, o compromisso pessoal, os mesmos prazeres de muitos atletas passaram de dinheiro para jogo preliminar ao treinamento duro. Assim, alguns esportes têm experimentado uma redefinição e outros nasceram deixando o pavilhão e estrutura pública, local de treinamento, ser constituídas em todos e para todos, no cenário esportivo (PADIGLIONE, 1995, p. 32-33, tradução minha).

A partir dessas considerações, surgiram dúvidas, por exemplo: os nadadores máster, que desenvolvem a sua atividade como uma prática de lazer, treinam e competem com a mesma perspectiva de atletas profissionais? Essa prática está vinculada a que sentidos? Como isso acontece?

Na tentativa de refletir sobre essas questões, o trabalho de Bourdieu (2004) me auxilia a entender a lógica do espaço social em que as manifestações esportivas estão inseridas, reconhecendo a posição que o esporte ocupa no espaço dos esportes e como os capitais influem no campo esportivo. Para o autor, os capitais (esportivos, sociais, simbólicos, econômicos e culturais) estão inseridos em um ambiente relativamente autônomo e com estrutura própria que depende da oferta do universo particular. Bourdieu, a meu ver, defende uma disposição social para a prática esportiva, ou seja, se predetermina sua probabilidade de praticar determinados esportes. Como exemplo, cita o golfe e o tênis, nos quais o capital econômico e cultural é mais elevado do que o capital propriamente esportivo. Isso indica que o campo das possibilidades configura o estilo de vida através do nível de afinidade social. O que resta, portanto, é uma disposição que estabelece diferenças em espaços sociais e, por que não, esportivos (BOURDIEU, 2003).

Nesse sentido, o trabalho de Marques *et al* (2007) me auxilia na compreensão do universo esportivo a partir de manifestações heterogêneas e as apropriações polissêmicas dos atores envolvidos. A lógica, no meu entendimento, é que ele sustenta existir um sentido em se praticar esporte, no entanto, devemos observá-lo como um fenômeno complexo.

A lógica do fenômeno esportivo através da complexidade exige pensarmos nele não isoladamente da sociedade e sim como influência sobre os hábitos, transmissor de valores e sentidos à prática.

Articulando os autores citados com o que consultei sobre o universo dos máster de natação seria possível desconsiderar o esporte a partir de uma noção homogênea. É nessa perspectiva que tentarei defender no decorrer do texto e demonstrar como o a natação máster possa ser pensada através da pluralidade e mais do que isso, demonstrar a partir do trabalho empírico que a pesquisa desenvolveu como um grupo esportivo se constitui heterogêneo. E é nesse desdobramento que no momento seguinte mostro como minha experiência pessoal está diretamente ligada a pesquisa.

Durante minha trajetória de nadador, participei de diversas competições de natação, entre elas fiz parte do circuito de competições dos másters, chegando a participar no total de duas competições oficiais. Minha percepção desse universo era de um grupo plural. Um exemplo disso era a faixa etária dos praticantes: já se poderia ser atleta máster com vinte anos de idade. Isso porque, na natação, as

categorias se dividem da seguinte maneira: pré-Máster (20 a 24 anos), seguindo com a Máster A (25 a 29 anos), Máster B (30 a 34 anos) e assim por diante, sempre com intervalo de cinco anos e aumento das letras do alfabeto. As categorias Máster vão até a Máster P (90 a 95 anos); após essa idade o intervalo continua entre os 5 anos (MÁSTERS, 2012). Não entendia como essa variação cronológica se materializava na prática e de que forma era encarada pelos praticantes<sup>2</sup>.

As categorias se constituem como centrais e importantes que definem, ademais, o que é ser um nadador máster e o que se espera de um praticante/competidor. Pude presenciar isso em algumas aulas de natação que ministrei durante meu processo de formação em ser professor de natação e Educador Físico.

No paralelo entre às competições eu atuava como professor de natação. Durante as aulas, eu percebia que, dentro de um mesmo espaço de aula, existiam diversos significados<sup>3</sup>. Por exemplo, em uma aula com dez pessoas: duas delas querem nadar para se manter fisicamente ativa, outras duas querem nadar para emagrecer ou ficarem esteticamente melhores, outras duas preferem nadar o máximo de metros possível e as últimas quatro preferem realizar uma atividade por lazer.

Os exemplos citados são lembranças de minha experiência, no entanto, mostram que, no espaço da natação, podem existir simultaneamente várias “natações”, assim como Mariante Neto (2009) encontrou os ‘boxes’ no plural, como uma transformação da lógica do esporte homogêneo somente do ringue (gym) para estender-se em academias como outra modalidade de boxe. O esporte era ressignificado pelos praticantes que não buscavam a luta como único sentido, mas, sim, a atividade física, o lazer e o corpo.

Esse olhar plural para a prática não reduz a possibilidade de estarmos falando da mesma natação a todos (não há dúvidas que os dez alunos praticavam natação).

---

<sup>2</sup> Essa questão será apresentada no último capítulo da dissertação, o qual demonstra como o conceito de gerações atravessa o ambiente dos nadadores máster e constrói significados entre os praticantes. Essa questão, inicialmente, não me pareceu relevante, mas em certo momento do trabalho percebi que as gerações estavam presentes nesse contexto social e esportivo. Além disso, a variação etária em uma equipe máster é extremamente heterogênea o que também constituía um grupo diversificado entre às idades, contudo, pergunto: como se constroem as relações sociais entre praticantes de idades tão diferentes na natação máster? Seria esse um dos elementos que a tornaria heterogênea? Tais dúvidas surgiram a partir do trabalho de campo e suscitaram diferentes leituras sobre o conceito de gerações que sustento e faço reflexões nos capítulo cinco da dissertação.

<sup>3</sup> Isso se materializa em minha trajetória enquanto professor, há seis anos, nas modalidades de natação, hidroginástica e natação infantil.

Transferindo essas lembranças para o cenário dos máster de natação e a dimensão competitiva que existe nesse espaço, faço as seguintes perguntas: O que leva as pessoas a praticarem natação, competitivamente? A partir da inserção em uma equipe as pessoas devem competir?

Pensando sobre essas questões, os trabalhos que seguem fazem parte do universo máster, procuro não condensar as análises somente por minha aproximação com a natação, portanto, no próximo tópico, trago um panorama de trabalhos referentes à natação e (ou) másters/veteranos no cenário sociocultural para me auxiliarem a contextualizar de qual universo estou pesquisando.

## 1.2 NATAÇÃO MÁSTER: UM PANORAMA

Nessa parte da dissertação, realizo um panorama sobre o que se está dialogando a respeito da natação máster/veteranos no cenário sociocultural. Com objetivo de compreender esse contexto, os autores consultados abordam diversas temáticas em relação ao tema, porém, a partir das observações iniciais a discussão dividiu-se em quatro eixos para reflexões, são eles: a sociabilidade, o corpo, a seriedade e a competição. Creio que o panorama sustenta-se pela lógica de estranhamento com o que estou percorrendo. Além disso, meu posicionamento será por meio de tensionamentos para o campo de pesquisa. Iniciarei com trabalhos que direcionem o olhar para a sociabilidade e as práticas corporais.

A natação máster foi observada no trabalho de Devide e Votre (2000), que teve como objetivo identificar as representações sociais sobre a prática competitiva da natação máster. A sociabilidade não fica descrita como categoria no trabalho, no entanto, o discurso em relação ao ambiente social dos másters proporcionava sociabilidade para o grupo pesquisado. Concluiu-se que o envelhecimento, a manutenção da saúde, da autonomia e o círculo social, são elementos que constituem o discurso dos nadadores.

Essas possibilidades de vivenciar a sociabilidade dentro de um grupo esportivo também foram encontradas no trabalho de Soares (1995) com nadadores másters. O autor cita o exemplo do atleta Gastão, que encontrou na natação uma forma de não isolamento social, ou seja, quando ele viaja para as competições com os colegas de equipe e melhora sua colocação e tempos, isso o auxiliava a fugir do



isolamento imposto pela sociedade<sup>4</sup>. Outro aspecto que chama à atenção é a forma com que os praticantes lidam com a competição, pois não é somente para colecionar medalhas e, sim, um combustível que alimenta o universo dos másters.

Mas, para os Másters, a prática sistemática não representa uma 'vitória'; representa simplesmente treinamento para as competições. Competir, colecionar medalhas, definir metas de rendimento, reencontrar amigos e adversários parece ser o combustível que alimenta as pessoas envolvidas nesta modalidade. O grupo de másters bem serve como antídoto para isolamento, esses atletas promovem confraternizações, além da rotina de encontros realizados à beira da piscina e vestiários. Participar de competições assume, para esses novos "atletas idosos", o significado de vencer os limites que a degeneração biológica e os estigmas sociais impuseram aos velhos (SOARES, 1995, p.24).

O trabalho de Romero e Orlando (2006) com nadadoras idosas teve como objetivo pesquisar a contribuição da natação máster na identidade social, permitindo a melhora da autoestima de mulheres. Nota-se que a sociabilidade faz parte da rotina das idosas máster, isto é, o convívio em grupo traz benefícios individuais: essa convivência nas confraternizações e competições foram elementos para uma desconstrução social da mulher idosa máster.

Relacionando os autores com a sociabilidade, ela apresenta-se como uma expressão dos másters. O convívio com outros atletas, a rotina dos treinamentos e as competições são fatores que atravessam o modo de vivenciar esse universo. Entretanto, pensando em meu campo de pesquisa, a sociabilidade daria conta de entender o porquê esses indivíduos escolhem uma prática esportiva que exige treino e dedicação do ponto de vista somente da sociabilidade? A competição, pelo que foi consultado é um ambiente que proporciona um encontro com outros praticantes, mas isso é suficiente para entender como acontecem esses arranjos e os significados que estão presentes nesse contexto? As questões levantadas são estranhamentos que observo a partir das leituras relacionando com o campo de pesquisa. Além disso, elas refletem por um ponto de vista mais reflexivo do que crítico.

Outra discussão advinda do panorama é a questão do corpo dos nadadores e como eles constroem significados particulares nos treinamentos e competições. A

---

<sup>4</sup> Soares aborda que a sociedade imprime de certa forma uma sociabilidade diferenciada aos "velhos", isto é, uma sociabilidade que isola os mais velhos e com a natação másters isso tende a diminuir. É um processo no qual as competições, as medalhas e as viagens são combustíveis para se manter o espírito social ativo dos másters de natação.

natação máster, nessa lógica, foi observada nos trabalhos de Devide e Votre (2000) e Soares (1995). A longevidade a partir da noção de saúde, da melhora das aptidões físicas e das valências motoras proporcionam acúmulos de capitais, tanto físicos quanto simbólicos. Referem a fantasia de que o corpo e sua manutenção com a prática da atividade física têm relações e pode ser a busca do não envelhecer, a partir de uma ideia de imortalidade.

Os corpos, a partir de suas diversas características vão à contramão do discurso do envelhecer. Uma delas é o que Soares (1995) apresenta como o ato de querer envelhecer para ganhar, ou seja, os nadadores pesquisados por ele têm o objetivo de trocar de categoria, pois quando os atletas envelhecem significa maiores possibilidades de vitória.

A lógica de corpo, a partir dos significados, também foi observada na pesquisa de Caetano Júnior (2011). Seu objetivo era compreender como se constrói o *habitus* esportivo do nadador máster. O autor aborda que o corpo treinado regularmente é uma forma dos másters avançarem na idade sem se sentirem mais velhos, ao ponto de compararem seu capital corporal com os mais novos ou pessoas da mesma idade que não fazem atividade física.

Imaginar uma “fantasia de imortalidade do corpo”, como sugere Soares (2005, p.22), é perceber que o adjetivo “velho” não segue os mesmos padrões quando falamos dos nadadores máster. Compreender o corpo a partir dos significados construídos entre os praticantes exige a lógica de estar “em forma” aos 60, 70 anos. Tal lógica pode ser um modo de eternizá-lo como saudável e ativo. Porém, ao mesmo tempo, pensar o corpo apenas pela construção de significações não seria reduzir sua complexidade? Será que para um nadador máster o corpo pode ser um instrumento de diferenciação dentro da equipe? De qual corpo estamos falando? Pensando na perspectiva da autonomia e “adestramento” das técnicas do corpo, os indivíduos usariam de maneiras diferentes os seus corpos para treinar e competir? Na competição de natação máster, qual o corpo se espera de um indivíduo que se dedica a essa prática esportiva e o “mostra” nesses eventos?

Essas dúvidas em relação ao corpo suscitam em mim, inevitavelmente, o desejo de abordar a competição e como esse espaço social e esportivo, frequentado e ‘disputado’ entre os praticantes, pode ser pensado diante da seriedade no esporte. Minha dúvida é: por que os másters treinam e competem com tanto interesse e como esse investimento (corporal, financeiro e tempo) atravessa o espaço de lazer?

Não é difícil observar em uma competição máster de natação pessoas competindo por diferentes significados. Isso pode ser um consenso, entretanto, de que forma essa competição opera enquanto formador de significados? De forma resumida, minha inquietação é: o que faz indivíduos competirem e contra quem eles competem? Contra adversários ou para superar seus próprios limites?

No intuito de refletir sobre essas questões, a seriedade no esporte máster/veterano foi observada nos trabalhos de Oliveira (2011), Myskiw, Pacheco e Freitas (2011) e Pacheco (2012). Ela é apresentada no estudo de Oliveira (2010) com corredores, os “Loucos por Corrida”, pode-se compreender que o esporte tem sido contrastado como um lazer “casual” e “não sério”, que são considerados menos substanciais e não oferecem carreira de forma descrita. No entanto, o autor relaciona o sentido da prática com o resultado, com o treinamento e o processo da própria corrida. Ele observou, então, que essas realizações entre a seriedade atravessava o lazer das pessoas que corriam e de certo modo vivenciavam esse ambiente porque era concedido um sentido a prática.

Myskiw, Pacheco e Freitas (2011) tiveram como objetivo compreender os significados envolvidos no futebol de várzea da cidade de Porto Alegre. A partir dos dados analisados, concluíram que a seriedade no esporte veterano - como rede de sociabilidade masculina - proporcionava um lazer compromissado frente aos colegas de equipe. Essa seriedade apresentada através da discussão do “jogo pegado” demonstrava a preocupação em institucionalizar a várzea e entender o sentido do jogo. Os autores interpretaram que esse ambiente atravessava várias interpelações, entre elas “jogo pegado na bola”, “jogo pegado no corpo” e “conjunção de incitações”. Essa busca se intensificava os significados e, ao final do texto, concluem que “o jogo pegado” envolve uma disposição para o uso do corpo, um lazer para quem tem experiência futebolística e que esse espaço masculino de jogar futebol de várzea faz sentido aos praticantes, reconhecido como “bom” e fortalece o sentido de pertencimento de grupo.

Em sentido semelhante, Pacheco (2012) encontrou em seu trabalho que a seriedade atravessava os significados do contexto de sua pesquisa. A representação da seriedade era observada pelas jogadoras do time *Moinhos* que, ao perderem uma jogadora de uma posição, logo ficavam preocupadas com a reposição de uma atleta de “nível bom”. Entre os contornos da liga máster e o cotidiano das jogadoras, Pacheco (2012) observou na fala de Ana – jogadora da

equipe – que “nos dias em que o nível estava muito baixo me fazia sair extremamente irritada dos treinos” (PACHECO, 2012, p. 91). A partir dessa fala percebo a seriedade do time e a competição entre as preocupações, embora ela não fosse compartilhada por todas as jogadoras da equipe.

A pesquisa de Romero e Orlando (2006) interpretou a seriedade de maneira diferente. Para as nadadoras pesquisadas, o fator competir era consequência dos treinamentos e que levavam mais a sério as confraternizações, o encontro com os colegas de treino e as competições do que propriamente a prova competitiva na piscina. Na pesquisa de Devide e Votre (2000) e Soares (1995), percebo que os autores defendem a posição legítima de superação dos próprios limites e poucas vezes o ganhar do adversário. Os másters treinam, dedicam-se e competem, entretanto, essa prática é percebida como um “evento social”.

Enfim, a partir dos trabalhos consultados percebo que, dentro de um espaço esportivo, pode existir uma relação entre seriedade e sociabilidade (jogar sério e/ou se divertir), ou seja, o compromisso e a confraternização atravessam os significados de ser máster. O compartilhamento de códigos aparece como representações a partir da realidade vivenciada pelos atletas. Além disso, essas questões abarcam a dimensão do lazer das pessoas comuns que constroem significações peculiares de suas práticas.

Os trabalhos apresentados no decorrer do panorama observam que ser máster é um modo de vida na qual as pessoas procuram estar com as outras, mas que, de certa maneira é compartilhado entre: a seriedade, os significados do corpo e as competições. Portanto, esse universo pode ser pensado através de uma polissemia, em que as “natações” coexistem como manifestações das representações e vivências apropriadas pelos atores sociais. Todavia, seria isso suficiente para entender esse microuniverso complexo? Essas relações entre a seriedade, sociabilidade, competições e o corpo mostram que nos contextos estudados a análise “de dentro” pode ser o mais adequado para as dúvidas que essa pesquisa suscita. Portanto, meu trabalho apresenta um grupo particular de estudo para compreender os significados que a natação possui a seus praticantes, tendo a lógica de pesquisas antropológicas para me auxiliar no desenrolar de minhas interrogativas da problematização. Além disso, procuro através do referencial proposto tensionar o que já foi pesquisado e ter meu olhar voltado as relações e como se constituem enquanto um grupo esportivo.

Assim, articulando o que foi mencionado anteriormente, no próximo momento apresento o problema de pesquisa.

PROBLEMA DE PESQUISA:

**Quais os significados que estão envolvidos em uma equipe de natação máster competitiva de um clube de Porto Alegre e como sustentam e negociam a prática esportiva?**

Perguntas auxiliares para resolução do problema de pesquisa:

- Como estão organizados os tempos/espacos onde a natação máster é desenvolvida?
- Como é a rotina dos nadadores máster?
- Quais os significados estão envolvidos na prática da natação máster?
- De que forma é observada as competições pelos nadadores máster?

O problema e as perguntas auxiliares são embasadas a partir dos questionamentos propostas na problematização, de minhas inquietações e as questões que o campo de pesquisa demonstrou. Com intuito de resolvê-las/compreendê-las, no momento seguinte, apresento de que forma isso é realizado na metodologia. O cuidado que tive foi de realizar uma metodologia descritiva de meu percurso como pesquisador e mostrar as peculiaridades de meu fazer etnográfico 'da borda da piscina' e 'de dentro da piscina', os quais foram decisivos no trabalho de campo.

## METODOLOGIA DO ESTUDO - DE FORA E DE DENTRO, UMA DISCUSSÃO SOBRE O PERCURSO ETNOGRÁFICO

---

Para dar suporte à resolução do problema de pesquisa e a minhas inquietações com o campo, optei pela etnografia como metodologia do estudo. Nesse sentido, procuro descrever meu percurso metodológico e como ele foi decisivo para a compreensão do grupo, dos indivíduos e suas relações com o esporte<sup>5</sup>. Atualmente, a etnografia não é limitada à antropologia, pois outras áreas do conhecimento a tomam de empréstimo para suas pesquisas. Na Educação Física, estudar o esporte a partir de um “olhar” etnográfico auxilia a perceber o espaço social que está sendo estudado e estabelecer reflexões sobre os significados da prática esportiva.

A escolha pela etnografia deveu-se, primeiramente, por compreender que o universo esportivo (particular) que procurei observar pudesse dar conta de responder minhas inquietações. Logo, no projeto de pesquisa, procurei trabalhos que relatassem a rotina de nadadores máster e, como foi apresentado na problematização, não foi possível encontrar algum que tivesse alta relevância em relação a trabalho de campo (empírico). Portanto, minha escolha pela etnografia faz-se necessária, desde o momento em que comecei a pensar nos significados de forma mais ampla. A observação participante me parece um importante instrumento para produção de dados enquanto o campo ocorria e quando terminasse. Nesse contexto, muitas vezes, a etnografia esteve presente como um divisor, pois, se de um lado, eu conseguia me manter próximo às pessoas pelas observações, por outro lado, “seduzia-me” a cada dia pelas braçadas e pelos intermináveis momentos de cansaço e “bate-papos” dentro da piscina com os praticantes. Como foi minha primeira experiência com esse processo, hoje acredito que poderia definir melhor algumas estratégias no decorrer de um período de dez meses de trabalho de campo.

Essas estratégias passariam desde minha ansiedade na inserção no campo, as dificuldades iniciais em me relacionar com os praticantes, minha ausência em

---

<sup>5</sup> Para Silva (2009), a metodologia da pesquisa deve ser descritiva como “chegamos lá”, expor as dificuldades, as habilidades de negociação em campo e permanência. Essa construção é dicotômica, de múltiplas facetas, no qual o trabalho do etnógrafo é sempre inacabado e passa a ser uma “versão” do que aconteceu no ambiente pesquisado e os significados interpretados pelo etnógrafo. “Trata-se de pensar a etnografia como um relato de uma experiência conflituosa de um observador, condição para o entendimento do que foi observado” (SILVA, 2009, p. 187).

determinados eventos e treinos e também em situações em que me coloquei mais como aprendiz de etnógrafo do que pesquisador. Essas atitudes foram questionadas por mim e por meu orientador, que, por incontáveis momentos, alertava-me de minha ansiedade na realização das entrevistas e por minha ânsia em definir determinados conceitos que o campo demonstrava.

No entanto, aos poucos, fui percebendo que meus erros e também minha ansiedade faziam parte do processo etnográfico. Aprendi com eles a não fazer ou fazê-los diferentes. Nesse sentido, a etnografia foi determinante em minhas observações na rotina dos máster de natação. Assim, o tempo de permanência de campo ocorreu de duas maneiras. Primeiro, eu observava a equipe e os treinos com olhar distanciado - foi o que chamei “da borda da piscina”. Após, eu buscava um olhar mais próximo aos nadadores máster, quando pude ter a experiência de me sentir um membro da equipe, o que chamei “de dentro da piscina”<sup>6</sup>.

Nessa divisão do meu modo de observar as pessoas e suas relações no esporte ocorreram momentos em que estive “refém” do treinador: fui observador, fui observado, virei nadador da equipe, presenciei as relações sociais entre os praticantes, relações de poder, conflitos, união, desunião, amizade dentro e fora do clube, confraternizações. Enfim, foram diversas situações em que me atuei como pesquisador/participante da equipe, outras vezes era como um estranho.

As informações descritas fazem parte da minha escolha metodológica e das minhas observações dos participantes que estiveram presentes no decorrer do trabalho de campo. Os trabalhos etnográficos interpretativos - principalmente o de Wacquant (2002) - foi inspirador para meu percurso de experiência pessoal. Minha escrita procurou sustentação também nas ideias de Geertz e a interpretação dos dados. Para esse autor, etnografia é “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever dados, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário” (GEERTZ, 1989, p. 15). É procurar entender uma “hierarquia estratificada de estruturas significantes” nas quais as ações são produzidas, percebidas e interpretadas (GEERTZ, 1989). Além disso, procuro mais do que interpretar o

---

<sup>6</sup> Essas formas de pensar, dividindo meu olhar ‘de fora e de dentro’ sobre os indivíduos e o esporte não foi realizado de forma intencional, mas, sim, de acordo com os acontecimentos do campo que acabaram moldando minha maneira de fazer etnografia e aprender que mais importante do que estar presente, é participar, escutar, falar e nadar com eles, provavelmente sem esse envolvimento posterior muitas das informações da dissertação não ocorreriam. Além disso, só foi possível essa ‘divisão’, após a leitura atenta dos diários de campo.

universo e suas situações: objetivo em descrever densamente meu processo de observação, como sugere Geertz (1989).

Porém, perceber a equipe por esse olhar semiótico, o qual propõe Geertz, foi sempre um desafio, pois, ao mesmo tempo em que os observava e me relacionava, também estava negociando o meu acesso e a minha permanência. E essas negociações foram importantes para minha permanência em campo e comecei a perceber que não era somente a observação, mas, sim, o que Cardoso de Oliveira (2006) argumenta como olhar, ouvir e escrever ações que atravessam a teoria e a prática etnográfica. Para o autor, esses três elementos analíticos relacionam-se entre a percepção e o pensamento.

Além disso, devem ser usados como uma estratégia para o distanciamento da outra cultura. Esse processo me ajudou em muitos momentos, como, por exemplo, quando, em muitas conversas com o treinador, eu não sabia se me posicionava em relação aos fatos discutidos. Algumas vezes, colocava-me como ouvinte, outras comentava a respeito - com cautela -, saía do campo e escrevia minhas interpretações da observação. Segue um trecho de uma conversa registrada no diário de campo, entre mim e o treinador, que estava, por hora, mais para ele falar e eu para escutar. Ressalto sua irritação e devoção pela equipe. Essa dualidade sempre esteve pautada em seu discurso quando conversávamos sobre a “sua” equipe de natação. O trecho a seguir é demonstrativo e será descrito e discutido densamente nos capítulos posteriores.

Treinador: Poh, Túlio, tu não sabe, já deu muita merda aí, cara. Teve uma vez que a galera tava me cobrando técnica e correções dos estilos. Daí, porra, tu tá com 40 pessoas nadando, não tem como ficar corrigindo todos eles. Deu o maior rolo. Daí meia dúzia de pessoas vieram me cobrar, esperei a hora da reunião. Bom, chegou essa hora, joguei tudo na parede, começaram a falar merda e logo falei que eu era “treinador” e não “professor”, quem quisesse e não tava satisfeito ia para as escolhinhas. Falei e fui embora da reunião, puto da cara. Depois me ligaram e disseram que era brincadeira o que eu tava falando, que não podia largar a equipe. Eu falei que tava se saco cheio mesmo, que botava meu cargo à disposição. Mas daí os caras, que é presidente agora, mas era diretor da natação na época me deu total apoio, junto com o diretor, e disse o mesmo que eu pra todos eu reunião. Foi decidido que só iria entrar na equipe quem já sabia os fundamentos básicos. Essa mulher ai que tu viu eu corrigindo é porque ela entrou a convite da Jaqueline, que tem certas intrigas com o pessoal aqui e comigo também, cada um no seu respeito, mas que sim, ela trouxe a mulher e deu merda de novo. É foda, professor. Mas daí eu fiquei, a equipe reduziu o número que



era gigantesco – mais de 100 atletas – para uns 60 atletas máster e daí ficou bom de trabalhar. (DC, 25/03/2013)

Lembro que, logo após sua fala, não sabia o que dizer, fiquei com vontade de emitir a minha opinião, mas também constrangido. Era um momento tenso em sua narrativa, estava me mostrando como era difícil ser técnico nesse clube e como as pessoas possuíam poderes que iam além do seu como técnico, mas que deveriam se ajustar a ele. Enfim, meu trabalho como pesquisador não é julgar se é bom ou ruim, mas, sim, compreender essas relações e quais os significados que ela tem para os praticantes.

Sendo assim, o texto que segue faz parte de meu percurso metodológico, como me inseri no clube e na equipe, os primeiros contatos com os nadadores e a escolha de indivíduos para entrevistas semiestruturadas. Além disso, procuro, nesse capítulo metodológico, demonstrar como minhas escolhas e decisões foram confrontadas e analisadas conforme o trabalho de campo foi ocorrendo. Portanto, decidi descrever os dois momentos em que passei em campo, desde a “borda da piscina” até “de dentro da piscina”, ambos em que eu tive percepções distintas.

Durante essa interlocução, fiz o uso da observação participante<sup>7</sup>, bem como autores que me auxiliam a compreender a etnografia como um método estratégico de pesquisa<sup>8</sup>. Nesse sentido, no próximo momento, mostro como me inseri no clube e os primeiros detalhes do trabalho de campo.

Quando pensei na realização da pesquisa, sabia que deveria ter livre acesso e que eu pudesse ir ao local de investigação e vir dele com facilidade. Winkin (1998) acredita que as observações devam ser sistematizáveis, pois é preciso ir e voltar muitas vezes até o campo e deve-se ter livre acesso e que se saiba que determinado lugar de escolha não acabará.

Sendo assim, escolhi realizar o trabalho de campo em um clube e não em uma escola de natação, e isso pode ser justificado por minha experiência em trabalhar em escolas de natação e participar de competições, pois, nesse período, percebi que o comprometimento dos clubes nos treinamentos e campeonatos é

---

<sup>7</sup> “A observação participante consiste na vivência do investigador, por um longo período, no contexto que pretende investigar; é nessa experiência que ele – um estrangeiro no universo cultural em que está agora envolvido – estará em contato com os modos de vida nos quais estão presentes diferentes sistemas de significações, valores e comportamentos sociais que é preciso desvelar (STIGGER, 2007, p.39)”

<sup>8</sup> Magnani (2002) aborda que é importante pensarmos a etnografia como uma estratégia e não como um método, pois se o nosso “olhar” sobre ela estiver pautado de pré-conceitos, a probabilidade de deixarmos os “sentidos” reais, simbólicos, etc., de indivíduos de carne e osso é grande.

maior do que às chamadas “escolinhas”. Além do mais, um clube é mais institucionalizado e as escolinhas têm participações circunstanciais nos momentos competitivos. Portanto, foi uma escolha acadêmica e diretamente relacionada à pesquisa.

Decidido que seria em um clube, comecei a refletir em qual clube da cidade de Porto Alegre poderia ocorrer a pesquisa. A partir de contatos preliminares entre pesquisador e articuladores-chave foi possível delimitar qual clube escolheria. O clube selecionado encontrava-se com todas as características que eu necessitava: sistematicidade nos treinos, participação em competições no decorrer do ano e o fato da equipe existir desde 2004. Com essas características, a probabilidade de interrupção e/ou término seria mínima.

Após a negociação – que durou um mês – com meu facilitador para entrada em campo, compreendi que me inserir em um clube era uma tarefa complicada, por vários motivos: trata-se de um clube social de elite de Porto Alegre e o tempo que ficaria em campo seria longo, sendo que as pessoas não pareciam dispostas a ter um estranho observando a sua rotina em um clube particular.

Para que minha inserção fosse agilizada, iniciei um diálogo sobre a possibilidade de iniciar o trabalho o quanto antes. O primeiro contato foi via telefone, com o presidente do clube (eu já o conhecia), para apreender as possibilidades de efetivar as observações. Após a aceitação, mas com ressalvas sobre como faria para me “colocar lá dentro”, enviei-lhe um e-mail explicando minhas pretensões com a investigação e o tempo que eu precisaria observar no clube. Ademais, durante esse um mês de espera, ele comentava que, por mais que desejasse a realização de minha pesquisa, a burocracia deveria ser cumprida e realizada em todas as instâncias: reuniões, comissões e acordos finais com a Direção.

No decorrer dessa espera, sentia-me angustiado pela demora e por toda burocracia, e então resolvi que estava na hora de ir ao clube e ver o que acontecia. Como não avisei sobre minha presença, fiquei com receio de ser barrado na entrada. No primeiro telefonema, o presidente me falara que os treinos aconteciam no período do meio-dia e à noite; resolvi, então, comparecer no clube no primeiro horário. Segue um trecho de meu primeiro diário de campo e como foram importantes minhas impressões para saber que realmente seria a escolha adequada para a pesquisa.

Quando entrei na sala da recepção do clube, falei “Vim convidado pelo presidente e gostaria de assistir aos treinos da equipe máster de natação” O porteiro do clube olhou-me e falou “Você falou com o presidente?”. Ele analisou seu computador, apanhou o telefone e rapidamente foi atendido pela secretaria de esportes. O porteiro, após sua ligação para a secretária, liberou meu acesso ao clube. Provavelmente, ligou para o presidente com a intenção de confirmar meu apelo, no entanto, a ligação não foi efetivada, o presidente não atendeu. O porteiro anotou meu RG e me acompanhou até o complexo das piscinas, informando quem era o treinador da equipe máster.

Quando entrei, no primeiro momento, notei a arquitetura histórica, com muito requinte e com cuidados para manter a beleza do local. Fiquei assim alguns minutos, observando, pensando, “Tá, e agora, o que eu faço? Vou falar com o treinador ou fico apenas observando?”. Como minha presença não foi avisada anteriormente fiquei com receio de ser barrado. Logo de entrada, observei que a piscina do clube era aberta, deduzi que também era aquecida. O dia de hoje era nublado e bastante chuvoso.

Fiquei em volta do bar (em frente à piscina), sentado na cadeira e observando uma meia dúzia de pessoas nadando. A piscina tem 25 metros de comprimento e imprecisos metros de largura da visão do observador. Ela lembrava uma pintura, rodeada por azulejos brancos e com marcações azuis, da mesma cor que simboliza o clube. Fiquei parado por alguns minutos até a oportunidade de me aproximar do treinador e conduzir algumas palavras. E foi assim que começou: “Olá, meu nome é Túlio, vim a convite do presidente e pretendo fazer algumas observações dos nadadores máster. Tudo bem pra você?”. De imediato, ele fala “Claro que sim, seja bem-vindo, o que posso lhe ajudar?”. O treinador mostrou-se muito gentil, ficamos conversando por um período de uma hora sobre assuntos variados, mas principalmente sobre a rotina dos máster, a criação da equipe o e vínculo que ele possui com o clube no qual trabalha desde 2004 (DC, 13/03/2013).

Na segunda observação da equipe, eu já havia sido reconhecido pelo conselho e administração do clube como pesquisador. Recordo-me de que fiquei contente com a ligação e de quando o presidente do clube me avisou que o projeto fora aceito para as observações durante todo o ano. No mesmo dia, fui ao clube, agora autorizado para iniciar a etnografia. Segue mais um trecho do segundo diário de campo.

Um dia chuvoso e bastante frio. Logo pensei: “Provavelmente não terão muitos máster treinando com essa chuva e frio”. O presidente me avisou que teria de falar com a responsável pela secretária de esportes para realizar minha carteira de sócio. Quando entrei na sala, uma mulher me recebeu com sorrisos e me atendeu gentilmente. Ficou acordado que todas as vezes que fosse observar teria que pedir autorização para ela, pois não seria possível fazer um cartão de acesso com tantos dias e por um período tão longo.

Ao me aproximar da piscina do clube, pude observar muitas braçadas, o que me impressionou em um dia que fazia chuva, frio e estava em volta dos 15 graus. A piscina do clube é aberta, mas é aquecida. Havia mais ou menos uns 10 nadadores. Num primeiro olhar, percebi uma senhora de uns 50 anos nadando sem parar, acho que fazia uma série de longa distância. Ao me aproximar, cumprimentei o treinador. Falei para ele que meu acesso estava liberado e coloquei-me a sua disposição para qualquer auxílio. Ele ficou contente e disse que talvez me colocasse de vez em quando para dar treino quando ele não pudesse comparecer (DC, 20/03/2013).

Passados alguns meses de observações “da borda da piscina”, eu percebia que, quanto mais eu observava a rotina dos treinamentos, mais incompleta ficava minha percepção da equipe. Por vezes, não compreendia as relações que se estabeleciam e quanto mais pensava em compreender os significados da natação máster, mais dúvidas me cercavam. De algum modo, o trabalho de campo foi tomando certas proporções, algumas imagináveis e outras que eu não havia pensado *a priori*.

As imagináveis seriam que eu, provavelmente, ao me inserir no grupo, poderia participar como nadador máster, por meu capital esportivo e por ter vivenciado momentos competitivos no decorrer de uma extensa experiência de atleta de natação. As questões que surgiram a partir do campo - sobre as quais eu não havia pensado anteriormente - foram inquietações que observei no decorrer de minhas “nadadas” com os praticantes, o que se relacionava com o pertencimento a uma determinada classe social, às competições e como as gerações se relacionavam em um grupo esportivo com aquelas características<sup>9</sup>.

Esses *insights* só foram possíveis pela longa extensão do trabalho de campo que perdurou de março/2013 até janeiro/2014 e com periodicidade semanal que variava entre duas a três vezes por semana nos primeiros meses, mas que, posteriormente, foram decaindo para uma a duas vezes por semana. Em alguns momentos, não pude comparecer às sessões por dificuldades de deslocamento ao clube, mas compensava nas semanas posteriores. As observações efetivaram-se, principalmente, nos treinamentos semanais e nas competições. Os horários das observações eram sempre das 11h30min às 13h30min. Normalmente eu chegava ao clube com minutos de antecedência para tentar compreender mais a lógica de funcionamento da equipe antes dos nadadores entrarem na piscina.

---

<sup>9</sup> Essas questões serão discutidas nos próximos capítulos.

A longevidade do trabalho de campo proporcionou 50 diários de campo, totalizando 117 páginas de produção de dados das observações entre treinamentos, competições e confraternizações. O exercício de escrever o diário de campo com assiduidade todas as noites, era, naquele período, exaustivo. Se ele, por um lado, fornecia-me valiosas informações sobre o cotidiano dos praticantes, por outro lado, alguns pareciam não me dizer nada. O processo de escrita rigorosa sobre minhas interpretações passaram por períodos em que muitos diários se repetiram, mas eram logo saciados após longas cinco ou seis páginas de acontecimentos inéditos do campo. Isso se relaciona com o que diria Winkin (1998) sobre as três funções do diário: a função catártica, que é a emotiva e reflexiva; a função empírica, em que se anota tudo que chamar atenção durante as observações; e a função reflexivo-analítica, na qual as releituras serão constantes para a construção de regularidades encontradas nos diários.

No diário, também eram anotadas todas minhas impressões do campo, das pessoas e do local, ou tudo que me chamasse atenção. Estavam regularmente registradas as minhas angústias em relação aos participantes e o meu incômodo de não conseguir me desvencilhar do treinador. O diário era de uso pessoal, não era costume outras pessoas olharem, pois continham informações confidenciais de minhas interpretações do cotidiano.

Além do uso do diário, consegui acesso ao grupo pelos e-mails dos participantes da equipe, por onde pude observar a rotina virtual, contando com mais de 450 mensagens, em que eles tratavam de diferentes informações, como as participações nas competições, brincadeiras e combinações internas, brigas, declarações sobre o clube e a equipe, conflitos entre treinador e praticantes. Enfim, minha inserção por esse meio mostrou-me aspectos importantes sobre a rotina dos praticantes.

A partir desses contatos iniciais e algumas observações no campo, comecei a compreender a lógica de funcionamento do grupo. Entretanto, vale lembrar que minha inserção no grupo fechado de e-mails só aconteceu após a minha “entrada na piscina”, pois eu treinava sempre ao lado (dividindo raia) da pessoa que introduzia os novos membros da equipe no correio eletrônico. Esse fato foi importante, pois, provavelmente, sem meu envolvimento “de dentro”, isso não seria possível.

Após esses desdobramentos e começando a ficar mais próximo das pessoas, comecei a entender como a equipe se constituía. Ela é formada por sessenta

nadadores máster (homens e mulheres), a maioria treinava todos os dias, inclusive aos sábados. Os praticantes não possuem dias definidos para treinar na equipe e a lógica do clube pressupõe participação nas competições. Isso ficou muito claro desde as primeiras observações. As idades variam de 20 a 80 anos, o que eu percebi desde o primeiro dia. Porém, foi somente após a qualificação do mestrado que me aprofundei nas faixas etárias e na sua heterogeneidade para compreender o contexto particular.

Nos primeiros treinos, aproximei-me do treinador – que sempre me auxiliava com diálogos e bom humor – mas percebia que, em alguns momentos, a minha presença não era algo confortável para ele e nem para a equipe. Todos me observavam com desconfiança quando saíam da água, ou, mesmo nos momentos de paradas das séries, os olhares se voltavam ao “estranho que estava os observando”. Eu, normalmente, ficava constrangido com a situação, mas, aos poucos, minha presença foi se consolidando no campo e as pessoas me notavam e sabiam que estava fazendo uma pesquisa acadêmica. Assim como em outras situações, as desconfianças rondaram-me até eu entrar na piscina; após esse ocorrido, a relação com os nadadores ficou fortalecida.

Durante todo o período “da borda da piscina”, foram exatas 26 observações. Nesse espaço de tempo, observei a heterogeneidade das faixas etárias, as negociações e a forma de se inserir no clube, os conflitos internos da equipe, as características dos praticantes, o gosto pelo esporte e duas competições máster.

Após estar “dentro da piscina” - de julho/2013 a janeiro/2014 - compreendi mais a dinâmica da equipe e como as relações sociais de constituíam nesse espaço de lazer de pessoas comuns com o esporte. Creio que essa condição foi decisiva para descrever os detalhes do campo, enfatizando a experiência pessoal do pesquisador com as pessoas que observava até então.

Minha entrada na piscina aconteceu naturalmente, em um treino no qual apareceram poucos praticantes. Fui convidado a participar, para “ver como me saía” (palavras do treinador). Após esse fato, todas as vezes em que eu ia observar os treinos, ele me colocava para treinar junto aos praticantes de natação máster. Lembro que, no início, eles olhavam-me com estranhamento, mas, no decorrer da segunda semana de treino, isso foi se tornando “normal” para mim e para eles também. Além disso, comecei a me relacionar mais com os praticantes e menos com o treinador, o que foi muito positivo, pois, como relatei anteriormente, muitas

vezes meus diários ficavam pautados nas impressões dele sobre a equipe. Dessa forma, aproximei-me de várias pessoas com as quais fiz amizades no treino e parcerias para as séries. Segue excerto do diário de campo da minha primeira “queda água”.

Antes de entrar na água, não esperava fazer nenhum treino, estava sem treinar “de verdade” fazia quatro anos. Mas entrei na água e comecei a aquecer, naquele momento só tinha três atletas: eu, um atleta que não lembrava o nome e o João; eles estavam “soltando” e fazendo uma série de perna com pé de pato. Não me preocupei muito e fiquei nadando crawl, costas e perna.

O treinador me elogiou e disse ‘Túlio, tu tem a manhã’. Falei pra ele que nem tanto e que não treinava com treinador “pegando” tempos há bastante tempo. No final de uma soltura bem relaxada, Gabriel parou na frente do alambrado da piscina e perguntou se eu gostaria de fazer a série principal com os guris; falei prontamente que gostaria – nem hesitei, pois sabia que esse primeiro contato era importante para me manter nos treinamentos.

Antes de iniciar a série, percebi a piscina de uma perspectiva diferente, a de um nadador máster e não mais de um observador. Minha visão sobre ela agora era de que parecia maior dentro do que fora. Era muito rasa, eu poderia ficar de joelhos na piscina se assim quisesse. A água era gelada, por volta dos 28 graus, temperatura agradável para nadar, mas não para ficar conversando – ainda mais sem sol – Eu a olhava e percebia sua beleza, o tamanho das raias que comportava três nadadores tranquilamente fazendo o rodízio.

Gabriel gritou “Prepara... foi!” e começou a série. Eram 10x75 metros, ac:1:15, os últimos 25 metros estilo forte. Comecei nadando forte e fiz a série com o João, nadamos de lado a lado, no entanto ele fez a série toda variando em estilos de medley (quatro estilos: crawl, costas, peito e borboleta).

Agüentei bem até o quinto tiro de 75 metros, depois os tempos começaram a subir, já esquecia que estava como observador, agora eu estava treinando, “estava para nadar”. Como fazia muito tempo que não treinava a série foi muito difícil de executar e pior de terminá-la, não podia decepcionar o treinador no primeiro dia. Agüentei. Fiz todos os 10 de 75 metros, quase morri de tão cansado. No final da série, fiquei na borda da piscina, descansando e esperando os outros atletas terminarem suas séries, eu estava esgotado, mas com o pensamento de missão cumprida. A natação como um esporte solitário, fica mais divertida e emocionante quando conseguimos treinar com pessoas que nadam no mesmo ritmo, isso ajuda a motivar e baixar os tempos. Mas nesse primeiro dia só sentia meus braços e dores na minha barriga. Estava ‘morto’ (DC, 12/06/2013).

Quando iniciei meu processo etnográfico, pensei que acompanharia os praticantes em relação a nível técnico, mas percebi que meu capital esportivo era bem abaixo de muitos atletas e fui ficando, nos treinamentos, cada vez mais distante deles nas séries principais. Isso me chateava e eu ficava ansioso para treinar

novamente e acompanhá-los. Eles percebiam minha irritação, pois no momento em que estava treinando, muitas vezes esquecia qual era meu papel dentro do clube. Estava treinando com eles ou os observando? Esse questionamento atravessou-me durante todo o período de campo, no entanto, quando retornava para casa e sentava para escrever o diário de campo, parecia que eu voltava à “realidade”.

Uma coisa que me chamou muita atenção a partir dessa inserção foi o vestiário masculino que eu frequentava após o treino. Percebi que aquele espaço também tinha um significado entre eles, pois trocavam ideias de treinamentos, falavam sobre suas vidas pessoais, trocavam telefonemas, ou seja, mantinham uma rotina de amizade fora das raias da piscina. Essa sociabilidade encontrada, também, só foi possível a partir desse olhar mais aprofundado.

Após minha consolidação no trabalho de campo, comecei a me relacionar cada vez melhor com os praticantes e percebia que minha condição física melhorava, o que fazia com que eu conseguisse acompanhá-los em algumas vezes (refiro-me aos atletas “de ponta” da equipe). Com a aproximação de determinados indivíduos, comecei a selecionar informantes que considerei serem privilegiados para as entrevistas semiestruturadas. Fiz isso seguindo o caminho de Stigger (2007), que afirmou que os “informantes privilegiados” ajudaram muito no processo de construção dos dados na pesquisa por ele realizada sobre o esporte praticado no lazer. Ele também chamou atenção que os seus colaboradores não foram escolhidos anteriormente à pesquisa de campo, mas, sim, a partir do desenvolvimento do processo de investigação; isso porque, durante as observações, eles foram identificados pelas suas potencialidades, para oferecer - mais do que outros participantes - as informações esperadas pelo pesquisador.

Isso aconteceu igualmente em meu campo de pesquisa, após todos esses desdobramentos entre estar “de fora” e “de dentro” da piscina, quando procurei contato com pessoas que me auxiliassem para a compreensão de meu problema de pesquisa e que estivessem aptas para serem entrevistadas. No total, foram seis entrevistas, com roteiro previamente estabelecido para todos<sup>10</sup>. Os entrevistados foram selecionados com determinados critérios:

- idade cronológica
- ter assiduidade nos treinos e competições

---

<sup>10</sup> Ver Apêndice B.



- sexo
- características que me chamaram atenção no decorrer das observações e dos treinos.

As entrevistas normalmente ocorriam no clube, ou, em alguns casos, nas casas dos entrevistados. Eu deixava-os livres para escolha do local, de acordo como se sentiriam melhor. As entrevistas foram gravadas com gravador de áudio no primeiro momento, após foram transcritas e devolvidas as participantes para as alterações, caso necessário. O roteiro de entrevista passou por diversas modificações até chegar em um mais completo, o qual acreditei estar mais coerente com as respostas que eu pretendia obter, as quais eu não obtivera no processo de observação. Os nomes usados no decorrer do texto são fictícios com o intuito de sigilo em relação a identidade dos participantes. Segue o quadro explicativo, no qual apresento os critérios e características de cada entrevistado.

### QUADRO DE ENTREVISTAS

	NOME	IDADE	JUSTIFICATIVA
1	João	30	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não possui passado esportivo;</li> <li>• está na equipe a convite;</li> <li>• tem assiduidade nos treinamentos.</li> </ul>
2	Aline	38	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sexo feminino;</li> <li>• boa comunicação e relação com a praticante;</li> <li>• não gosta dos momentos competitivos;</li> <li>• trabalha no clube.</li> </ul>
3	Henrique	36	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É um dos melhores praticantes em <i>performance</i>;</li> <li>• não possuiu passado esportivo;</li> <li>• tem seriedade na competição e treinamento;</li> <li>• nada nos federados e nos máster.</li> </ul>
4	José	80	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Faixa etária;</li> <li>• possui boa relação com o praticante;</li> <li>• acompanha a equipe nas competições;</li> <li>• possui rotina com a natação máster.</li> </ul>

5	Carla	48	<ul style="list-style-type: none"><li>• Sexo feminino;</li><li>• tem assiduidade nas competições e treinamentos;;</li><li>• não possui passado esportivo;</li><li>• possui boa relação com o pesquisador;</li><li>• possui relações conflituosas com alguns membros da equipe.</li></ul>
6	Elaine	64	<ul style="list-style-type: none"><li>• Faixa etária;</li><li>• Tem assiduidade nas competições e treinamentos;</li><li>• não possui passado esportivo;</li><li>• compete em nível estadual, nacional e internacional.</li></ul>

Com base nos materiais consultados e produzidos, comecei a organizar e interpretar os dados com intuito de desenvolver categorias de análise para que pudessem me auxiliar na resolução da problemática inicial da pesquisa. Nas minhas leituras e releituras do material produzido (observações e entrevistas), procurei as regularidades dos acontecimentos e suas relevâncias pautadas pelos objetivos da pesquisa. Portanto, minhas considerações, no próximo momento serão descritivas do universo no qual os nadadores estão inseridos, narrando o bairro e, posteriormente, o clube, para contextualizar a pesquisa.

## CAPÍTULO 1 – LOCAL DO ESTUDO

---

### 2.1 O CLUBE

Nesse tópico, abordo as características físicas do local em que a pesquisa ocorreu. Demonstro, também, como o clube possui viés social e que, no decorrer de sua história, foi introduzindo diferentes modalidades esportivas. Nesse sentido, meu esforço se concentra em contextualizar o clube, suas dependências, as pessoas que o frequentam e às particularidades que chamaram atenção no decorrer do trabalho de campo.

Encontrei particularidades nas primeiras observações e conversei com o treinador da equipe a respeito do clube e o luxo que oferecia aos associados. Certa dia, falávamos sobre as pessoas que circulavam pelo bairro e nos arredores, e ele me respondeu: “Túlio, tu está no metro quadrado mais caro de Porto Alegre” (DC, 25/03/2013). Desde essa frase, meu entendimento sobre o clube e as pessoas que frequentam o local de investigação começou a clarear. Assim, passei a compreender a equipe e o clube sob uma perspectiva de camadas sociais relativamente mais alta, no entanto, tive receios que essa visão apressada pudesse reduzir minha compreensão dos significados. Procurei, portanto, não ficar pautado por impressões iniciais, mas, descrever o local e focalizar o ambiente em que a pesquisa se desenvolveu.

O clube, desde o início das observações, chamava-me atenção, no entanto, alguns detalhes foram percebidos anteriormente a minha chegada. Os primeiros foram a rua e o bairro. A rua, Marques do Herval, é reconhecida como um logradouro que pertence a um bairro nobre de Porto Alegre, o Moinhos de Vento. Nos arredores do bairro, encontram-se arranha-céus, prédios comerciais, o hotel mais luxuoso da cidade, ambiente arborizado, sendo que o clube ocupa uma grande área (um quarteirão). Normalmente percebem-se pessoas bem vestidas e com carros importados circulando pelo clube e pelo seu entorno<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> No trabalho de Quadros (2011) que pesquisou como se constituíam os espaços abastados na cidade de Porto Alegre, fez um estudo de caso na rua Padre Chagas que, também, pertence ao bairro Moinhos de Vento. A autora percebeu que o bairro, atualmente, não é o mais elitizado da cidade, pois a renda dos moradores é mais baixa comparada com os bairros Bela Vista e Três Figueiras. No entanto, comparada à população média da capital, ainda assim

A arquitetura que sustenta o clube possui detalhes impecáveis de pintura, arborização, prédios antigos e bem conservados, enfim, é um espaço de extremo cuidado. Todos esses cuidados resultam em situações austeras de acesso a seus frequentadores e suas credenciais. Para adentrar no clube, é preciso ter uma carteirinha de sócio, bem como apresentar-se à portaria. Dificilmente alguém poderá entrar sem ser sócio, somente no caso de ser liberado por algum funcionário. A secretaria do clube funciona com segurança particular e ainda dois porteiros para atender as demandas dos sócios.

Logo ao entrar na portaria e passar pela catraca, encontra-se uma porta grande envidraçada, que é o acesso para a biblioteca. Ela possui computadores, livros e espaço de circulação para seus frequentadores usufruírem. Das vidraças da biblioteca, pode-se enxergar praticamente todo o clube. Na saída desse ambiente, antes de adentrar no clube, existe a porta de acesso ao ambiente externo do clube e, por isso, eu me arriscaria a dizer que a primeira coisa que as pessoas atentam ao passarem pela porta é a piscina. A entrada de acesso dá em um *deck* cumprido e largo, como uma espécie de sacada, em que as pessoas podem visualizar a piscina no primeiro andar. Para acessar a estrutura inferior, é preciso passar pelo *deck* e descer uma escadaria em forma de espiral, cuja lateral permite avistar o bar e o restaurante social, as quadras de tênis e os salões sociais do clube.

Como o clube possui tradição social, existem diversos salões sociais para o oferecimento de eventos e festas de todos os estilos. Os salões são bem conservados e contam com mais de 100 anos de atividades. Representam muita beleza, com cuidados minuciosos e constantemente estão em manutenção pela gestão do clube. Foram incontáveis as vezes em que circulei pelos corredores do clube e encontrei funcionários pintando, arrumando, varrendo, cortando grama, enfim, preservando o espaço e seu requinte.

Nos salões sociais, ocorrem inúmeras festas de casamento de sócios e não sócios de âmbito regional e nacional. Estão em constante uso e é preciso

---

abriga uma quantidade grande de indivíduos que pertencem às camadas mais privilegiadas da cidade. Por um lado, Quadros notou que no Moinhos de Vento, existe uma diversidade de pessoas durante o período do dia, no entanto, a noite sua frequência aumentava para as pessoas mais privilegiadas economicamente e, pelos altos valores de entradas em bares, restaurantes, bistrôs e clubes. A diversidade, portanto, tende a ficar mais homogênea em relação aos frequentadores. Ademais, a autora destaca que as pessoas que frequentam o bairro e a rua Padre Chagas querem encontrar “seus pares” (QUADROS, 2011, p. 103).

marcação prévia para a utilização desse espaço. Ainda há uma grande procura para a utilização, pois é reconhecido na cidade de Porto Alegre por sua beleza e pelos casamentos de luxo, o que acarreta filas de espera e reserva em datas consideradas “especiais”. Existem quatro salões sociais atualmente no clube e variam na quantidade de pessoas que podem suportar (a média de ocupação nos salões é de 500 a 1000 lugares disponíveis). O preço para a utilização depende da época do ano e também de qual salão será locado pelo associado ou pelo locador de fora. Além do mais, os salões possuem estrutura completa de climatização, serviços de copa e restaurante integrados e ainda abrigam conferências nacionais e internacionais de palestrantes de variadas áreas de conhecimento. Além dos salões sociais, o clube conta com churrasqueiras, espaço *kids* (pracinha infantil) e espaço para confraternizações, chamado de Espaço Gourmet.

Além desses locais, existe o bar, que segue o requinte do clube, com ótimo acabamento, com cadeiras que ficam em seu espaço reservado. Ele é aberto, sem portas para a entrada, ou seja, todos o enxergam de qualquer ângulo na parte central. Também há serviço especializado ao redor da piscina e eles estão, na maioria das vezes, à procura de sócios para atender nos arredores do clube.

Fui percebendo como o bar se relaciona com o clube e que os detalhes ocorridos no ambiente externo são importantes. O bar se constituiu como um espaço de diálogo e aproximação com os nadadores, pois, ao término de um treino que ocorreu durante a semana, eu fui almoçar no restaurante social do clube e encontrei um praticante, o qual me convidou para almoçar.

Com esses detalhes, é facilitada a permanência de pessoas em seu em torno, pois podem lanchar e usufruir dos serviços de copa que o restaurante oferece, tanto nadadores como tenistas, frequentadores, entre outros. Alguns membros da equipe máster me relataram que, no decorrer do ano, são realizados almoços após o treino de sábado, no restaurante social, com o objetivo de integração dos praticantes ou mesmo para um lanche de integração com alguns membros.

Além desses locais onde o viés se constitui através do social, existem outros espaços no clube que são de ordem esportiva. Um deles, com maior tradição, é o tênis. Para a efetivação da modalidade no clube, foi preciso ter

diversas quadras e, atualmente, abrange uma grande parte em questões territoriais onde o clube se encontra. As quadras de tênis ficam ao lado do bar e do restaurante social, além das quadras externas. Percebo que os cuidados com as quadras dessa modalidade são notáveis.

O cuidado que o clube tem com essas quadras se constitui diariamente. Constatei, no período de trabalho de campo, a presença de funcionários sempre em manutenção ou colaborando para que elas representem boa aparência para quem as observa do lado de fora das quadras e para que os associados possam usufruí-las em perfeito estado. Nesse contexto, as quadras de tênis representam uma grande parte do espaço do clube, ocupando, de forma semelhante à piscina, posições privilegiadas, com quadras centrais (descobertas) e mais afastada (coberta).

A tradição do clube na modalidade esportiva do tênis iniciou em novembro de 1938 e o primeiro campeonato ocorreu em 1940. Desde esse período, foram realizados inúmeros campeonatos e passaram diferentes protagonistas nacionais e internacionais do esporte, dentre os quais, Edson Mandarino e Thomaz Koch. Há vários anos consecutivos, sempre no mês de março, as quadras do clube recebem os melhores tenistas infanto-juvenis do mundo, na disputa do Campeonato Internacional Juvenil de Tênis de Porto Alegre (até 2012, o evento era denominado Copa Gerdau de Tênis), um dos nove torneios mais importantes da categoria no mundo. Gustavo Kuerten, Andy Roddick, David Nalbandian, Joachim Johansson, Fernando Gonzalez, Jo Wilfried Tsonga, Mariano Zabaleta e Juan Martin del Potro são alguns dos tenistas que já disputaram o torneio. Além disso, acontecem, constantemente, campeonatos de âmbito regional, nacional e internacional, o que configura a supervalorização do tênis pela perspectiva de vinculação de um clube social a um departamento esportivo.

O grande envolvimento do clube com o tênis conduziu à criação da escolinha do Departamento de Tênis para que os associados ou filhos/filhas dos associados possam praticar o esporte no interior do clube. A partir da criação dos departamentos e das escolinhas com institucionalização em federações ou para fins de oferecimento ao associado de algumas atividades, aos poucos, foram introduzindo-se novas modalidades esportivas no clube. Atualmente o clube oferece natação, hidroginástica, futsal, patinação, boxe,



capoeira, judô, Jiu Jitsu e Muay Thai. Independente disso, o tênis se configura como a modalidade esportiva que caracteriza o clube.

A maioria das escolinhas do clube possui vinculação com federações ou competições dos calendários anuais. Desse modo, começaram a ser observadas novas possibilidades de inserção do esporte em um clube social. Com o investimento, para o associado ter possibilidades de atividades, acarretou uma procura em outros esportes os quais auxiliaram o clube na renovação de associados. Nessa perspectiva, esse investimento resultou em novos espaços físicos no clube, como espaço para prática das artes marciais, quadras de futebol e uma nova piscina térmica<sup>12</sup>.

A piscina térmica localiza-se ao lado dos salões sociais. O complexo aquático conta com grande estrutura de vestiários e ambiente climatizado, bem como espaço amplo para a prática de natação, hidroginástica e natação infantil. A piscina possui 25 metros de comprimento e é destinada para as aulas mencionadas acima. Nesse espaço, existem as escolinhas esportivas e, em algumas categorias, já disputam campeonatos federados de natação. O entorno da piscina apresenta uma diversidade de atividades aquáticas e é ministrado por profissionais da área de Educação Física.

Na parte acima do clube, ao lado da pracinha infantil (espaço kids), encontra-se outra piscina, que não é destinada aos treinamentos, mas aos banhos- os praticantes máster a denominam de “feijão”. O feijão é uma piscina para pessoas que não possuem interesses competitivos e tampouco de treinamento. Sendo voltada exclusivamente para sócios sem essas pretensões, ela é constituída por duas formas circulares, ligadas entre si, o que, realmente lhe dá a aparência de um grão de feijão. Há também cadeiras na borda da piscina e cadeiras para banho de sol. A piscina não é aquecida e, normalmente, é frequentada pelos sócios no período do verão, mas seu funcionamento ocorre durante todo o ano.

---

<sup>12</sup> No entanto, a “figura” de clube social ainda é reconhecida em relação aos esportes que figuram de coadjuvantes quando mencionamos o nome do clube às pessoas. Quando iniciei a pesquisa, não imaginava que o clube pudesse ofertar tantas possibilidades esportivas, pois tinha a impressão de um clube social. Lembro-me de comentar com colegas do mestrado e com professores sobre qual seria o local da pesquisa e eles falavam “Tem natação máster nesse clube? Eu não sabia”. Assim, o clube passou a investir nas novas modalidades. Entre elas, foi criado os espaços para a realização de natação. Um deles é a piscina térmica do clube.

O “feijão” é um espaço totalmente social do clube, pois, a partir da inserção da equipe máster, o clube investiu nessa piscina com intuito dos sócios não usarem o espaço dos nadadores, já que, no verão, com o sol e o aumento dos frequentadores, fica difícil a realização das atividades do treino. Porém, a partir dessa construção, os relatos são de que isso dividiu os espaços, porque antes eram mais pessoas em volta da piscina, do bar, do restaurante social e, agora, as pessoas se concentram mais no nessa área social.

Entre todos os espaços do clube já mencionados, existem dois que são principais para a equipe de natação máster: o alambrado<sup>13</sup> e a piscina externa. O alambrado localiza-se próximo às escadarias em espiral, de “costas” para a piscina de treinamentos da equipe, e serve para os nadadores guardarem seus materiais e para o mural em que o treinador escreve o “treino do dia”<sup>14</sup>.

O alambrado tem destaque na equipe e na sua organização. Ele é uma espécie de “casinha da natação”, é um espaço de mais ou menos 15m<sup>2</sup>, que tem cadeiras, uma mesa, um ar-condicionado para os dias quentes e frios, cabides para estender os roupões nos dias frios de inverno e um detalhe importante: é envolvido por estrutura de vidro e estampa as cores do clube e da equipe. Digo que é importante porque analiso sua forma, em relação a esses detalhes. Não é por coincidência que o alambrado se localiza na parte central do clube e é envidraçado. Aparentemente, grande parte das estruturas existem para “serem vistas”, o frequentador/nadador do clube aprecia isso. O cunho social de estar em constante observação faz parte da rotina de frequentar o clube. No alambrado, ainda no mural, consta variadas fotos dos atletas nas competições, nos treinos e seus objetivos em relação a “tempos” ou *performance*. Normalmente o conteúdo muda de acordo com a época e os objetivos de cada praticante.

Ademais, esses espaços chamam atenção pelos cuidados, mas não é somente isso que se apresenta como protagonista do clube. Nesses locais que descrevi, existem muitas pessoas circulando e foi nessa circulação de indivíduos que comecei a observar a dinâmica das pessoas que frequentam o

---

<sup>13</sup> Usei o termo ‘alambrado’, pois era a uma forma ‘nativa’ que os praticantes chamavam esse espaço da equipe.

<sup>14</sup> O ‘treino do dia’ fica a frente da piscina em um mural grande em que todos os dias o treinador coloca o treino para os nadadores observarem e seguirem suas atividades.

clube. É comum perceber diversos indivíduos naquele ambiente, mas a frequência de pessoas com terno e gravata e de crianças com suas cuidadoras (babás) é grande. Também há procura pelos serviços que o clube oferece, como por exemplo: o cabeleireiro, a sala de musculação, a pracinha para crianças, biblioteca e outras atividades.

Como minha observação era feita durante o período do meio-dia, compreendi que era um horário privilegiado, pois muitas pessoas “trocam” seu horário de almoço para realização do exercício física. Portanto, a circulação, nesse período, proporcionou uma diversidade de pessoas e com variadas atividades. Uma delas era o aproveitamento da piscina apelidada de “feijão” e no entorno dela. Nos dias ensolarados e quentes, foi possível presenciar muitas mulheres tomando banho de sol durante uma a duas horas. Elas concentravam-se no “feijão” e ao redor da piscina de treino dos nadadores. Algumas vezes, entravam na piscina e banhavam-se, saindo em seguida e retornando ao seu banho de sol. Nos dias de inverno e frio, era difícil encontrar pessoas circulando pelo clube, a não ser pelos nadadores que lotavam a piscina por gostarem do clima de “o clube é nosso nesses dias”.

A circulação das pessoas acontece de forma bastante espontânea no interior do clube. Além do mais, as pessoas que o frequentam se conhecem e cumprimentam-se constantemente. Tudo no clube é interligado: as pessoas, as piscinas, os salões sociais, as quadras de tênis e o bar do clube. Portanto, a partir das ligações - clube social e esportivo – e na circulação das pessoas, encontra-se uma piscina externa.

E é nesse espaço, na piscina externa do clube, que existe uma equipe de natação máster, onde concentrei minhas observações. É nesse espaço social e também esportivo que encontrei um grupo de pessoas que se dedicam todos os dias com a prática da natação máster. O que farei a seguir, portanto, será abordar o ambiente em que isso ocorre, cotidianamente.

## 2.2 A PISCINA

A piscina possui 25 metros de comprimento, é a céu aberto e tem aquecimento durante todo o ano. É rodeada por cadeiras de sol e guarda-sol. Além da posição privilegiada, a piscina chama atenção pela sua beleza: água

extremamente límpida, azulejos demarcados de azul, bandeirinhas com o logotipo do clube, escadarias submersas para entrar na água e cinco grandes raias (maiores do que as convencionais de dois metros de largura) com cabo de aço. A temperatura é de 27 a 29 graus no inverno, e, no verão, com o excesso de calor, sobe para 30 a 31 graus.

Na parte em frente ao alambrado, a piscina é mais funda, já na parte rasa (eu conseguia ficar de joelhos). A piscina do clube é toda envolvida por azulejos azuis e brancos, a listra do meio de cada raia é com azulejos azuis escuros e as demais que compõem o todo da piscina são de azulejos brancos. A água está constantemente cristalina e não presenciei problemas de turbidez nela. Além dessas características, a água fica em temperatura agradável para a realização de um treino de natação máster, comparado a piscinas que abrigam competições nacionais e internacionais em que a temperatura varia entre 26 a 27 graus. Desse modo, normalmente, os nadadores estão acostumados com essa temperatura, porém, quem é sócio e entra pela a primeira vez, em seguida, dirige-se ao “feijão” ou à piscina térmica, à procura de um ambiente mais agradável em termos de temperatura para se banhar ou fazer um exercício mais leve.

Como a piscina é aberta, ela possui climatização para o ano todo, o que acarreta gastos financeiros para sua manutenção. Observei que a piscina se constitui em um espaço reservado para os praticantes. Levando em consideração que o aquecimento de uma piscina no inverno consome um elevado custo financeiro ao clube, já foi cogitada sua eliminação por dirigentes anteriores. Em breve conversa sobre a equipe máster com o treinador Gabriel, ele me contou que todas as presidências do clube foram boas, exceto uma, cujo discurso era contra o esporte, atentando apenas para o social do clube. Gabriel me relatava que essa gestão queria acabar com a equipe máster de natação, pois os custos eram grandes em relação ao aquecimento da piscina e não percebia desenvolvimento do social pelo viés esportivo. Além disso, não percebia propósito em manter a piscina aquecida no período de inverno. Ele conta, ainda, que a piscina ficou fechada durante três a quatro meses para reformas ‘inventadas’ por essa gestão e que rapidamente, nesse período, ela quase foi extinta, pois os praticantes não gostavam da ideia de treinar na piscina térmica (DC, 01/04/2013).

Enfim, é nesse contexto que o grupo treina todos os dias. No próximo momento descrevo como é a equipe, sua criação, suas características e quem são seus frequentadores.

## CAPÍTULO 2 - A EQUIPE

---

A equipe de natação máster do clube existe desde 2004 e sua criação foi motivada pelo atual presidente do clube, o qual disponibilizou o treinador e acreditou na consolidação da equipe com o passar dos anos. Naquele período, o presidente era diretor de esportes do clube e também nadador em outra equipe da cidade de Porto Alegre, o que favoreceu sua motivação para a criação da equipe em “seu clube”. A equipe iniciou com poucos membros, que foram migrando de grupos extintos de outras academias ou clubes, para comporem o quadro de nadadores máster. Outras pessoas foram convidadas pelos próprios praticantes da equipe e alguns apareciam na piscina e foram convidados pelo treinador. Atualmente, a equipe representa notoriedade perante outras equipes do estado e do país, pois tem “nadadores de ponta” que detêm recordes brasileiros, sul-americanos, panamericados e mundiais<sup>15</sup>. Além dos recordes e títulos, a maioria de participantes da equipe consiste de nadadores que gostam de nadar e competir cotidianamente.

A equipe tem, em média, de 50 a 60 nadadores. Eles possuem horários definidos para o treinamento, que são às 11h30min e às 19h. Porém, em alguns momentos, isso pode variar, dependendo da disponibilidade dos nadadores que fazem suas sessões em horários diferentes e sem a presença do treinador<sup>16</sup>. Os participantes dividem seus momentos com a equipe de acordo com suas agendas e o calendário proposto pela federação. Assim, em termos de participação efetiva, são em torno de 30 a 35 pessoas que se dedicam às competições do calendário anual realizado pela Federação Gaúcha de Desportos Aquáticos (FGDA) e os demais nadadores ainda competem nas provas de maratonas aquáticas.

No dia a dia da equipe, quem comanda os treinos é o treinador Gabriel, que acompanha o grupo todos os dias de treinamento (nas duas sessões) e participa de quase todas as competições. Existem campeonatos fora do estado

---

<sup>15</sup> Ao final do trabalho de campo, o revezamento 120+ consagrou-se recordista mundial da prova de 4x50 medley. Marca registrada em campeonato estadual na própria cidade onde reside o clube.

<sup>16</sup> Em alguns momentos, o treinador não pode estar presente por estar impedido ou com compromissos de ordem particular, mas isso não altera a rotina dos máster, pois ele coloca outra pessoa para ‘cuidar’ do treino em sua ausência, normalmente alguém da escolinha de natação que tenha experiência com treinos de natação.

do Rio Grande do Sul ou do país em que Gabriel não participa, pois o clube não subsidia financeiramente sua participação. Dependendo do número de inscrições nas competições, a direção de natação avalia se há necessidade da participação do treinador.

Gabriel inicia às 11h30 e vai até o término da sessão, às 13h30. Normalmente ele vai embora alguns minutos após o encerramento, mas algumas vezes os nadadores chegam atrasados e isso o leva a avançar no horário para concluir o treino. O treinador é responsável, também, pelas sessões que ocorrem à noite, das 19h às 21h – outro horário de treino da equipe. Além desses períodos de treinos da equipe, ele participa das competições realizadas na cidade e no estado quando lhe é fornecido subsídio financeiro pelo clube. Nas competições internacionais, quando é solicitado pela direção de natação (como o sul-americano disputado no Chile em 2010, em que alguns membros da equipe participaram, ele foi disponibilizado para equipe).

Gabriel tem 48 anos, possui passado esportivo com a natação gaúcha e nacional, com títulos gaúchos, brasileiros e sul-americanos. Está na equipe desde a sua criação e foi idealizador da proposta de implementação de uma equipe máster de natação juntamente com o presidente do clube. Além de seu trabalho como técnico de natação, ele possui alunos de *personal trainer* e trabalha exclusivamente no clube. Em nossas conversas, ele relatou que sua rotina com o clube é intensa: acorda, normalmente, às 6h, inicia com seus alunos de *personal trainer* (a maioria é da equipe máster, que ‘usam’ o treinador como uma forma de preparação para o treino aquático), acompanha os nadadores nas duas sessões, entre os intervalos da tarde continua com seu trabalho individualizado com seus alunos e segue até às 22h.

O treinador circula em todos os ambientes do clube e conhece a todos, possui boas relações com os escalões mais altos do clube (alguns dos quais treinam em “sua equipe”) e ainda é sempre percebido pelas pessoas que circulam pelo clube, pois está na parte central (onde todos entram e saem). O papel de Gabriel, no decorrer da história da equipe no período em que observei, constitui-se como fundamental para a manutenção do grupo, pois ele influencia diretamente a participação ou não dos participantes nos eventos fora das piscinas (confraternizações), nas competições e nos treinos. Nas

observações, compreendi que o treinador exerce uma espécie de gerenciamento e mediação<sup>17</sup> com os praticantes. Relato isso, pois era constante sua intervenção/negociação entre os nadadores e a equipe para que o grupo se mantivesse unido nas competições/treinos.

Assim, sua intervenção com os atletas é de conversas na borda da piscina, em que os máster relatam sobre suas rotinas e desdobramento da vida pessoal, suas relações com outros praticantes, além de justificarem suas ausências em determinados momentos. Trago um diário de campo em que percebo como seu papel determina algumas situações e como ele consegue realizar a mediação entre os nadadores, convertendo para a equipe as situações que lhe parecem desfavoráveis.

O dia de hoje foi marcado pelas negociações e pelo papel de mediação exercido pelo treinador e de gerenciamento em relação aos praticantes e suas assiduidades nas competições, ou seja, na observação presenciei duas cenas (as duas são de praticantes se justificando sobre como não poderiam participar da competição e como eles poderiam conciliar suas vidas particulares com os treinamentos e o compromisso competitivo). A primeira é de um nadador que não poderia participar do 2º Circuito Máster de Natação, pois sua filha iria ficar com ele no final de semana e não poderia deixá-la sozinha, Gabriel o convenceu de que ele poderia ir a Lajeado (cidade onde vai acontecer a competição dia 18 e 19 de maio) na hora da competição para nadar o revezamento, pois não teria mais ninguém para colocar – ou seja, caso o atleta não fosse o revezamento não aconteceria – a estratégia de Gabriel foi de dispensar o nadador das provas individuais e combinar para ele comparecer logo após o almoço somente para nadar o revezamento e levar sua filha junto na competição. O atleta ficou contente e acatou a sugestão do treinador (DC, 13/05/2013).

O treinador é um interlocutor que forneceu, diversas vezes, informações valiosas sobre a equipe e sua lógica de funcionamento. Nossa aproximação foi extremamente positiva no início do trabalho de campo, no entanto, percebi que, ao longo das observações, meus diários estavam se repetindo e pautados em

---

<sup>17</sup> Gilberto Velho aborda que o mediador detém um determinado 'poder' de mediação que pode mudar habitus, costumes, estilos de vida em um universo heterogêneo e que a partir de sua trajetória pessoal passa a convencer indivíduos de que em uma experiência complexa pode ter diferentes momentos e apropriações. Ademais, o mediador – parecendo aqui na figura de Gabriel – representa uma negociação constante entre atores e treinador, no entanto, essa negociação passa por uma experiência compartilhada de informações complexas nas quais essa rede representa situações particulares (VELHO, 2010).



demasia por suas impressões e pouco pelas narrativas dos máster. Nessa perspectiva, a cada escrita do diário de campo, percebi que eu estava me tornando um refém de suas interpretações<sup>18</sup>. Minha estratégia para não sucumbir a isso foi afastar-me do treinador no sentido que estivesse mais próximo aos nadadores e suas narrativas sobre o que significava a natação a eles. Quando isso se efetivou, eu estava nadando com o grupo e nossas conversas – que antes aconteciam à borda da piscina – passaram a ocorrer com menos frequência, pois eu estava nadando com a equipe.

Desse modo, passei a compreender a dinâmica de funcionamento da equipe, a heterogeneidade das relações, as diferenças entre as faixas etárias, as *performances* dos nadadores e a rotina dos treinos a partir de minhas interpretações. Com isso, percebi que existe uma lógica de como as pessoas adentram na equipe e qual é aquela para alguém conseguir se inserir nesse espaço esportivo e social.

A lógica de inserção na equipe divide-se em duas situações: a primeira é de nadadores que são sócios do clube; a segunda é de nadadores que são convidados<sup>19</sup>. Essas modalidades de inserção foram percebidas no decorrer do trabalho de campo.

Nesse dia o presidente do clube está conosco (eu e o treinador), observando o treino. O treinador se afastou e se dirigiu a piscina para “pegar” os tempos do pessoal que está treinando mais forte. Ficamos eu e o presidente e travamos o seguinte diálogo:

Túlio: me diz uma coisa, o pessoal para treinar aqui tem que ser sócio? Ou pode treinar de outra maneira?

Presidente: Não, Túlio, tem como sim. É o atleta convidado. No caso, ele paga a mensalidade do clube, vira sócio por um valor

---

<sup>18</sup> Por exemplo, na obra de Foote-White (1980) ele vive em constante negociação para sua permanência no campo. Foote-White possui um indivíduo chave, que ele denomina “Doc” e que o ajuda a compreender a comunidade de Cornerville. Por vezes, o próprio autor se questiona de sua autoridade etnográfica, pois para ele Doc é tão importante que se torna um colaborador ativo na pesquisa, com trocas de experiências, relatos das observações, ou seja, o indivíduo chave passa a ser primordial para a condução. Isso torna a pesquisa interessante, pois o autor mostra esse fato ao leitor e o deixa interpretar da maneira que lhe seja mais conveniente. Embora lendo o texto, percebo que Doc poderia estar conduzindo a pesquisa e não o pesquisador. Pensando em minha etnografia e meus interlocutores, para o êxito de meu problema de pesquisa, o treinador aparece como Doc, no entanto, a partir do momento ‘de dentro’, nosso afastamento se torna vital para a compreensão de outros elementos que não tinha observado até o momento.

<sup>19</sup> Após um longo período em campo, percebi que não existem diferenças entre os convidados e os sócios nos treinos, eles treinam no coletivo e não se dividem a partir dessa classificação, mas, sim, em subgrupos dentro da organização da equipe, por afinidades natatórias e extra natação, ao final do capítulo demonstro como interpretei a equipe por essa perspectiva.

menor e pode nadar na equipe, mas ele tem que participar das competições, senão as regalias acabam. O exemplo é o Fabrício, ele veio como convidado, agora está trabalhando no clube. O pessoal que é convidado passa por uma espécie de seleção...

Túlio: Então, tem que saber nadar pra entrar aqui? Não é qualquer um?

Presidente: É, claro, tem que trazer algum benefício para o clube/equipe, porque senão fica difícil, ele pode usufruir de toda a estrutura. O pessoal que é sócio não paga para treinar, só a mensalidade de sócio, mas tem que competir. Esse jeito é o que achamos para a equipe participar, senão os caras usam o treinador e o espaço e não vão às competições (DC, 09/04/2014).

Esses diálogos auxiliaram-me a compreender que a lógica da equipe é pautada, também, não só pela participação, mas em que, as pessoas que se inserem no clube como convidadas devem “agregar” determinadas características. Um exemplo é Fabrício, que é importante por seu nível técnico, o que o ajudou a ser convidado para compor o grupo, ou seja, o capital esportivo, nesse caso, foi determinante para sua entrada na equipe e posteriormente conseguir trabalhar nas escolinhas esportivas do clube como profissional de Educação Física. Portanto, creio que o funcionamento da equipe, por um lado, opera a partir das relações e vínculos que se estabelecem entre os praticantes, mas, por outro lado, as características dos convidados determinam as relações possíveis dentro desse espaço esportivo e social.

As maneiras de inserção na equipe não são questionadas pelos praticantes ou, pelo menos, não foi observado no período em que estive em campo. O convite para as pessoas (de dentro ou de fora do clube) ocorre, principalmente, nos treinos e nas competições e são por parte dos próprios nadadores.

Na maioria das sessões de treino, estava um nadador avulso que não fazia parte da equipe. Ele é um jovem e constantemente circula pelo clube. É comum percebê-lo nos arredores do bar tomando suco e conversando com outras pessoas. Ele se aproxima da piscina e da equipe, pede ao treinador em qual raia ele pode entrar. O treinador responde que ele poderia escolher a raia de sua preferência, sem ressalvas (em uma de minhas conversas com o treinador, ele comenta que ele é impedido de bloquear o acesso de qualquer sócio para entrar na piscina, mesmo que ela esteja superlotada

com os nadadores máster, ele diz que a prioridade é sempre dos sócios),

O rapaz entra na piscina e nada ao lado dos máster. Percebia que alguns não davam importância a esse fato e outros achavam um incômodo e faziam questão de ultrapassá-lo com velocidade e fazer pernadas muito fortes com o intuito de coloca-lo em outra raia.

Não percebia desconforto da parte do jovem em “treinar” com a equipe, no entanto, a presença do rapaz, que é de uma a duas vezes por semana, se intensificou de duas a três vezes. Ele nada ao lado da equipe, mas ainda assim não acompanha o ritmo de muitos dos nadadores.

Em certo dia, no treinamento cotidiano, Gabriel o convidou para fazer parte da equipe e perguntou se ele gostaria de competir, já que treinava com sistematicidade e estava “sempre por perto da equipe”. O jovem respondeu que não queria, pois ele gostava do clima do clube e que a natação para ele é um lazer e que não se sentia preparado para iniciar uma preparação competitiva, mas que ficava contente de conseguiu estar ao lado dos nadadores de uma equipe e que se sentia bem com isso (DC, 14/04/2013).

Apesar do rapaz não querer participar da equipe de forma efetiva, com compromissos e participação nas competições, observei dois elementos fundamentais para que seu convite fosse efetivado pelo treinador: 1) saber nadar os quatro estilos; 2) fazer virada olímpica (DC, 25/03/2013). Essas características moldavam, também, quem poderia ou não ser convidado, pois isso se tornou uma regra para a equipe. Posteriormente, se algum membro da equipe convidasse outra pessoa de fora do clube (família, amigo), essa teria que passar por uma espécie de seleção com o treinador e por uma conversa anterior com o diretor de esportes e o presidente do clube. Existe, portanto, uma autonomia relativa em relação aos convites.

Assim, compreendido a origem da equipe, quem é o treinador do grupo e como ocorrem as formas de inserção, nos próximos momentos passo a explicar como a equipe é constituída e quem são as pessoas que integram o grupo dos máster.

O grupo é bastante heterogêneo, constitui-se por homens e mulheres com idades bastante diferentes que variam de vinte a oitenta anos. Em média, a equipe divide-se entre 70% de homens e 40% de mulheres. Em relação a esse percentual, a nadadora Carla aborda que “a natação máster é um esporte masculino”. O relato de Carla leva a pensar que o território da natação máster

ainda é um espaço relativamente masculino. Nas competições que observei, é comum perceber mais homens do que mulheres.

Além da predominância masculina na equipe e nas competições máster, a equipe possui poucos nadadores acima de 60 anos. Fui percebendo no decorrer da pesquisa que estava envolvido em um associativismo esportivo diferente de outros esportes (cujas idades são muito próximas). Na natação máster, as idades e categorias são misturadas nos treinamentos/competições e, em muitos momentos observados, tive contato com praticantes de 50 anos nadando lado a lado com pessoas de 20 a 30 anos, homens e mulheres com 80 anos compondo revezamentos com nadadores de 30 anos. A noção de “máster” na natação é diferente de outras modalidades, pois a idade inicial para se competir é de 20 anos, comparada a outros esportes, como o vôlei, em que ser máster é a partir de 35 anos, assim como no futebol veterano, no qual se estipula uma idade maior para iniciar na várzea. Assim, a maneira que será tratada a questão da idade será apresentada no último capítulo da dissertação em que farei uma análise sobre o esporte e às gerações.

No que se refere à experiência dos nadadores da equipe, existem duas formas: atletas quando crianças/adolescentes e outros não. Esses últimos aprenderam a nadar depois de adultos ou gostavam de nadar em escolas/clubes de natação e, posteriormente, integraram a equipe a partir de convites ou situações que os colocaram nos máster.

Um exemplo de nadadores que não tiveram passado esportivo quando criança é Henrique. Ele iniciou a prática com 20 anos de idade e agora está com 36 anos. Começou nas competições desde esse período e não parou mais. Mas, também existem aqueles nadadores que possuem passado esportivo e ficam muito tempo afastados das piscinas e somente depois dos 50 ou 60 anos retornam aos treinos e às competições, como é o caso da nadadora Elaine, que ingressou na natação máster depois dos 55 anos de idade.

Além desses nadadores que não tiveram passado esportivo com a natação, existem os que possuem passado esportivo e competitivo nessa modalidade e não pararam de nadar. Um deles é Fabrício, 26 anos: ele sempre frequentou ambiente competitivo desde sua infância, com participação em torneios e clubes. Após completar 22 anos, ingressou na equipe máster do

clube como convidado, por agregar nível técnico e também por trabalhar na escolinha e ser treinador da equipe de natação dos nadadores jovens.

Em suma, as experiências das pessoas com a natação - máster ou não – variam de acordo com as possibilidades que foram ofertadas no decorrer de suas trajetórias de vida.

Em relação às profissões dos nadadores, elas são diversas: piloto de avião, professores de educação física, dentista, médico, advogado, psicólogos e também os mais velhos da equipe que são aposentados. Entre as profissões, estão os convidados e os sócios – não me parece haver uma distinção entre eles. Como Henrique relatou: “Quando entra todo mundo na água, é todo mundo igual”. O que ocorre são diferenças de trajetória entre os nadadores e o clube. Os sócios possuem características de frequentar o clube há bastante tempo e foram convidados pelo treinador ou pelos próprios nadadores a comporem a equipe por diferentes motivos. Um dos motivos seria a baixa quantidade de atletas na criação da equipe, pois necessitavam de pessoas para participar dos campeonatos. Outros motivos seriam as relações que se estabelecem no decorrer da história do próprio grupo, em que as pessoas se inserem por convites de ordem familiar, de amigos e de pessoas em que eles acreditam serem “boas” para a equipe.

A partir da compreensão de como é a equipe e seu funcionamento, comecei a entendê-la e a classificá-la em três subgrupos que frequentam os treinamentos e as competições máster. São eles: “os galácticos”, os “eu treino porque eu gosto muito” e os “leões de treino”.

Resolvi nomear o primeiro grupo de “galácticos”, pois é uma fala nativa que ocorre cotidianamente nos treinos e porque muitos dos praticantes são os melhores nadadores da equipe, em nível técnico. Esse grupo é formado com cerca de 10 a 15 nadadores (homens) e se configura por uma seriedade em relação aos treinamentos, são assíduos e dificilmente faltam em alguma competição no decorrer do ano. A seriedade pode ser observada em seus investimentos com trajes especiais para competição para melhorarem seus tempos, na compra de suplementos alimentares e na participação nos momentos da equipe, em treinos, competições e confraternizações.

Minha aproximação com os nadadores pertencentes a esse grupo foi imediata, pois foi com eles que eu realizava as séries do treino e possuía maior

afinidade de assuntos no início da pesquisa, pelo meu capital esportivo quando criança, então existiu uma identificação com eles. No decorrer do trabalho de campo, percebi que esse grupo mantinha encontros e amizades fora do ambiente das piscinas. Os nadadores frequentam as casas uns dos outros (observava isso nas fotos postadas nas redes sociais e nas conversas dentro da piscina), ou seja, percebi esse pequeno grupo dentro da equipe como restrito a outros membros. Só entraria nele quem obtivesse as características relatadas.

Além disso, eles possuem seu próprio grupo de e-mail, separados do grupo da equipe. Ele serve para discussões sobre os treinos, combinações de horários, etc. (não obtive acesso a esse contato, soube sobre ele nos diálogos, porém não fui convidado à participação do mesmo). Apesar de eu possuir passado esportivo com a natação e conseguir acompanhá-los em alguns treinamentos, eu não tinha assiduidade suficiente para suportar o ritmo desse grupo em todas as sessões em que participei. Com isso, fui ficando “para trás”, o que também foi positivo, e pude me aproximar de outras pessoas da equipe que me auxiliaram a entender melhor a dinâmica do grupo e não percebê-la somente por uma/essa perspectiva. Assim fui entendendo que, além dos galácticos, existem outros subgrupos que se formam na equipe.

O segundo grupo é o “eu treino porque eu gosto muito”. Esse grupo configura-se pela maioria dos integrantes da equipe: são homens e mulheres que gostam dos treinamentos e participam das competições quando são solicitados, com o intuito de dar apoio ao treinador, ao clube e atingir determinadas metas pessoais com a natação. Alguns possuem trajetórias de nadadores e outros iniciaram a prática esportiva “depois de velhos”, como dizem. É um grupo mais “tranquilo” em relação à seriedade do grupo anterior. Seus participantes gostam de competir, mas não estão preocupados com o ganhar dos adversários e, sim, na participação, amizades e divertimento de toda a equipe.

A frase “eu treino porque eu gosto muito” (DC, 20/10/2013) apareceu na participação dos treinos com os praticantes e ficou evidente que gostavam de nadar nos máster. Minha aproximação com esse grupo se fortaleceu após a primeira competição, pois consegui me relacionar com pessoas que até então eram desconhecidos (como os membros da equipe que treinam à noite) e,

também, os praticantes que só frequentam as competições, mas não tinham tempo para participar dos treinamentos,

Por último, o terceiro grupo que pude perceber é “os leões de treino”. A origem do nome do grupo está em uma de minhas observações. O treinador da equipe usou esse termo quando se referiu às pessoas que usufruem do clube, dos materiais e de toda a estrutura que ele oferece, mas que, no final, quando é cobrada participação nas competições, seus praticantes não comparecem, inventam desculpas e ainda continuam aproveitando os benefícios. Existem, em média, de 10 a 15 membros da equipe nessa situação. Alguns foram convidados a se retirarem da equipe por fugirem da lógica de participação que o clube demonstrava. Portanto, esse grupo se configura entre pessoas que não participam efetivamente das competições, mas usufruem do espaço social do clube, da piscina, do treinador e frequentemente dos treinamentos. Esses nadadores mantinham no interior da equipe algumas inimizades e descontentamentos, principalmente dos praticantes que se envolvem mais nas competições.

Os três grupos descritos/classificados existem no plano de minhas observações e interpretações sobre a equipe e servem para eu compreender a dinâmica do grupo. Dessa forma, procuro mostrar que os grupos são construções de meus pensamentos a partir do olhar da etnografia. No entanto, considero também que existe ligação entre os três grupos, isto é, percebo que os praticantes circulam entre eles, pois depende em que situação ou espaço-tempo em que ocorre determinada atividade, quer dizer, os praticantes se colocam em posições diferenciadas. Um exemplo disso: é comum os galácticos, em competições mais fracas, não levarem a sério a competição por não constar em seus calendários de competições importantes e estarem frequentemente despreocupados com tempos e o ganhar do adversário.

Em outros momentos, “os que gostam muito de nadar” demonstram seriedade, como foi o caso da última competição do ano, em que todos queriam ganhar o circuito máster. Nessa competição, toda a equipe estava absorvida pelo mesmo sentido: o de ganhar. O que quero mostrar é que os grupos se atravessam e não são estanques, pois, do modo colocado, a classificação parece cristalizada, mas não é isso que ocorre, mas, sim, um

espaço de treino em que eles se misturam e se agregam pelas afinidades relatadas acima.

Assim, descrito o funcionamento da equipe, no próximo tópico abordo como é a rotina dos nadadores máster, suas principais competições e as confraternizações que fazem parte da rotina.



### CAPÍTULO 3 – A ROTINA DOS MÁSTER

---

A partir do que foi descrito anteriormente sobre o funcionamento e a lógica da equipe, nesse capítulo, procuro demonstrar como é a rotina dos nadadores máster. Para isso, minha escrita divide-se em três momentos: primeiro, abordarei a rotina dos máster entre os horários, dias da semana e os momentos que antecedem o treino e após o treino; segundo, as confraternizações como integrante da rotina e, por último, as principais competições que fazem parte da rotina.

Desde o início do trabalho de campo, pude observar que os treinamentos estão envolvidos por uma rotina ou lógica que acontece na piscina externa do clube todos os dias da semana em horários definidos. O primeiro horário consiste nos treinos do meio-dia (11h30min às 13h30min) e os treinos noturnos (19h às 21h)<sup>20</sup>. O horário das 11h30min configura-se por ter a maioria dos nadadores, já no horário noturno, existe um percentual menor comparado com o do meio-dia. Ambos os horários ocorrem diariamente, de segunda a sexta-feira. Ainda há o treino de sábado: ele acontece todas as semanas, exceto nos dias em que a equipe participa das competições nos finais de semana.

A participação dos nadadores nos treinos semanais se distribui nos dois horários descritos e se efetivam a partir da disponibilidade de cada participante. Percebo que a participação ocorre particularmente no horário do meio-dia (em que ocorreram minhas observações) e que existe uma rotina entre nadadores, clube e treinador, o que determina um espaço de treinamento diário, o que também determina diferentes tipos de relações entre os nadadores.

Esses diferentes tipos de relação se materializaram em minha convivência com a equipe, quando pude observar que existem momentos anteriores ao nadar/entrar na piscina. Percebi que existe uma prolongação dos momentos fora da piscina: os nadadores costumam entrar na água por volta do meio-dia, ou antes, dependendo da disponibilidade de tempo de cada

---

<sup>20</sup> No treino noturno, concentram-se menos pessoas do que no treino matutino. Por motivos já mencionados na metodologia, não consegui acompanhar a equipe em nenhuma sessão do treinamento noturno, mas soube dos acontecimentos e que os treinos não obtinham muito “sucesso” em relação à participação. A escolha pelo horário das 11h30min é maior.

participante. Como o treino acontece ao meio-dia, eles possuem cerca de uma hora e meia a duas horas para o término, que está previsto para às 13h30min. Diariamente os nadadores costumam chegar anteriormente ao horário convencional para iniciar o treino, pois nesse espaço também ocorrem conversas com o treinador no alambrado e conversas entre os nadadores.

É um dia nublado, por vezes faz sol, por vezes caem gotas de chuva. O mais importante é que sempre chegam nadadores, como de costume, falam com Gabriel – algumas piadas, falam sobre final de semana, bebidas e regularmente sobre o Grêmio e o Internacional (times de futebol da cidade de Porto Alegre). Não é de costume entrarem na piscina sem antes falarem algo com o treinador (DC, 01/04/2013).

---

Ao me aproximar do alambrado em que todos os atletas ficam antes de entrar na piscina, está presente o treinador, o atleta Bernardo e o Henrique. Eles conversam sobre a competição e como foi ótima em resultados e expectativas cumpridas de tempos, piscina, diversão, etc (DC, 17/06/2013).

---

Quando cheguei ao clube, logo observei um pequeno grupo de nadadores sentados à frente da piscina, são aproximadamente 11h15min. Aproximei-me, peguei uma cadeira e escutei a conversa que tinham sobre os trajes de natação. Um deles, o Bernardo trouxera um traje especial para mostrar aos seus colegas de equipe. Ficaram conversando por mais 45 minutos sobre o traje e sua influência na prova, já passa das 12h e agora eles começam a se trocar para entrar na piscina(DC, 18/04/2013).

É na rotina de conversas que consegui perceber que alguns nadadores fazem combinações com seus colegas de equipe para realizarem as sessões de treino em conjunto. É frequente aparecerem pequenos grupos de nadadores para treinarem no mesmo horário, eles iniciam e terminam o treino em parcerias. Também existem alguns nadadores que não possuem essa sistemática de conversas antes do treino e de agrupamentos para iniciarem suas sessões.: eles se dirigem diretamente ao vestiário para a colocação do maiô ou da sunga com o intuito de nadar e finalizar o treino.

Assim como existem os momentos pré-treino, também pude presenciar os momentos que acontecem após o treino. Os nadadores frequentemente permanecem na piscina conversando ou se deslocam para o vestiário. Nesses momentos, ocorrem diferentes diálogos e relações que se estabelecem após as sessões diárias.

Antes de sair da água, que, por sinal, estava difícil por causa da temperatura baixa, observei um dos atletas sentado na escada da piscina (é um tipo de rampa com degraus feita dentro da piscina para que as pessoas fiquem sentadas, “relaxando”, e para entrarem sem precisar jogar-se na água). Ficamos naquele espaço em torno de 30 minutos – isso já é passado das 13h30min. O nadador comenta que hoje pode ficar mais tempo depois do treino, pois tem uma viagem de negócios marcada para o turno da noite, portanto, não está trabalhando à tarde e pode ficar mais tempo, como ele relata (DC, 27/06/2013).

---

Quando João saiu da piscina, eu e Dani ficamos conversando dentro da piscina por volta de 25 minutos. Entre as conversas ele começou a falar sobre o significado que a natação tinha para sua vida. Ele comenta que a natação ao meio-dia lhe parece uma “quebra” do dia, que ele pode esquecer tudo e só nadar. Nosso diálogo segue por mais alguns minutos (DC, 05/09/2013).

---

Ao sair da piscina, fui diretamente ao vestiário, a passagem até ele é fria, pois os nadadores tem de passar por detrás das quadras de tênis até conseguirem adentrar aos vestiários do clube. Normalmente os praticantes saem da água com um roupão grande que se alonga até o final das canelas, com o nome do clube e da equipe de natação. Outros, mais corajosos, fazem a passagem somente de sunga ou com alguma toalha enrolada. Ao chegar no vestiário, percebi que as conversas se articulam e são de ordem laboral, natatória, familiar e qualquer assunto de interesse dos máster (DC, 03/07/2013).

Meu intuito até aqui, descrevendo os momentos e trazendo excertos de diário de campo, foi demonstrar que existe uma rotina anterior e posterior aos momentos de nadar, que ocorrem diariamente, isto é, o espaço da natação máster também se constitui como um espaço de relações e de convivência que vão além da rotina de nadar e completar o treino. A partir desse processo, existe uma lógica em que ocorrem os treinos cotidianos e é sobre esse aspecto que me deterei no próximo momento.

Existe, como rotina da equipe, o envio semanal da programação dos treinos por e-mail. Ela é enviada ao grupo de e-mails da equipe por Gabriel todos os domingos ou segunda pela manhã com o intuito de visualização dos treinos semanais e para que os nadadores possam observar as séries da semana, organizando suas dinâmicas de participação.

Além da rotina desse envio, acontece outro elemento diário que configura o dia a dia em relação à visualização do treino “do dia”. Os treinos são escritos em um quadro branco dentro do alambrado que está em frente à piscina, com o objetivo de os nadadores conseguirem visualizar o treino e executá-lo com mais autonomia. Apesar de o treinador repassar o treinamento, os nadadores modificam suas sessões de acordo com a disponibilidade e o cansaço que ocorre durante o treinamento. As maiores dificuldades durante o treinamento estão nos intervalos das séries e no cumprimento da metragem exata do treinamento.

Além da lógica de colocação no treino no quadro, diariamente ocorre durante o treinamento a sistemática da “tomada de tempo”<sup>21</sup>. Ela consiste em o treinador usar os cronômetros para saber os tempos das séries principais dos nadadores. Normalmente os atletas solicitam Gabriel para a realização das séries e eles sentem-se mais desafiados com a presença do treinador e do cronômetro.

Entretanto, alguns nadadores possuem dificuldades de estarem nos horários de treinos descritos e, dessa forma, acabam executando suas sessões em horários alternativos e sem a presença do treinador para auxiliar na tomada de tempo das séries principais. Para aqueles nadadores que nadam sem o auxílio do treinador em horários alternativos, a explicação do treino encontra-se no quadro e não necessita da presença de Gabriel para a execução do treinamento. Pelo que observei existem horários definidos de treinos (com o treinador), mas alguns nadadores treinam sozinhos, por conta de seus compromissos, por isso a estratégia de enviar a programação por e-mail semanalmente torna-se importante.

Os treinos consistem em sessões de 3000 metros, todos os dias da semana (segunda a sábado) e sempre com folga no domingo. Nos dias que antecedem às competições, normalmente, as sessões de treinos são mais técnicas (fundamentos de saída do bloco de partida, viradas olímpicas e técnicas dos estilos de nado), mas, no decorrer da semana, os treinamentos

---

<sup>21</sup> A tomada de tempo ocorre quando os nadadores possuem séries específicas – dos estilos de nado que frequentemente executam nas competições – e o treinador usa seus cronômetros para a tomada de tempo de todos juntos ou individualmente, dependendo do nível técnico ou *performance* de quem está realizando a série. É comum muitos nadadores se agruparem por afinidades de estilos para realizarem as tomadas de tempo compartilhadas.

sempre são de 3000 metros por dia. Para alguns nadadores máster, o treino modifica dependendo da faixa etária e da disponibilidade dos treinos que frequentou durante a semana.

A intensidade de metragem das sessões da semana divide-se em treino de segundas, quartas e sextas-feira com séries de baixa intensidade, e terças e quintas-feiras com treinos mais específicos e com séries mais fortes<sup>22</sup>, mantendo a lógica de 3000 metros por sessão. Nos períodos competitivos, isso pode variar de acordo com o planejamento do treinador. Nesse contexto, um elemento que se destaca dos treinos da semana e configura-se por ter um caráter de integração é o sábado pela manhã.

Os treinos de sábado ocorrem todas as semanas. Nesse dia, toda a equipe se reúne, os nadadores do meio-dia e os da noite. O treino é diferente, porque treinam juntos. O diferencial dessa sessão é a participação de muitos integrantes e a execução da série principal com todos os nadadores. Além disso, sábado segue a lógica da semana de envio de e-mail com os detalhes do treino, no entanto, às vezes, o treinador faz surpresas nas séries principais, o que se constituem como desafios para os nadadores.

Durante a execução dos treinos semanais, o treinador orienta os nadadores em quais raias ficam melhores suas posições, pois os níveis técnicos são muito diferentes (bem como as idades), portanto, o que ocorre é uma pequena divisão das raias entre níveis de *performance*. É comum perceber em certos momentos praticantes de nível técnico menor nadando entre os mais “de ponta” (os “galácticos”) por motivos de superlotação na piscina. Também ocorre, apesar de ser pouco comum, nadadores mais rápidos nadando em raias da ponta por chegarem atrasados e perderem “seus lugares”. Enfim, existe uma hierarquia de divisão das raias e obedece a alguns critérios: número proporcional de nadadores para não haver superlotação e outras raias vazias e também por nível de *performance*.

Além da hierarquia estabelecida pelo cotidiano, presenciei alguns praticantes que possuem uma rotina e lógica indiferentemente do nível de *performance* nas raias e da orientação do treinador. Os nadadores se

---

<sup>22</sup> Um treino ‘forte’ para os máster de natação da equipe se constitui em um programa dirigido pelo treinador em que eles conseguem superar seus limites, além disso, a conotação “forte” está atrelada à dor e ao sofrimento: quem não sai cansado de um treino de terça ou quinta-feira (os dias mais fortes) não se esforçou o suficiente.

posicionam sempre na mesma raia e não “obedecem” ou não abdicam de nadar na raia de sua escolha.

Além do treino específico e como ele ocorre através de metragem e divisões por níveis de *performance*, compreendi que a rotina também acontece fora do ambiente das piscinas, ou seja, as confraternizações fazem parte da rotina dos nadadores mensalmente. Elas ocorrem uma vez por mês nas dependências do clube ou em algum local da escolha dos nadadores na cidade de Porto Alegre. Presenciei além dos encontros no clube, almoços entre os nadadores e treinador na competição, assim como marcação de festas para comemorações de títulos importantes de alguns máster (como, por exemplo, a conquista de títulos brasileiros, sul-americanos, panamericanos e mundiais). Porém, não é preciso de títulos para comemorações, também podem ser mobilizadas pelo treinador ou por algum nadador.

Existe, além dos que já descrevi, um importante elemento que constitui a rotina dos nadadores: as competições. Os máster chegam a ter em média uma competição por mês; existem meses em que podem ocorrer duas. Elas são de nível regional, Sul-brasileiro, Brasileiro, Sul-americanos, Panamericanos e Mundiais. Elas acontecem, normalmente, nos finais de semana ou em sextas-feiras, de acordo com a sistemática da competição ou a quantidade de provas.

As principais competições são as que estão inseridas no “Circuito Máster de Natação”. Ele é composto por quatro competições durante o ano e são disputadas em piscina de 25 metros<sup>23</sup>. Entre outras competições que frequentemente os nadadores participam estão: os campeonatos estaduais máster, Sul-brasileiro e o campeonato Brasileiro máster de verão e inverno. Elas ocorrem em diferentes lugares todos os anos. As que presenciei ocorreram em Porto Alegre, mas soube de viagens para Lajeado, Sarasota – Chile- e campeonatos disputados em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Além das do Mundial e Panamericano.

---

<sup>23</sup> As competições máster podem ocorrer em piscina de 25 metros ou de 50 metros de comprimento. Ao observar a equipe, percebi que a maioria preferia competir na piscina de 25 metros, pois os tempos se configuravam mais baixos e possuíam maiores chances de desempenho e de ganhar medalhas.

Nas competições que ocorrem fora do estado, o grupo procura se manter unido, ou seja, a viagem é de ônibus (oferecido pelo clube<sup>24</sup>) e a hospedagem ocorre em alojamentos/hotéis (normalmente em hotéis). Recordo-me de uma competição que ocorreu em Lajeado/Rio Grande do Sul em que o grupo locou um ônibus com quase 50 nadadores da equipe, o que ocasionou grande mobilização da equipe e bons resultados na competição, sagrando-se campeã naquele campeonato.

Para as competições internacionais, normalmente os nadadores se deslocam de avião e procuram estar próximos nos hotéis e dividem despesas com alimentação e hospedagem para que a viagem torne-se mais acessível a mais membros da equipe. Normalmente quem participa das competições internacionais são nadadores que estão no grupo do “galácticos”.

Além das características destacadas sobre a competição dos máster que ocorrem em piscinas, existem outras que também são objetivo de alguns nadadores da equipe: as maratonas aquáticas. As travessias aquáticas são provas disputadas em mar e lagoa em todo o Brasil e conta, também, com um circuito anual promovido pela federação gaúcha de desportos aquáticos (FGDA), juntamente com a confederação brasileira de desportos aquáticos (CBDA). As travessias podem chegar à metragem de: 1,5km, 3km, 5km e 10km. Não necessariamente nessa ordem, as maratonas evidenciam destacam determinados máster que não se destacam em *performance* nas competições em piscina.

O grupo que frequenta as travessias é menor do que os nadadores para competições tradicionais em piscina, no entanto, esse pequeno grupo disputa o circuito de travessias durante o ano. Normalmente o grupo para as travessias costuma viajar de carro e dividem as despesas entre todos que participam. Ficam em hotéis da cidade e elas acontecem, sempre, em finais de semana, preferencialmente, no sábado e domingo pela manhã. As cidades em que ocorrem as travessias alternam de um ano para o outro, no entanto, no calendário da federação gaúcha as praias de Santa Catarina e lagoas do Rio

---

<sup>24</sup> O clube não oferece auxílio financeiro para os nadadores nas competições de nível dentro do Brasil, no entanto, foi relatado nas entrevistas que em uma das competições em que o grupo participou – Sul-americano no Chile – o clube forneceu algumas despesas básicas, como alimentação e hospedagem, mas, mesmo assim, nunca é fornecido todo o traslado Isso dificulta a participação de muitos nadadores em competições fora do país.

Grande do Sul figuram entre as competições mais procuradas pelos nadadores da equipe. Um exemplo que presenciei foi a participação na travessia de 3km de bombinhas em Santa Catarina, em que a equipe participou com dez nadadores.

A partir da apresentação do que propus no início do capítulo, procurei demonstrar como é a rotina semanal dos nadadores e quem participa ativamente desse processo. Optei por descrever o treino de sábado, as confraternizações e as competições como elementos que me auxiliaram na compreensão da rotina.

No próximo capítulo, destaco a efetivação dessa rotina que determinou duas categorias de análise para compreender o grupo e seus significados com a natação máster.



#### **CAPÍTULO 4 – “O OBJETIVO DA NATAÇÃO É A COMPETIÇÃO” e “A NATAÇÃO MÁSTER É UM POUCO MAIS “LIGHT”**

---

Ao iniciar a problematização da dissertação, procurei trabalhos no campo da Sociologia, Antropologia e da Educação Física que abordavam o esporte a partir da sua diversidade. Após o levantamento dessas e partindo que, *a priori*, o esporte é uma manifestação heterogênea, trouxe referências sobre trabalhos de natação máster/veteranos do campo sociocultural (ZAMBELLI E MARIANTE NETO, 2013) para me auxiliarem a compreender sobre qual o universo estava pesquisando.

Os autores, tanto da Sociologia e Antropologia do Esporte como os da Educação Física auxiliaram-me a perceber a natação - juntamente com minha experiência de professor de natação e nadador - não no singular, mas, sim, a existência de natações. Essa perspectiva conduziu-me a diversas dúvidas que foram explicitadas no decorrer do texto e a “olhar” o esporte e os significados a partir de uma ideia heterogênea que balizou minhas observações no período em que estive com os másters.

No decorrer dessa experiência, foi possível identificar que o grupo pesquisado constitui-se diverso a partir da própria equipe, que é composta por pessoas com idades, profissões e apropriações diferentes em relação aos significados atribuídos à natação máster. Isso já foi estudado por Stigger (2002), o qual identificou uma heterogeneidade dos grupos. Os diferentes modos de significar o esporte estão relatados nas suas descrições etnográficas entre os três grupos estudados por ele: Caídos na Praia, Grupo do Castelo e Anônimos. O autor, ao finalizar a obra, percebeu a existência de uma heterogeneidade interna, principalmente no Grupo do Castelo, que se constituía a partir de negociações e conflitos sobre os modos de significar o voleibol. As dimensões entre o “eu quero ganhar” e “eu quero brincar” (STIGGER, 2002, p. 208) serviam de exemplo para demonstrar as diferenças entre os significados. Entretanto, prevaleceu a lógica de não vinculação a um movimento de *performance* esportiva ou de rendimento, mas, sim, a perspectiva do *jogo pelo jogo*, o prazer em jogar e participar do grupo. Enfim, diz o autor, aquilo que parece uma coisa homogênea vista de fora, ao se aproximar dos grupos, pode perceber uma diversidade.

No campo de pesquisa, foi possível perceber fortemente essa heterogeneidade interna e os conflitos entre o modo com que os máster significam a natação. Assim, pelo menos duas dimensões significativas e controversas puderam ser identificadas no decorrer do trabalho.

A primeira dimensão é a “competitiva”<sup>25</sup> e, a segunda, a natação máster vinculada à ideia mais “light”<sup>26</sup>. A primeira está relacionada à lógica da competição, do rendimento e da seriedade. A segunda configura um espaço esportivo com uma lógica diferente: interesses de pertencer a um determinado grupo, viver um espírito de equipe, cuidados com o corpo, convívio e manutenção da saúde. De qualquer forma, vale ressaltar que as duas dimensões se atravessam nos treinos e nas competições, caracterizando uma manifestação que não é estanque. Porém, para efeitos didáticos, demonstrarei, no primeiro instante, como se estabelece a noção da “competição”.

No intuito de mostrar como essa heterogeneidade interna ocorre, demarcarei a competição e os significados atribuídos a ela por alguns nadadores. A categoria “competições” surgiu nos treinos/competições observados e, principalmente, após a fala do treinador da equipe: “Não existiria equipe sem competição (DC, 05/08/2013)”.

Posteriormente a essa frase, iniciei reflexões acerca da competição como algo significativo à equipe máster, mais especificamente pelo subgrupo dos Galácticos, que constantemente estão envolvidos com os momentos de competição. As pessoas que estão nessa classificação levam a natação máster a sério, dedicam-se de cinco a seis vezes por semana, participam ativamente das competições, fazem marcações para treinarem juntos, possuem características que vinculam investimentos corporais (sessões de treinamento de musculação e cuidados com a alimentação) e financeiros na prática (compra de trajes para competição e suplementação para melhora da *performance*).

As características e semelhanças em relação aos objetivos ficaram claras no decorrer do trabalho de campo, que, para eles, estão vinculados ao rendimento e ao desempenho como elemento central para sua permanência na natação máster.

---

<sup>25</sup> Discurso nativo

<sup>26</sup> Discurso nativo

#### 4.1 “O OBJETIVO DA NATAÇÃO É A COMPETIÇÃO”

a competição sempre foi muito importante na minha vida, porque é o que eu sempre digo, eu não consigo fazer alguma coisa sem ter objetivos futuros, e o objetivo da natação é a competição. Então, com o tempo, tu vêes que é na competição, não basta muitas vezes só nadar (ENTREVISTA, HENRIQUE).

O trecho da entrevista realizada com Henrique me fez pensar novamente na fala do treinador e em como a competição é significativa para alguns nadadores e o que ela representa para eles. Ao Henrique, sua resposta aproxima-se do pensamento da competição relacionada a objetivos. Além dessa característica, ele aborda que não basta somente *nadar* e que são os momentos competitivos que tornam a natação máster interessante.

Henrique dedica-se cinco a seis vezes por semana para o treinamento na água e só não participa das competições porque sua escala de voos<sup>27</sup> coincide com as datas dos campeonatos. A natação para ele está vinculada a resultados, superação dos limites e melhora da autoestima. Para isso se concretizar, ele procura determinar metas em relação a sua colocação nos campeonatos ou à melhora de marcas pessoais.

Na mesma lógica de Henrique, João aborda a competição na perspectiva de rendimento e de superação dos próprios limites.

Nas competições, fazer algo assim que quando eu estou na água e estou competindo e eu consigo superar ou baixar um tempo é superar uma meta pessoal, superar as nossas próprias limitações que agente chega num determinado tempo demora muito tempo para melhorar e que quando a gente consegue superar essa marcas, é um prazer, pelo menos para mim é muito bom. Atingir uma meta, atingir um objetivo, então, a natação para mim é a fórmula que eu encontrei de me superar e atingir esses objetivos deixou de ser uma coisa somente prazerosa.

Para João, a competição é importante, pois ele a considera um momento em que consegue externar suas emoções e o qual colabora para a retirada da tensão do dia a dia. Além disso, ele indica que possui metas estipuladas em relação a marcas pessoais que pretende alcançar. João acredita que “a

---

<sup>27</sup> O nadador é piloto de avião.

natação deixou de ser somente prazerosa”, ou seja, para ele, a natação máster está vinculada à melhora da *performance*.

Também para Carla a competição é um elemento que dá sentido à natação máster:

A competição, eu acho que dá o sentido do treino, por que nós estamos treinando? Porque teremos provas. E isso são nossos objetivos, e sem objetivos é muito difícil fazermos alguma coisa. Eu tenho que fazer um tempo bom para mim, eu tenho que satisfazer meus objetivos, e é por isso que eu treino [...] eu procuro sempre melhorar meu tempo ou mantê-lo, porque na idade que eu estou eu não vou melhorar muito, e eu vou anotando todos os meus tempos nos campeonatos, até para ter o controle e acompanhar.

Carla acredita ser importante a competição, pois isso lhe traz um sentido para treinar cotidianamente. Além disso, a satisfação em concretizar seus objetivos na competição e “ir crescendo” em cada campeonato é algo que faz parte de ser uma nadadora máster. Essa dimensão progressiva pode ser encontrada no livro de Stigger (2002) quando compara a busca da *performance* nos recordes. Essa lógica, segundo o autor, simboliza uma combinação entre o impulso para quantificação e o desejo da vitória, da excelência, do melhor.

Em meu entendimento, Carla e sua conotação de “ir crescendo” colabora com o fato de que a natação máster possui caráter comparativo a outros nadadores, tanto de sua equipe como de equipes rivais. De qualquer forma, essa dimensão se caracteriza importante, pois para alguns da equipe o fato de competir e buscar *performance* ou recordes é central.

Para Henrique o momento competitivo o faz treinar e, possivelmente, sem esse momento, ele não participaria dos treinos cotidianos:

eu gosto muito é de competição! Na verdade, treinar para mim é um benefício que vem através da competição, a competição é mais importante é o que eu mais gosto, é a minha terapia. E o treinamento vem junto.

Túlio – Se não tivesse competição, tu não treinarias?

Henrique – Acho que não, se fosse só por saúde acho que não, eu preciso da competição.

Esses nadadores e suas narrativas têm relevância, porque representam como a competição é algo significativo para alguns máster e está vinculada ao alcance de resultados, cumprimento de metas pessoais e que, provavelmente,

caso a competição não existisse de fato, a participação de alguns não seria efetivada.

Nos grupos estudados por Stigger (2002) - os Caídos da Praia, o Grupo do Castelo e os Anônimos- não possuíam a noção de rendimento, pois nenhum dos participantes demonstrava preocupação com a melhoria do seu rendimento. Além disso, a ideia de rendimento estava mais presente ou fazia sentido como forma de comparar a *performance* dos jogadores na busca de equilibrar o jogo.

O rendimento na lógica que Stigger (2002) encontrou estava mais presente no Grupo do Castelo e no Caídos da Praia, os quais se baseavam em *performance* para equilibrar o jogo e não balizavam o esporte a partir do individualismo de desempenho de cada jogador, mas sim no mérito ou na busca de um jogo interessante para todos.

No estudo por mim desenvolvido, apesar de aparecer a ideia de saúde, convívio, divertimento, fica evidente, como no caso dos Galácticos, que eles não participariam da equipe se não houvesse a competição. Para alguns máster, a competição torna-se um elemento que faz parte desse universo esportivo e caracteriza uma dimensão de seriedade, cuidados com a alimentação e o uso de suplementos alimentares, o que configura o aspecto *nadar por nadar* como algo irrelevante para alguns nadadores.

João expressa bem o porquê está nadando na equipe máster do clube e o fato de a equipe ser voltada para competição justificar sua permanência no máster.

(quando perguntado sobre as competições máster) as competições, eu vejo assim são competições realmente fortes, ah... tu perguntou lá no início a questão de como era treinar e competir no federado ou competir somente no máster, eu acho que no máster, aqui do estado é muito forte! É tão forte quanto nadar nos federados. A minha categoria é um categoria fortíssima (30 a 35 anos), então, poder ficar em certas provas para mim é bastante gratificante e eu vejo que as competições máster exigem bastante, então, um dos fatores de eu treinar aqui no clube é porque a equipe é forte mesmo, voltada para a competição e isso facilita e ajuda para poder participar das competições de natação máster aqui do estado.

Outro exemplo é Henrique, que demonstra o fato de não *nadar por nadar*. Como ele é piloto de avião e possui dificuldades em conciliar seus treinos com suas viagens Henrique negocia constantemente com

universidades, clubes e escolinhas dos locais em que está hospedado para poder se exercitar e não perder sua *performance*, tanto na água como na musculação. Além disso, procura manter uma dieta alimentar adequada e faz uso de suplementação alimentar:

(momento da entrevista em que pergunto a Henrique sua rotina em relação à natação máster e como ele se desdobra para fazer o treinamento e sua participação nas competições) Hoje em dia minha rotina com os voos internacionais eu estou fazendo de três a quatro voos por mês, tem uns dez, doze dias de folga aqui, então, esses doze dias de folga eu treino em Porto Alegre e o resto dos dias com os voos que eu faço para Paris, Orlando Nova York, Miami, todos esses lugares havia piscinas que me recebem de portas abertas sempre e eu não pago nada. Treino com a equipe deles fora tem todo um incentivo deles. Eles incentivam junto com a equipe deles, 'poh vai deixar o cara de fora ganhar de ti?' Então, é muito bacana, tanto musculação quanto alimentação eu como com eles no refeitório. Então, eu consigo com essa minha rotina de trabalho consigo treinar e fazer uma folga por semana e com folga no domingo. Só tem que acertar dependendo o voo na madrugada eu chego cansado e faço um folga no meio da semana porque estou cansado.

Túlio - Tu nunca deixas de treinar?

Henrique - Não, nunca.

Túlio - Mesmo viajando, trabalhando, tu nunca deixas de treinar e fazer musculação?

Henrique- Suplementação, natação e musculação, tudo. Eu tenho uma mala que é só para suplementação.

Túlio - E a tua alimentação é toda regrada em decorrência da natação?

Henrique - Não é tanto assim, mas eu cuido com gorduras, cuido os horários de treino que eu vou fazer, eu cuido para não comer coisas pesadas antes do treino, carboidratos antes de cair na piscina, mas é isso, mas não regro muito minha alimentação, não posso dizer que cuido. Eu cuido as 4500 calorias que a minha esposa, nutricionista, disse para eu comer todos os dias.

A seriedade que os Galácticos apresentam em relação às competições e nos treinos entre dedicação, rendimento e melhora da *performance* resultavam também em investimentos na prática, como a compra de trajes de alta tecnologia para a melhora da performance e também o uso de suplementos alimentares para melhorar a condição dos treinos.

(em uma das observações a borda da piscina entre eu e os Galácticos) Um dos atletas nos mostra um traje para

competição (uma espécie de bermuda altamente colada nas pernas até o começo do joelho) que ele comprara para nadar o brasileiro do final do mês. Em uma roda de conversas próximos à piscina, ficamos conversando sobre o traje e como ele auxiliava para nadar – “deixava o cara mais em cima da água, ajuda a nadar mais fácil” e também como é difícil de colocar, que em média demora mais ou menos 45 minutos para colocá-la sem rasgar (pois se usa o auxílio de uma sacola plástica e vai se colocando bem devagar para não perder a rigidez no corpo). Um dos colegas de treino faz uma piada “poh, isso serve no filho do Henrique, é muito apertado, deve apertar as bolas”, e todos soltam gargalhadas. A bermuda é de um verde abacate e realmente parece que não vai entrar nas pernas do nadador – é como se fosse uma roupa de criança apertada.

Um dos nadadores pergunta ao nadador que trouxe o traje: “Cara, e custou muito caro? Quanto foi?” Ele responde que foi R\$ 800,00 reais porque comprou pela internet, se fosse na loja que vende em Porto Alegre ele conseguiria por R\$1000,00. Todos ficamos impressionados pelo valor, mas também sabíamos que o traje auxilia muito na performance do atleta. Outro ponto que surgiu foi de que não teria muito tempo de uso, pois quanto mais se coloca a bermuda mais elástica ela fica e perde sua função principal, ou seja, sua durabilidade é de quatro quedas na água (DC, 18/04/2013).

Esse excerto do diário de campo mostra que alguns nadadores da equipe procuram manter suas *performances* e melhorá-las com determinados investimentos que acreditam influenciar no seu rendimento na competição. Também é o caso de suplementos alimentares, não somente para fins estéticos, mas também para suportar as séries difíceis do treinamento e a melhora da *performance*:

(conversa que ocorreu dentro da piscina enquanto treinávamos) Quando alguns nadadores paravam devido as suas séries e os intervalos, eu escutava burburinhos que o treinos estava muito forte hoje por parte de alguns nadadores, outros não reclamavam e cumpriam a sessão de três mil metros por dia).

Quando terminei a série principal, fiquei ao lado de Rodrigo, que concluiu a série ao meu lado e estávamos com tempos semelhantes. Nesse tempo em que tivemos de descanso, percebi que Rodrigo tomava um líquido amarelo em um recipiente grande. Perguntei a ele:

Túlio: Está tomando suplemento agora? Não te percebi tomando antes.

Rodrigo: Sim, nossa está me ajudando bastante. Olha, ajuda a aguentar nem que seja o psicológico.

Notei que após a fala do nadador, ele investia no treinamento e na competição, para ele tinha significado tomar suplemento e suportar as séries principais do treino. “Sequência de treinos”

como ele dizia é importante, mas “estar acompanhado” também é importante (DC,10/10/2013).

Aos poucos, acompanhando a equipe, também pude perceber o desejo de alguns praticantes, extremado, por nadar, principalmente dos Galácticos em relação aos treinos e às competições. Um bom exemplo é Mauro: o nadador está na natação máster há cinco anos e frequenta diariamente os treinos com objetivos competitivos. Enquanto estive no campo, ele apareceu, somente depois do segundo mês de observações, mas já no primeiro contato que pude ter com ele, presenciei uma cena inusitada: Mauro, que estava afastado por motivos de saúde, foi treinar com a clavícula quebrada, apesar das recomendações médicas que o impediam de nadar:

Hoje, chegou um rapaz novo para treinar, aparentava ter 30 anos com porte físico atlético. Ele me cumprimentou e também Gabriel, que me apresentou e ele disse seu nome, Mauro. Após nosso curto diálogo, ele dirigiu-se ao vestiário.

Quando ele entrou na piscina, Gabriel comenta; “Cara, tu viu a fissura do que é nadar?” Ele apontava para a piscina e falava que Mauro tinha quebrado a clavícula e por recomendações médicas ficara afastado das piscinas por três meses, o médico recomendou três a seis meses. No entanto, quando meu olhar direcionou-se para a piscina, Mauro já está nadando na primeira raia e com o auxílio do pé de pato, nadando somente crawl e um braço, o que está quebrado, ele não movimenta (DC, 01/04/2013).

Com o aumento das observações e de minha participação na equipe, comecei a perceber que a dinâmica competitiva se intensifica para o grupo dos Galácticos. Além disso, como a equipe possui uma condição de participação nas competições de todo o grupo, pude constatar que nem todos os nadadores possuíam essa “fissura” em nadar e que o rendimento e a melhora da performance não é propriamente o objetivo central para outros nadadores máster.

Aos poucos, observei que as situações que ocorrem na equipe são controversas em relação aos significados sobre a natação máster. Por um lado, percebo algumas pessoas tomando suplemento, cuidando da alimentação, fazendo musculação, dedicando-se com seriedade e assiduidade no interior da equipe com o objetivo da melhora da performance e de cumprimento de metas



pessoais. Por outro lado, eu observava a falta de seriedade, descompromisso com o treino e com a competição.

Assim, não seria possível dizer que a equipe máster de natação que pesquisei está pautada somente pela lógica do rendimento e seriedade. De uma forma semelhante ao trabalho de Pacheco (2012), encontrei nadadores que possuem grande seriedade no esporte, que se dedicam, treinam e fazem investimentos com a prática. Porém, diferente do que a autora encontrou sobre um núcleo de time que estava envolvido por um lazer mais sério, os máster de natação estão em constante movimento sobre esse aspecto, ou seja, o significado atribuído nesse contexto pode estar vinculado a uma heterogeneidade interna em que impera duas lógicas: “objetivo da natação é a competição” e “a natação máster é mais *ligh*”.

Percebi o desdobramento entre “*competição*” e a “*natação mais light*” principalmente nos campeonatos, pois foi nesses momentos em que observei diferentes significações e percebi que a lógica competitiva está pautada também pelo prazer em nadar por parte de alguns nadadores da equipe.

Esse prazer em nadar se tornou compreensível na última competição da qual participei como nadador da equipe e quando conversei com o praticante Jonas. Ele comenta sobre sua disposição para treinar – diariamente – e que para frequentar um espaço competitivo é preciso “gostar muito” (DC, 20/10/2014). Segue um diário de campo sobre uma das competições e a frase do praticante referido:

Em um dos momentos da competição, me aproximei de Jonas. Ele começou a treinar e se dedicar somente há três anos com a natação máster e, atualmente, treina cinco vezes por semana e nunca falta a nenhum treino. Conversamos sobre os significados da natação para ele e qual o sentido da competição.

Ele relatou a seguinte frase “para estar aqui ou para treinar é preciso gostar muito”. Ainda, completou dizendo que tudo levava o nadador a não estar naquele espaço, o treino é complicado e difícil e se não gostasse não estaria participando. Comentei que eu observava que cada pessoa tinha um determinado objetivo com a natação e de que eles se atravessavam entre a seriedade na competição e o convívio social. Ele comenta que para alguns estar ali e competir de forma séria tem um significado muito grande e ganhar uma medalha é o reconhecimento entre o grupo, família e amigos,

mas para outros nadadores ganhar uma medalha não é importante (DC, 20/10/2013).

Assim, por mais que a competição é significativa para alguns nadadores máster e que levem com seriedade o esporte, não poderia dizer que a equipe se sustenta somente por essa perspectiva, pois ao mesmo tempo em que a seriedade está muito presente entre os Galácticos (que representam uma parcela da equipe), o prazer em nadar se constitui como um elemento que faz parte desse contexto.

No próximo momento, descrevo como os nadadores da equipe significam a natação máster a partir da perspectiva “mais light”.

#### 4.2 “A NATAÇÃO MÁSTER É UM POUCO MAIS LIGHT”

A natação máster é um pouco mais light, eu acho que a gente consegue relaxar um pouco mais, podemos sair para tomar uma cervejinha com a equipe, dar risada. E não que isso seja ruim, eu vi que muitas vezes é maravilhoso, principalmente alguns atletas que treinam muito bem e na competição nunca deram muito resultado, no máster muda esta história, porque a gente está mais relaxado e não tem tanto compromisso, não tem a cobrança (ENTREVISTA, HENRIQUE).

Analiso justamente uma declaração de Henrique para destacar que, por mais que ele aborde em sua narrativa que o objetivo da natação máster é a competição, nesse trecho ele elucida outras características que o fazem permanecer na equipe, como convivência com seus colegas e as saídas fora do ambiente natatório se constituem importantes:

Isso é a grande diferença do máster, eu acho que aquele atleta máster que vem pelo social, com os amigos, que faz tão bem quanto os competitivos; tem gente que vem pelo social e vem para ganhar, para mostrar resultados, que sou eu. E tem pessoas que são menos competitivas, mas gostam de uma conversa, um churrasco, uma reunião para dar boas risadas, e isso é bacana; é bacana ver como essas pessoas vibram ao serem colocadas em um revezamento, eu acho que isso é o legal, eu acho que é por aí (ENTREVISTA, HENRIQUE).

Sobre esse aspecto, para José, a natação significa muito mais do que competir, é estar realizando um esporte com os amigos em que tenha conversas e seus objetivos não estão centralizados no ganhar dos adversários.

“Tenho que vir aqui nadar, fazer um exercício, bater papo com a turma. Esse conagraçamento que a gente tem aqui é uma vida, a minha segunda casa é aqui” (ENTREVISTA, JOSÉ).

Na mesma linha, Carla acha importante os momentos de conversas entre seus colegas de equipe.

gosto da conversinha do vestiário, acho muito importante relaxar e gosto muito de ver sempre as pessoas que eu gosto lá. Tem toda uma rotina e meu dia se completa com esse exercício. E é tudo isso que a nataçãõ significa para mim, eu levo muito a sério, é um objetivo para mim, e eu me sinto muito bem (ENTREVISTA, CARLA).

---

Tem também, que é uma coisa super legal, por exemplo, hoje eu nem iria nadar, não estou bem, mas só por estar com as gurias já me animei e fui no embalo. É do treino que eu gosto muito, de treinar o coletivo, aí sim eu gosto do coletivo, mas esse coletivo meio individual, é difícil de explicar (ENTREVISTA, ALINE).

A ideia de um espaço de convívio com outras pessoas e que isso representa em grande parte para aqueles que estão entre o grupo dos que “gostam muito de nadar” se expressa nos relatos de Carla e de Aline, as quais acreditam que a conversa do vestiário e o contato com outras pessoas as motivem para ir aos treinamentos diários.

Um dos aspectos que faz parte da nataçãõ ser mais “Light” é o fato de alguns máster não gostarem dos momentos competitivos e, sim, dos treinamentos, como é o caso de Aline.

Agora, eu vou lhe confessar uma coisa, eu não gosto de competir, não gosto, eu sou meio obrigada pelo clima, porque isso me deixa cansada; mas, eu gosto de ajudar, eu queria estar lá só ajudando, na torcida, mas eu não gosto muito de competir, não gosto mesmo. Na verdade, eu estou cansada de competir, eu adoro levar meus guris nas competições, se necessário eu fico doze horas lá, mas eu não gosto de estar lá competindo, nadando, porque eu estou desprendida de qualquer compromisso. E é algo meu não é por causa do grupo, por causa das gurias, é uma coisa minha (ENTREVISTA, ALINE).

Na declaração de Aline, percebe-se que ela não gosta da competiçãõ e, sim, dos treinamentos semanais, o que a motiva para continuar na equipe. Por um lado, sua participaçãõ na nataçãõ máster está mais no sentido de

cooperação com a equipe e com o prazer em nadar. Por outro lado, sua participação, ao mesmo tempo, é saciada pelo “clima” de grupo:

o máster significa algo mais light, sem tanta cobrança, acontece a cobrança comigo mesma; é a questão de equipe e o resto é comigo. Eu me cobro quando não nado, eu me sinto mal, me ocorre um sentimento de culpa, de certo modo (ENTREVISTA, ALINE).

Mesmo sua participação nas competições não agradando à Aline, ela admite que faz parte de uma equipe, portanto, participa desses momentos, mesmo sem muito prazer em nadar competitivamente. Para ela, a natação máster representa mais do que estar competindo:

A natação me tranquiliza, quando eu estou com algum problema ela me ajuda, me acalma, me alivia, e principalmente, alivia meu corpo, porque eu me sinto mal quando não nado; às vezes, quando eu estou mal, eu chego a nadar chorando. A natação me ajuda com relação à saúde mental, quanto ao meu corpo, me relaxa (ENTREVISTA, ALINE).

Na perspectiva de Aline, ela acredita que a natação significa também uma forma de cuidar de seu corpo, fazendo um exercício prazeroso que alivia e relaxa o seu dia. Além do corpo, ela comenta sobre sua ‘saúde mental’ que está entre os cuidados com a saúde. Nesse aspecto, outros nadadores da equipe, principalmente os mais velhos, vinculam a natação máster por essa perspectiva mais “light”, como uma necessidade física. Elaine, de 64 anos, comenta:

A competição é lúdica, é desafiadora. Mas a natação máster é uma necessidade física, um sentimento bom em nadar, já é automático uma prioridade, algo prazeroso e que me sinto bem fisicamente. Eu fiz exames e tinham problemas e não tem mais nada agora e a médica acha que tem a ver com a natação (ENTREVISTA, ELAINE).

Além de a natação máster estar envolvida entre o clima competitivo e o “Light”, existem outras características que a envolvem, uma delas é o cuidado com a saúde e sua manutenção.

Para José, 80 anos, o nadador mais velho da equipe, seu objetivo se realiza em chegar nas provas competitivas e não representa necessariamente

a vitória para ele. Para ele, o fato de competir se constitui em participação e não competição com fins de rendimento.

O meu objetivo é chegar, apenas isso. Mas, o objetivo dos demais competidores e colegas é ganhar a prova. Eu nado para fins de melhoria na saúde, eu tenho uma filha médica, e ela me cobra muito essa questão de ter uma vida saudável e sempre me pergunta se eu estou nadando. Eu necessito fazer exercício, e eu faço quando posso, não absolutamente todos os dias, mas quando eu posso eu faço, e normalmente na parte da manhã.

---

algumas vezes eu não chego a competir. Eu vou participar, eu vou nadar, e não competir. Eu vou em todas as competições com o grupo, mas eu não nado em todas as provas, sempre tem uma que eu participo, a dos cinquenta metros normalmente. Aliás, teve uma no ano passado que só tinha cem metros, o de cinquenta metros não tinha, e eu fui junto com o grupo, o grupo é uma maravilha. Foi em Lajeado, foi sensacional.

Além do momento competitivo com a equipe, o nadador representa o convívio entre pessoas de idades diferentes, mantendo sua permanência na equipe para manutenção de sua saúde. Mais do que um estilo de vida que representa treinamento – que não é extremamente regular – o nadador revela que é uma necessidade física nadar e que a água o deixa mais feliz.

Me dá um prazer, uma satisfação enorme. Esses dias, havia um quadro muito bonito aqui no clube, que falava da satisfação de poder participar da água, flutuar na água. É um sentimento maravilhoso, diferente (ENTREVISTA, JOSÉ).

O sentimento o qual relata o nadador diz respeito ao prazer em nadar, estar na água. Para ele, flutuar e nadar, estar em contato com o meio líquido são sentimentos que compõem um estilo de vida saudável e que o mantém ativo fisicamente e socialmente. O que não quer dizer que isso represente a totalidade de significados dos que estão no grupo, mas, sim, de uma parcela de praticantes mais velhos (que são poucos).

Entre o grupo de mais velhos, Elaine discute as questões de saúde e faz referência à natação como uma necessidade, que melhora sua condição física e que não procura *performance* como o objetivo central de sua prática. Para

Elaine nadar nos máster possui um sentido específico: “nadar para sempre”. Ela não descarta a possibilidade de ser um esporte sério ao qual se dedica (é assídua e treina todos os dias, sem falhas). Percebo que a nadadora tem a natação como algo “sagrado” em sua vida.

O meu objetivo é continuar nadando até (ela faz uma longa pausa para pensar no que iria dizer e olha para cima, com os olhos se enchendo de lágrimas)... se eu conseguir nadar até os noventa anos. O meu objetivo é seguir nadando até o resto da minha vida. E meu objetivo é nadar sempre e, claro, quero melhorar os tempos também. Assim, a natação não me tira nenhum tempo do que eu tenho que fazer, das minhas atividades cotidianas. Natação é séria. Mas, tem a natação que é divertida, como, por exemplo, o treino de sábado, ele é coletivo, todo mundo faz a mesma coisa junto. Às vezes 6 a 7 pessoas na raia. E vamos cumprindo o programa. É muito legal, eu adoro, é o melhor momento e é o treino que eu me sinto mais exigida, e eu gosto de ser exigida e daí eu posso me testar mais e acho essencial o treinador estar envolvido. Como é uma equipe de jovens e eles nadam melhor, o treinador se dedica mais a esse grupo (fazendo referência aos Galácticos) e são os que têm mais capacidades.

Elaine aborda que a melhor coisa que aconteceu na sua vida, depois de sua filha, foi a natação e que ela registra os momentos em que não pode cumprir as sessões de treinamento, o que a deixa muito chateada.

Neste momento, depois da minha filha e meu trabalho, a melhor coisa na minha vida é a natação. É relaxante, terapêutico. Eu registro os dias em que eu não posso nadar. Se eu não vou sábado, Nossa Senhora! Eu me cobro, é uma cobrança positiva e o quanto é prazeroso fazer essa prática esportiva (ENTREVISTA, ELAINE).

Além da dimensão da saúde relatada por Elaine, ao ser perguntada sobre como ela percebe as pessoas que estão em seu núcleo de relacionamentos e como a percebem com 64 anos nadando todos os dias em uma piscina aberta, ela responde que “as pessoas se surpreendem” (ENTREVISTA, ELAINE).

Sim, as pessoas se surpreendem, as amigas. Todos se surpreendem. Só quem está dentro consegue entender. Esse gostar, essa paixão, essa disponibilidade, meu pai fala, “O que tu ganha com isso?”, eu digo: saúde física e mental. Às pessoas não entendem, imagina no inverno tu te jogar na

piscina no frio do inverno. As pessoas se surpreendem e estranham positivamente. Mas valorizam.

O fato das pessoas se surpreenderem com sua rotina na natação, a comparação com outras pessoas de sua idade, quando relata que suas amigas não conseguem mais andar por causa de dores no corpo e sua satisfação em completar as sessões diárias de treinamento, tudo isso a deixa contente. Além disso, complementa que os momentos competitivos a motivam para continuar a nadar, pois a competição alimenta sua vontade de participação. Em sua entrevista, ela explicou a ideia de que a natação máster competitiva a orgulha, pois é um desafio positivo nadar com pessoas com nível técnico maior. Assim, a competição não configura o objetivo central na atividade.

Os relatos acima estão envolvidos entre o convívio, manutenção da saúde e o prazer em nadar. Todos esses elementos representam significados peculiares à prática esportiva, que, por hora, pode estar vinculada a noções de seriedade e por outras pelo prazer em nadar ou o *nadar por nadar*. Em relação a esse último, observei que nos Galácticos está pouco presente, no entanto, entre as controvérsias estabelecidas no decorrer das narrativas, compreendi que cada nadador máster possui um objetivo específico com a natação e que ele pode variar dependendo de como os nadadores significaram sua lógica de participação.

Essa perspectiva pode ser encontrada no trabalho de Silveira (2008) e seu esquema da “gangorra”, sobre os significados que um time de futsal feminino atribuía à prática esportiva. A autora percebeu, no decorrer de sua etnografia, que, em muitos momentos, as mulheres da equipe jogavam futebol com fins de rendimento e, em outros, elas tinham essa prática como um espaço de lazer e convívio. Os dois elementos estavam em constante movimento no grupo e, em alguns momentos, ou a “gangorra” poderia pender para um lado e depois para o outro em um mesmo dia ou em outras situações ocorria a sua estabilização. Além do mais, esse movimento varia de acordo com os acontecimentos do cotidiano.

O trabalho de Silveira (2008) auxiliou-me a compreender que a lógica do time no qual ela pesquisou estava vinculada a noções controversas e que elas se atravessavam no cotidiano dos treinamentos e das competições, o que

acarretava o ir e vir da “gangorra” e da modificação dos significados, dependendo do espaço em que estavam participando.

E, como foi descrito acima, rendimento, competitividade, técnica das praticantes, resultado do jogo, preocupação do técnico com sua equipe e com o time adversário são significativas para o time. No entanto, é importante destacar que a presença dessas características não inibe as brincadeiras, as relações de amizade e também a sociabilidade que se evidenciam. Se, na maior parte do tempo, nos jogos *oficiais*, a seriedade é fator constante, isso não impede que, por alguns momentos, a descontração fique mais evidente (SILVEIRA, 2008, p. 96).

Fica compreendido que o grupo pesquisado está envolvido por essas formas de encarar a natação máster. Desse modo, no próximo momento do texto, descrevo os elementos que vão ao encontro dessas duas perspectivas destacadas. Por mais que a demarcação entre eles fosse necessária no primeiro instante, as características que seguem fazem parte dos treinos e das competições e se atravessam entre a categoria *competição* e a *“light”*. Compreendo dessa forma, pois a participação, assiduidade e o espírito de equipe estão presentes a partir do desdobramento que descrevi no decorrer do capítulo e, de alguma forma, caracterizam o modo com que os máster significam a natação e o processo de pertencer a uma equipe.

#### 4.3 ENTRE A “COMPETIÇÃO” E O CLIMA MAIS “LIGHT” – PARTICIPAÇÃO, ASSIDUIDADE E ESPÍRITO DE EQUIPE

Apesar de se constituir de pelo menos essas duas dimensões apresentadas, existem outras características que estavam presentes no cotidiano da equipe e que apresentarei nesse instante, como participação do grupo (treinos e competições), assiduidade entre os participantes que também se mostrou importante (não somente a participação nas competições/treinos como também a convivência nas confraternizações e em outros momentos que marcaram a liderança de alguns nadadores) e o espírito de equipe (sendo que aqui abordarei o que os nadadores esperam de seus colegas e o que se configura como um bom máster para a equipe).

Um dos elementos que esteve presente nas observações é a forma de participação de alguns membros da equipe e o envolvimento para o êxito dos



objetivos propostas pelo clube e pela equipe: participação dos nadadores na competição. Durante meu processo etnográfico, percebi o envolvimento mais de algumas pessoas e menos de outras. Os motivos variavam entre disponibilidades e o não querer vinculação administrativa com a equipe.

Um bom exemplo é a nadadora Jaqueline, que, mesmo não possuindo um cargo específico, envolve-se mais na equipe do que outros e isso é reconhecido e valorizado no interior do grupo, sejam nas conversas na borda da piscina ou no grupo de e-mails da equipe.

Jaqueline é a mais velha mulher da equipe e observei, em toda a extensão do trabalho de campo, grande mobilização sobre assuntos que norteavam as demandas da equipe. A nadadora possui papel definido na equipe e é reconhecida efetivamente como a líder do grupo. Ela está na equipe desde a criação, em 2004, e se mantém até hoje como a participante mais ativa do grupo. Assim, suas atividades consistem em auxiliar o treinador na elaboração dos revezamentos para concluir o somatório das idades e na mobilização para recrutamento de nadadores para irem às competições.

Em uma situação presenciada de um treino de sábado, Jaqueline havia chegado antes do horário marcado para auxiliar Gabriel na montagem dos revezamentos, com o intuito de elaborar a melhor estratégia para que a equipe se consagrasse campeã no campeonato que ocorreria na semana seguinte do treino de sábado (DC, 02/11/2013). Seguem trechos de mensagens do grupo de e-mail da equipe, do treinador e de um dos praticantes que a reconhecem como uma líder e que sua iniciativa de mobilização para a manutenção da equipe é importante e reconhecida pelo grupo.

(Treinador da equipe) - Ontem nós completamos dez anos de história, e de muitas histórias. Algumas não muito boas, mas muitas, muitas mesmo de sucesso e alegria. Nestes dez anos, aproximadamente 200 atletas defenderam as cores da equipe. Quero parabenizar, e principalmente agradecer a todos que fizeram, e fazem parte desta história. Eu também quero que todos vocês saibam do orgulho que eu tenho em dirigir este grupo de atletas. Da grande satisfação e realização profissional trabalhando com todos vocês. Às vezes, eu sei que não é fácil trabalhar comigo como técnico. Mas a relação entre atleta e treinador, nem sempre é fácil!!! Não existe treinador "bonzinho"! Obrigado ao presidente, que é o criador desta equipe! Por acreditar na minha capacidade de dar seguimento a ideia de criar uma equipe de natação, em um clube que até então não tinha tradi o no nosso esporte. E

hoje possui reconhecimento nacional. Obrigado ao Dener, pois foi diretor nos anos mais conturbados da equipe, e sempre esteve ao meu lado, dando apoio (mesmo estando a fim de me pegar pelo pescoço). Obrigado a Jaqueline! Pois nenhum outro atleta se dedicou, e contribuiu tanto para as conquistas da nossa equipe, dentro e fora da piscina (GRUPO DE E-MAILS, 2013).

---

Obrigado Jaqueline pela mensagem, com certeza precisaremos muito de ti a frente desta equipe em 2014, és uma pessoa fundamental para o sucesso da equipe, tua garra e dedicação é que movem este grupo de amigos (GRUPO DE E-MAIL, 2013)

Jaqueline é a mais assídua no grupo, com mensagens de incentivo para os praticantes irem às competições e “mexer” de algum modo para que se mobilizem. Além disso, constantemente envia mensagens de apoio aos praticantes e avisos sobre as competições que julga mais importantes para a equipe comparecer, em nível nacional e internacional. As de âmbito regional, a discussão está em quantas pessoas irão. Algumas mensagens de Jaqueline para o grupo de e-mails:

Pessoal, comer é bom, nadar melhor ainda, competir então é a nossa praia. Vamos lá. Se inscrevam logo pra não deixar nosso técnico estressado (GRUPO DE E-MAILS, 2013).

---

Essa é a nossa grande oportunidade. Quando todo mundo acha ruim e a hora de mostrar nossa união e fazer valer nossa busca por vitória nesse ano tão importante da comemoração dos nossos 10 anos. Bom ou ruim vamos com força total A CANOAS 17/5 (GRUPO DE E-MAILS, 2013).

---

União, esforço, companheirismo, sucesso, alegria e muito mais que eu possa dizer vai ser pouco pra definir nossa equipe. Equipe que teve seu início com poucos nadadores que acreditaram que ia dar certo, e hoje quando completamos 10 anos nos encontramos várias vezes vitoriosos tanto nas competições como fora delas. Nosso exemplo e nossa imagem se solidificam e fazem com que vários nadadores se agreguem a nós porque somos uma equipe além de possuímos ótimos nadadores, ótimos técnicos, possuímos um precioso círculo de amigos. São os que vibram, choram, se abraçam a cada vitória na água, são os que te escutam quando precisas desabafar enfim uma família. Acabamos de levar nosso nome para ser reconhecido mundialmente. Se traçarmos nossa trajetória nesses 10 anos podemos ver que somos uma equipe iluminada (GRUPO DE E-MAILS, 2014).

Através da cobrança de participação dos próprios praticantes -exemplo de Jaqueline - além da participação nos treinos, outras questões são reconhecidas pela equipe. Uma delas é a presença dos nadadores nas competições e, a outra, é falta nelas, sendo criticada por alguns do grupo.

Os “Leões de Treino”, como classifiquei esse subgrupo dentro da equipe, representa um coletivo dentro do universo, participam do treino diariamente. Por essa razão, existem as críticas, principalmente no que se refere à lógica de participação nas competições. De qualquer forma, mesmo que a competição não seja central a todos, acaba sendo balizador.

Para alguns máster, isso prejudica a equipe, pois, como não se pagam valores financeiros para usufruir do clube - treinador, piscina aquecida, horários flexíveis, etc. - a única exigência que ocorre é a participação nas competições. Presenciei em um campeonato a falta de um nadador que iria compor o revezamento e isso levou à desclassificação da equipe na prova.

Na competição observada, o fato que marcou foi a falta do atleta Fabiano, por decorrência de sua ausência o revezamento 120+ B foi desclassificado. A prova era o 4x200 metros livre, Fabiano ligou para o treinador e avisou que não poderia ir, pois tinha um compromisso inadiável no momento exato da participação da prova. Após o anúncio do treinador que a equipe não nadaria o revezamento, percebeu-se o sentimento de desapontamento. Logo, Gabriel avisou:

“Depois dessa, o Fabiano vai acabar sendo banido da equipe, disse que tinha um compromisso inadiável, tá certo que a competição atrasou e tudo mais, mas porra... não pode falar assim” (DC, 25/04/2013).

Aline comentou esse fato e explica seu ponto de vista, que acredita que a falta na competição caracteriza um descompromisso com a equipe. “O pessoal arruma as desculpas, de trabalho, compromissos, e isso e aquilo. E isso é muito ruim para a equipe, isso que faz a desunião e desestimula, prejudica a equipe (ENTREVISTA, ALINE)”.

Carla relata a ausência dos nadadores nos momentos competitivos e diz o porquê não concorda com a não participação:

Eu acho sacanagem isso, treinar para depois não competir. E a gente não paga nada a mais, o treinador é oferecido pelo clube e nós só pagamos as inscrições dos campeonatos. E eu sei que em outras instituições é pago, o que eu não acho errado. E complicado entender que as pessoas treinam muito e não

competem, porque a piscina do clube é dos sócios, não é nossa, não é para treinos, nós treinamos, e quem quiser pode entrar, não tem problema para nós. É estranho para nós, mas é assim.

A nadadora acredita que não consegue compreender os motivos por que os membros da equipe que se dedicam todos os dias não participam das competições. Ela argumenta que não haveria desculpas aceitáveis para a não participação. João colabora com a mesma ideia, de que se o nadador está vinculado a uma equipe de natação máster, ele “deve” participar da competição.

Eu acho que, acho não, até tenho certeza se tu tem uma equipe voltada para rendimento para competição, por mais que seja máster, eu acho que se tu traz a ideia de competição acho correto as pessoas as pessoas que se agregam em uma equipe, que visa competir, eu não vejo problema nenhum nessa questão de competição. Tá certo que a pessoa pode não ir uma vez ou outra na competição, mas eu acredito que se é uma equipe voltada para competição eu acredito que realmente tem que participar. Tem que cobrar que a pessoa participe, senão quer competir vai fazer uma aula de natação na escolinha do clube. esse momento da equipe é direcionado para competição, eu acho que a diretoria ou quem estiver envolvido com a equipe tem todo o dever de chegar e exigir realmente a participação de todos.

A partir desses argumentos, tudo leva a crer que a dimensão da não participação se constitui negativo para a equipe e que prejudica o bom andamento da equipe. No entanto, convivendo com o grupo por um longo período, percebi que, mesmo algumas pessoas não participando efetivamente das competições, existem outras formas de participações que são consideradas circunstanciais em alguns momentos e, em outros, agregam características além do fato de competir.

Um exemplo é Flávio, que “foge” dos fatores de participação nas competições. Ele normalmente treina com a equipe durante a semana, mas pouco participa das competições, sempre alega ao treinador cansaço e falta de preparo. No entanto, é reconhecido por outras qualidades que compõe no grupo e possui papel de destaque no interior da equipe: ele mobiliza as confraternizações e cozinha para o grupo. Em um almoço realizado pela equipe

após o treino de sábado, ele fez uma galinhada para quase quarenta pessoas, sendo que ele nem mesmo participara do treino naquele dia (DC, 02/11/2013).

Além disso, presenciei diálogos em que ele preparou alguns churrascos para a equipe e sempre o convidavam para essas ocasiões, pois sabiam que, se ele fosse “o Gourmet”, a participação do grupo seria um sucesso. Portanto, mais do que participar efetivamente das competições, é valorizado a participação fora da rotina dos treinos e nos momentos em que se reúnem fora das raias da piscina.

Outro exemplo é o nadador José. Ele não possui uma rotina de nadar todos os dias, mas percebo que ele acompanha a equipe nas competições mesmo sem participar das provas competitivas. Ele é um nadador que possui marca-passo no coração e já foi impedido de nadar pelos médicos, no entanto, para ele, a natação é “uma cachaça” (ENTREVISTA, JOSÉ) e acompanha a equipe mesmo sem a participação efetiva nas provas com campeonatos. Isso também é valorizado pela equipe, bem como sua participação nos eventos e confraternizações. José participou de uma viagem com a equipe máster para uma competição de dois dias, em Lajeado, e foi somente como acompanhante, sem participar de nenhuma prova com a equipe.

Esse fato causou conversas paralelas na semana seguinte ao campeonato durante os treinos e os másters comentaram sobre a disposição de José em acompanhar a equipe para a competição, enquanto outros não participavam desse processo. Isso demonstra que participar de uma equipe de natação máster, especificamente do grupo que pesquisei, não é somente manter uma rotina de comparecimento às competições e treinos, mas, além disso: existem características que agregam além do nadar.

Logo, essas outras características determinam diferentes posições que se estabelecem no decorrer da história do grupo e ficam evidenciadas as lideranças, os participantes de maior ‘poder’ de gerência sobre a equipe e o que eles acreditam ou não ser bom para equipe. Entre esse desdobramento, pude perceber algumas atributos que se tornam importantes a partir da inserção na equipe.

Alguns máster significam o que eles esperam de seus colegas de equipe e entre isso estão às expectativas sobre a participação (como foi descrito anteriormente) e a valorização da união entre os membros do grupo, o que

nem sempre está em harmonia. Para Carla, existe uma divisão<sup>28</sup> muito grande entre homens e mulheres na equipe e isso prejudica a união do grupo.

No entanto, além disso, o que pode ser presenciado e interpretado é o reconhecimento do companheirismo entre os treinos e as competições, o que configura o que eles esperam de seus colegas de equipe. Para Elaine, ela acredita que a “parceria, companhia e participação” estão de acordo com o que ela espera na equipe. Em posição semelhante, Henrique coloca seu ponto de vista:

Eu espero companheirismo, espírito de time sempre, como a gente sempre teve. A gente teve algumas desavenças, mas, com certeza, eu já quase briguei com alguns na borda da piscina, mas, são coisas que acontecem até em família em casa. Isso também é muito saudável para aprender, crescer, pedir desculpas quando a gente erra. Então, eu acho que isso é outra coisa muito importante, que é o convívio social entre pessoas, e um crescimento bárbaro, eu acho muito bacana isso.

Henrique compara o convívio com a equipe com o de sua família, ou seja, a natação para ele necessita esse “espírito de time” e declara que aprende com seus colegas com os acertos e erros. O companheirismo centra-se na lógica da convivência com as pessoas. Ela pode extrapolar os limites das raias da piscina, ou seja, há, para alguns, encontros com seus colegas de equipe, fora do clube.

Nesse caso, Henrique acredita ser um dos pontos importantes da natação além da competição: manter um vínculo com amigos considerados especiais. Ele mantém esse vínculo principalmente com seus colegas que pertencem aos Galácticos “Temos sociedade em barco, vamos andar de lancha nos finais de semana, esqui,ar, todo mundo junto, é o grupo bem bacana e vamos juntos para o Canadá agora, competir no mundial”.

As considerações dos praticantes sobre o que esperam de seus colegas de equipe fomenta a ideia de que, para participar de uma equipe máster de natação, não basta somente o rendimento, como também não basta somente

---

<sup>28</sup> O interessante na abordagem de Carla é o “alerta” sobre a natação máster como um “território masculino” e, pelo que pude observar nos treinos e competições a parcela de homens é maior do que a de mulheres em ambos os casos. Isso chama atenção e abre o debate sobre gênero, no entanto, não me aprofundarei nesse assunto, pois “foge” da temática que, inicialmente, me propus e também por limites de tempo para a finalização da dissertação.

nadar. O equilíbrio entre esses fatores são determinantes para o desenvolvimento da atividade e que se consolida, em alguns momentos, como concreta e, em outros, as situações de controvérsia entre as significações atribuídas à natação estão em constante movimento.

Portanto, as participações de alguns membros da equipe em diferentes situações estão em negociações entre os praticantes, assim como, em outros instantes as pessoas são reconhecidas por suas posições adquiridas no decorrer dos anos na equipe. Além disso, a falta nos campeonatos configura um ambiente de conflitos entre os nadadores, mas também estão em negociação quando cumprem com outras características que agregam a equipe.

Além do mais, foi possível perceber que o companheirismo e o espírito de grupo, são elementos que atravessam indiferentemente as categorias de rendimento e “Light”. Essas dimensões que significam o esporte e como as pessoas se apropriam foram importantes para compreender o grupo.

Todos esses dados mostram que há uma mistura e a heterogeneidade do contexto, que por um lado, procura a busca do resultado e, por outro lado, as pessoas acabam dando valor a uma convivência coletiva, como é o caso das confraternizações, que ocorrem, principalmente, em sábados após o treino (DC, 02/11/2013).

Assim, faz sentido as explicações de Devide e Votre (2000) e Soares (1995) – ambas sobre nadadores máster – na qual defendem a posição legítima de superação dos próprios limites e poucas vezes o ganhar do adversário como ponto central na rotina dos nadadores. Os másters treinam, dedicam-se e competem, entretanto, essa prática é percebida como um “evento social”. Nesse sentido, é possível concordar com Dedive e Votre e Soares quando abordam que o sentido da natação assume, apesar de ter *performance*, ela também é um fenômeno social.

Assim, a partir de todo material empírico que foi descrito até o momento, percebo que, por mais que esse universo esportivo está pautado por diferentes significações e apropriações, existe um elemento que configura as relações sociais nos treinamento e nas competições: as faixas etárias dos nadadores e suas relações com o esporte. Com isso, aproximei-me do conceito de gerações, o qual tratarei no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 5 - MÁSTER, EU? COMPREENDENDO A DINÂMICA ENTRE GERAÇÕES

---

Quando escutava a palavra “máster” no cenário esportivo, ela sempre me retemia a determinadas expressões cotidianas como, por exemplo, “cabeças brancas”, “velhos”, “pessoas de mais idade”, “veteranos”, “atletas aposentados”<sup>29</sup>, entre outros. Essas expressões me levavam a pensar o “máster” a partir de uma vinculação ao envelhecimento.

Entretanto, quando me inseri no grupo de nadadores da equipe máster, uma das características que me chamou atenção foi o fato de esse grupo possuir um percentual pequeno de pessoas acima de sessenta anos. Eu poderia dizer que a equipe se constituiu entre pessoas de trinta a quarenta e cinco anos em média, mas também foi possível observar uma diversidade entre pessoas mais jovens, de vinte a trinta anos e indivíduos de oitenta anos em constante contato.

A diversidade foi identificada no que se refere ao fato de que a categoria máster, na natação, relaciona-se com uma mescla de participantes/atletas de diferentes idades. Como será visto, essa mescla pode ser observada, inclusive, numa mesma prova de uma determinada competição.

Assim, dei-me conta que não estava observando um esporte máster que me encaminhava a palavra em questão no sentido do senso comum – envelhecimento -, mas, sim, em um grupo em que essas idades são mescladas, como suas profissões e seus significados em praticar natação. Encontrei, portanto, pessoas de várias idades e percebi que isso está presente nas “categorias” competitivas dos máster.

A partir dessa constatação entre as diferenças entre as faixas etárias, perguntava-me por que acontece essa mescla de idades na natação máster. Essa mescla se materializa, principalmente, nas categorias e suas divisões a partir de um regulamento específico em relação as idades e suas categorias.

No intuito de mostrar as categorias máster da natação e suas peculiaridades, desenvolvi algumas comparações entre outras modalidades esportivas – voleibol, basquetebol e atletismo - e suas faixas etárias na

---

<sup>29</sup> Todos os exemplos foram retirados de associações feitas por pessoas próximas a mim, quando lhes perguntava a primeira palavra que lhes ocorria quando se referia a “máster”.



categoria máster. Sendo assim, apresentarei a partir de qual faixa etária é possível definir quando se é máster. Meu objetivo trazendo esse levantamento é mostrar a flexibilidade da natação máster e a mescla em relação às idades perante outros esportes.

Na natação máster, os participantes que disputam competições regulamentadas pela FGDA e pela ABMN podem competir oficialmente a partir dos 20 anos e a primeira categoria é 20 anos de idade até os 24 anos (pré máster). Na natação, as categorias assumem um intervalo de 5 em 5 anos, sendo em Máster A (25 a 29 anos), Máster B (30 a 34 anos) e assim por diante (ABMN, 2013<sup>30</sup>).

Pré Máster – 20+ ( 20 a 24 anos )	H – 60+ ( 60 a 64 anos )
A – 25+ ( 25 a 29 anos )	I – 65+ ( 65 a 69 anos )
B – 30+ ( 30 a 34 anos )	J – 70+ ( 70 a 74 anos )
C – 35+ ( 35 a 39 anos )	K – 75+ ( 75 a 79 anos )
D – 40+ ( 40 a 44 anos )	L – 80+ ( 80 a 84 anos )
E – 45+ ( 45 a 49 anos )	M – 85+ ( 85 ou mais )
F – 50+ ( 50 a 54 anos )	
G – 55+ ( 55 a 59 anos )	

**Tabela 2** – máster e categorias

**Fonte:** Federação Gaúcha de Desportos Aquáticos.

Como se pode observar, a natação máster é bastante flexível em relação à idade dos participantes para comporem o quadro de competidores. Diferentemente no basquete máster, em que, para se competir, é preciso ter mais de 50 anos de idade para ser considerado máster. Caso o atleta tenha de 35 a 49 anos, ele é “veterano”, e até de 34 anos é pré-veterano (AVBMG, 2013).

No atletismo máster só é possível se competir a partir dos 35 anos nas categorias masculino e feminino. O atletismo considera atleta máster todo atleta que, até no dia da competição, tiver completado 35 anos.

No voleibol máster, de acordo com seu regulamento do 9º Torneio Brasileiro de Voleibol Máster de 2012, as categorias se dividem a partir dos 34 anos para a denominação do “atleta máster” masculino e feminino.

<sup>30</sup> <http://www.abmn.org.br/arquivos/2013/20130506034658.pdf>

A partir desse mapeamento simplificado, podemos considerar que a divisão cronológica dos esportes mencionados é mais regular – voleibol, atletismo e basquete – pois essas modalidades mantêm um padrão mais horizontalizado em relação às idades máster, iniciam sua prática a partir dos 34 a 35 anos e possuem uma “estrutura” no que se refere à faixa etária e de quando se é considerado um “atleta máster”. Além disso, não possuem caracterizações de mesclas entre gêneros nos campeonatos e tampouco torneios em que se necessite de um somatório de idades para poder participar, como é o exemplo do revezamento máster, o qual deve “fechar” uma idade para a sua efetivação. Os revezamentos podem ser masculino e feminino disputado entre seus gêneros ou podem ser mistos (masculino e feminino juntos, dois homens e duas mulheres) igualmente distribuídos<sup>31</sup>.

Já a regra para compor os revezamentos na natação máster cumpre a lógica de um somatório de idades que, ao final, devem completar o solicitado pelo regulamento. Seguem as divisões e as somas das idades:

---

Grupo "A" de 80 a 99 anos
Grupo "B" de 100 a 119 anos
Grupo "C" de 120 a 159 anos
Grupo "D" de 160 a 199 anos
Grupo "E" de 200 a 239 anos
Grupo "F" de 240 a 279 anos
Grupo "G" de 280 a 319 anos
Grupo "H" mais de 320 anos

---

**Tabela 3** - Distribuição dos revezamentos máster  
**Fonte:** Federação Gaúcha de Desportos Aquáticos

Nas provas de revezamento, a soma das idades dos quatro nadadores determinará o grupo etário em que a equipe competirá. Cada nadador poderá participar apenas de um grupo etário, por cada prova de revezamento. Os nadadores pré-master somente poderão participar de revezamentos do grupo

---

<sup>31</sup> Esse dado é interessante, pois poderia aprofundar a questão referente a gênero. No entanto, percebi isso somente ao final do trabalho e não tive leituras que me auxiliassem a compreender esse desdobramento.

“A” (de 80 a 99 anos). As equipes poderão inscrever até duas equipes de revezamento por cada grupo etário (FGDA, 2014<sup>32</sup>).

Pude participar dos momentos do revezamento da equipe como nadador, compondo o grupo etário B. Segue um diário de campo sobre minha participação e como foi uma situação curiosa.

Como era a última prova da competição, estavam no balizamento praticamente todos os clubes participantes com seus atletas e eu percebia que esse revezamento tinha peculiaridades. Primeiro, estava eu (25 anos) nadando costas, Márcio (55 anos) de peito, Jonas (35 anos) de crawl e Dener (45 anos) de borboleta.

Era uma situação inusitada, pois nunca tinha disputada uma prova de revezamento com idades tão diferentes e nesse tempo entre a espera da prova, ficamos todos conversando e falando sobre a estratégia da prova, quem nadaria mais forte, o porquê da escolha do treinador para nos agrupar, se era pela idade ou pela ‘força’ dos conjuntos. Falávamos também sobre o que faríamos após acabar a competição, dois deles falaram que iriam almoçar juntos, outros falaram que iriam para casa descansar, enfim, esse espaço a espera da prova competitiva também é de convivência e de trocas. Aos poucos, fui percebendo que, se uma equipe de natação máster não possui nadadores jovens e velhos, ela perde o sentido de estar no máster, pois o objetivo dos revezamentos é esse: integração. Portanto, os mais velhos precisam dos mais novos e os mais novos precisam dos mais velhos para ter revezamentos suficientes para atingir pontuações nos campeonatos (DC, 20/10/2013).

Por isso, referi-me anteriormente haver a uma necessidade entre as gerações: uma equipe máster necessita de pessoas de todas as idades para compor seu quadro de participantes, pois sem os “jovens” e sem os “velhos” os revezamentos não existiriam.

Essa mescla encontrada nos revezamentos – principalmente - também pôde ser observada durante as competições as quais observei e das que participei:

[ao chegar à primeira competição máster com o grupo] Percebo que as equipes se dividem em espaços que estão demarcados aos arredores da piscina do clube em que a competição está ocorrendo. Existe guarda-sol, cadeiras, locais para beber água, mas o que mais existe com certeza são pessoas (homens e mulheres), caminhando de um lado para o outro, de sungas,

---

<sup>32</sup><http://www.fgda.com.br/site/wp-content/uploads/2011/09/Regulamento-do-Estadual-M%C3%A1ster-de-Ver%C3%A3o-2013.pdf>

bermudas, maios, roupas especiais para natação, enrolados em toalhas, roupões, só de camiseta, etc. As pessoas conversam, interagem, e não é somente com a sua equipe, reencontram colegas de outras equipes conversam, tomam chimarrão, tomam suplementos, alongam-se, divertem-se, falam sobre suas famílias e sobre suas vidas: profissionais, pessoais e natatórias. Além disso, conversam sobre suas angústias e o nervosismo no momento de sua prova, falam sobre os treinos, as provas e como querem melhorar – ou não – o seu tempo. Além de tudo isso o que ocorre em uma competição, o que mais chama atenção são as misturas entre as idades nas equipes: observei jovens interagindo com velhos em diversos momentos, mas são nos revezamentos que ocorrem, efetivamente, a maior interação entre todos (DC, 13/04/2013).

Um dos elementos que caracteriza essa variação entre as idades é o balizamento que ocorre nas competições, pois nele estão distribuídas pessoas com idades, provas e níveis de *performance* diferentes.

O balizamento é um espaço em que os nadadores se concentram anteriormente a suas provas competitivas. Nesse local, está sempre um fiscal da federação que chama os máster pelo nome e pede o registro de nascimento (RG) para comprovação da idade e da categoria.

Estou no balizamento à espera de meus colegas de equipe para nadarmos o revezamento 4x50 metros medley, na categoria 120+ (na ordem: costas, borboleta, peito e crawl). Eu nadarei costas e serei o primeiro a entrar na água. Antes de nos dirigirmos até o bloco de partida tivemos de ir para o balizamento apresentarmos nossos documentos de identificação para comprovação da idade (DC, 20/10/2013).

O fato de ter que apresentar o documento de RG antes de iniciar a prova se constituiu um dado interessante se considerarmos que, para se ter essa exigência, é para que não ocorram fraudes nas idades dos revezamentos e para que, realmente, as pessoas estejam nadando em suas categorias.

A partir do que foi descrito sobre a mescla de idades através do regulamento dos máster de natação, seria possível dizer que há uma interação entre jovens e velhos nesse espaço, o que me remete a compreender como ocorrem essas relações entre as gerações. Percebo que, para o grupo de mais velhos da equipe, é mais fácil dizer o porquê está envolvido nesse grupo social/esportivo, pois está vinculado à ideia de manutenção da saúde, convívio, divertimento e outros elementos que foram abordados no tópico anterior.

Porém, há, nesse espaço, os “jovens máster” que também compartilham esse contexto com os mais velhos.

Assim, cabe a pergunta: por que um jovem máster opta por nadar nessa categoria com pessoas mais velhas? Entre as respostas, estão nadadores que são ligados à ideia do rendimento e *performance* – os Galácticos – e, além disso, alguns nadadores que observam na natação uma maior “descontração” e um clima mais leve, como foi observado por alguns quando referidos os seus motivos por nadar.

Desse modo, existem dois nadadores com quem tive contato e que transitavam entre os “federados” e os “máster”. Os federados são competições para pessoas até vinte anos, em que se opta pela categoria Sênior, ou seja, o atleta é considerado “profissional” e pode disputar provas de nível mundial sem pertencer a categorias máster, que inicia após os vinte anos, caso os indivíduos optem.

Um exemplo é João, 30 anos, que explica o porquê ser um nadador no máster e não nos federados.

Eu faço competições somente pelos másters, eu acho que os máster, é mais tranquilo de treinar porque eu acredito que até pela idade, trinta anos, eu acho que encarar treino com os federados com volumes e intensidades maiores, agora, não seria tão adequado. Eu creio que o máster é tranquilo, pois se torna uma coisa mais não.. aquela coisa muito.. de seguir todos os dias, se eu não conseguir comparecer a um treino, não vai ser determinante faltar como seria a nível federado e eu acho que o máster ele esta de acordo, ele traz para mim as minhas necessidades, eu acho que dá para fazer um treino render bastante voltado no máster.

João acredita que, com trinta anos, ele já um nadador máster e não pensa mais em competir pelo nível de federados, pois o nível de sua categoria é fortíssimo.

Túlio: muito bem, me diz uma coisa, com a sua idade você se sente máster?

João - Sim! Eu creio que, nessa faixa de idade, a maioria dos atletas são máster é difícil encontrar atletas com essa idade de trinta anos estarem nadando com condições em nível de federados, acho que a faixa de trinta anos tem muita gente envolvida com máster do que com competições de federados.

Túlio - Me fale um pouco sobre o que significa ser máster para você.

João - Ser atleta máster, eu acho que mostra que nós temos dedicação ao esporte, acho que para nos chegarmos a nível máster assim, mostra que o esporte ele traz resultados, benefícios e... e estar integrado nessa categoria máster é porque o quanto se valoriza a atividade física e não só em questão de saúde, mas poder estar envolvido com outras pessoas, questões sociais assim, sem ter aquele compromisso, estar ali envolvido, por questões de saúde, acho que é isso que o máster traz, essa questão mais de... é... de se divertir, mas também buscando rendimento.

O nadador acredita na possibilidade de interação com outras pessoas, “as questões sociais” como ele aborda, e que por isso seu envolvimento foi para os másters e não para os federados. Apesar de ele se divertir e gostar desse clima mais ameno, seu objetivo central constitui-se ainda na melhora da *performance*.

Henrique, 36 anos, também explica o porquê de ele nadar, atualmente, somente nos máster e não mais nos federados.

Na verdade, eu larguei os federados porque estava tudo muito corrido, e eu comecei a aceitar há uns cinco anos atrás o grupo máster, e vi que quando eu priorizava os federados, eu ia há algumas competições, que muitas vezes eram federadas e eu adoro, só que eu perdia algumas máster, porque a minha profissão não tinha como ceder todas as folgas para tudo, e eu comecei a sentir falta dessa interação social com eles, porque eu era o federado, e às vezes eu estava no churrasco, às vezes eu estava na rodada da cervejinha, batendo papo, e eu perdia muita coisa com o pessoal que eu gosto muito, que é a equipe máster. Então, mais por isso, não pelo nível de natação, porque meu nível de natação estaria numa boa no federado, mas chega uma hora que a gente sente falta mais da amizade, do social. então, eu acho muito bacana essa coisa de time, de levar como equipe, então, esses foram uns dos motivos que me fizeram sair do federado e ficar só no máster, e por isso, me sinto um máster total. Não digo que não vou mais nadar federado, quem sabe para brincar um pouco, mas não é a ideia.

Henrique segue a lógica de João, o qual, por mais que sua *performance* esteja “dentro” dos federados e ganhe praticamente todas suas provas em nível estadual, sente falta dos momentos com os amigos, “a interação social”. Para ele aceitar que era um máster, foi devido a essa interação entre seus colegas, os churrascos e da amizade entre todos.

Para alguns da equipe que representam “os jovens máster”, nadar nessa categoria, me leva a pensar que o fator de interação entre pessoas com idades

diferentes é importante e torna-se uma questão que faz diferença quando se opta pelos federados ou pelos máster. No entanto, a equipe não é somente composta por jovens máster e a mescla das idades evidencia outros nadadores, os mais velhos.

Cabe aqui outra pergunta: por que um velho opta por nadar na natação máster com pessoas com idades diferentes? No intuito de obter algumas reflexões sobre a pergunta, José acredita que quatro palavras são chaves para eles estarem no máster: “congraçamento, amizade, relacionamento, envolvimento”. O nadador acredita que a natação máster   como sua segunda casa e que o encontro, envolvimento com outras pessoas, o faz sentir mais jovem. Além disso, praticar um esporte dentro de seus limites também é algo que proporciona prazer para ele, que tem 80 anos de idade, sendo o mais velho da equipe.

Elaine, 64 anos, acredita que, quando está envolvida no clima dos máster, principalmente nos revezamentos, esquece sua idade.

Parece que não existe diferenç  de faixa etária. Na convivência, o pessoal que pratica natação é muito cabeç a aberta, flexível e isso me faz me sentir mais jovem. É muito bom (ENTREVISTA, ELAINE).

A convivência a qual Elaine acredita que a faç  sentir-se mais jovem   pelo clima de mistura entre os nadadores, nos treinos, mas, principalmente nas competições e nos revezamentos. Para a nadadora, é um momento único em que ela pode, até mesmo, esquecer sua idade. Para ela, “máster tem a ver com a idade. Eu me sinto orgulhosa, me sinto feliz comigo, acho legal,   uma nova identidade que surgiu na minha vida. Gostaria de ter iniciado antes”. Além de a nadadora ter a natação como um fator de “esquecimento”, para ela ser máster, atualmente, configura-se como uma nova identidade em sua vida, além de um desejo de ter tido contato antes com o esporte.

Tudo o que foi relatado até agora são interpretações, trechos do que pude presenciar, escutar nos momentos com os nadadores e ao estar em contato constante com jovens e velhos na equipe máster. Assim, tudo leva a crer que, para um jovem frequentar esse contexto, os motivos variam, no entanto, o convívio e o sentimento de intera o são opções que os levam a escolher essa categoria. Para os mais velhos da equipe, estar no máster

representa se sentir mais jovem, esquecer sua idade e poder participar de um grupo em que não sintam os sinais do envelhecimento. De qualquer modo, os mais velhos encontram na natação máster uma forma de viver esse envelhecimento de uma forma positiva.

Em um sentido semelhante a esse – otimismo e pessimismo na velhice - o trabalho de Silveira e Stigger (2007) compreende como alguns sócios da Sociedade Esportiva Recanto da Alegria (Soeral) vivem o envelhecimento, especificamente nas quadras de bochas. Os autores descrevem que, por um lado, a existência de um discurso negativo (pessimista) em relação ao envelhecimento está na degradação e na improdutividade. Essas duas características podem estar relacionadas à aposentadoria que, por sua vez, também pode ser comparada à falta de trabalho e um retrocesso nesse processo da vida. Por outro lado, existe a dimensão otimista, que acredita na integração e na autonomia do indivíduo mais velho, podendo usufruir melhor de seu tempo e realizar atividades as quais não eram possíveis em outros momentos.

Sobre os máster – mais velhos – da equipe, eu poderia dizer que eles vivem esse espaço esportivo positiva, otimistamente, e não estão à espera da morte: eles simplesmente vivem o esporte. Eles competem, treinam, estão nos revezamentos com colegas de idades diferentes, ou seja, os mais velhos esquecem suas faixas etárias por estarem convivendo com pessoas mais jovens.

Para José, ao ser perguntado sobre como ele percebia as diferenças entre as idades e como lidava com elas no cotidiano, rapidamente deu sua resposta.

Não, pelo contrário, eu acho que não há diferenças, elas não existem, todos estão aqui para nadar, dar nome ao clube, com o objetivo de cada vez nadar melhor, e este é o sentimento que eu absorvo, que percebo.

Túlio – O senhor percebe esse aprendizado que a mescla de idades proporciona a todos os nadadores?

José – Sim, todos acabam aprendendo um pouco de cada coisa; o mais novo aprende com o mais velho e vice-versa.

O nadador nem acredita na existência de diferenças entre as faixas etárias, para ele todos são iguais na água e fora dela. E complementa dizendo



que sempre acaba aprendendo algo com o mais novo e vice-versa, o que ele acredita ser bastante positivo para sua continuação nos treinos.

Nessa direção, o olhar de Silveira e Stigger (2007) para o envelhecimento no campo esportivo mostrou – diferentemente da posição pessimista em relação ao envelhecimento – que os frequentadores daquele espaço estavam vinculados a uma sociabilidade lúdica e que mantinham significados que estavam conectados a um forte pertencimento do local. Além disso, criavam-se laços de sociabilidade, trocas, colaborações uns com os outros e compartilhavam interesses semelhantes.

Para os “velhinhos” estarem na Soeral passa a fazer sentido e a ter um sentido na vida de cada um dos participantes.

É possível, então, compreender como a Soeral consiste em uma importante alternativa para aquelas pessoas que estão vivenciando a aposentadoria. Isso porque, se por um lado o tempo de aposentadoria é visto como tempo liberado para descansar ou para ficar em casa, por outro, pode-se afirmar que as pessoas recém-aposentadas – que dedicaram grande parte do tempo de suas vidas para as atividades profissionais – não encontram sentido para uma vida sem trabalho, caso não preencham o tempo com outras atividades” (SILVEIRA e STIGGER, 2007, p.188).

A lógica que expus até aqui, da variação das idades na natação máster, vai ao encontro do que Silveira e Stigger (2007) encontraram com o grupo de máster na Soeral. No entanto, o grupo pesquisado não se baliza somente em praticantes mais velhos e nem por mais jovens. A equipe possui um mescla, como foi mencionado, entre as idades, o que me leva a pensar no conceito de gerações e como são construídas as relações na natação máster a partir de um espaço de pertencimento, compartilhamento de ideias, convívio, vínculos dentro e fora da piscina e aprendizagens. Eu pude ter contato, em vários momentos – competições e treinos – onde foi possível observar essa mescla de participantes de diferentes idades. Em muitos dos encontros e das sessões de treinamento, isso me chamava atenção. Um exemplo disso foi um dia de treino, em que estavam vinte e cinco pessoas na piscina, distribuídas nas raias não pelas suas *performances*, nem por algum tipo de orientação do treinador. Como era um dia em que a presença de pessoas era massiva, a mescla referida acima ficou bastante evidente. Logo que cheguei, identifiquei, nadando lado a lado, numa mesma raia, um rapaz de vinte anos e um senhor de oitenta

anos (DC, 23/03/2013). Isso começou a ficar mais comum no decorrer das observações e, principalmente, nos momentos competitivos.

Tentando compreender o grupo pesquisado, ocorreram inúmeras situações em que foi possível observar a variação entre as faixas etárias, por exemplo: nos treinos de sábado. Nesses dias, estão concentrados mais membros da equipe, quando essa miscigenação acaba sendo facilmente identificada:

O dia é ensolarado. O treino começa às 10h. Pensei que haveriam muitas pessoas no treino, no entanto, não imaginei que seriam tantas. Ao chegar ao clube, observei algumas pessoas treinando e outras chegando, falando com Gabriel e trocando algumas conversas. Quando entrei na piscina eu estava com duas pessoas na raia (sempre realizando a “rodinha<sup>33</sup>”), aos poucos foram chegando mais participantes, quando percebi estávamos em sete pessoas na mesma raia. Olhei para os lados e todas as raias estavam com cinco a sete pessoas, ou seja, no total tinham mais ou menos 40 pessoas dentro da piscina. No decorrer do treinamento, eu observava a distribuição das raias e das pessoas que estavam nelas. A raia em que eu estava era constituída de sete pessoas: eu (26 anos), Rogério (40 anos), Elaine (64 anos), Bruno (55 anos), Renato (35 anos), Eduardo (37 anos) e Janice (20 anos) (DC, 02/11/2013).

Essa diversidade (agora relativa às idades dos participantes) me conduziu a desenvolver o tópico, o qual tenta compreender como ocorrem as relações entre as gerações na natação máster. Cabe aqui, então, a última pergunta do tópico: o que significa, para jovens e velhos, estarem se relacionando e compartilhando experiências em um contexto com tantas diferenças? Qual o sentido de nadarem todos juntos?

No sentido de compreender gerações, poderia dizer que existem, simplificada, uma visão que é linear e biológica que só observa a idade e a condição física, uma referência para a divisão das pessoas, no que se refere às gerações; a outra percebe através das Ciências Sociais e busca saber o que é ser velho/jovem num contexto social/cultural e que tipos de relações se estabelecem entre as diferentes gerações.

---

<sup>33</sup> A “rodinha” é uma expressão nativa em que os nadadores que estão em uma raia com mais de 2 pessoas devem realizar o rodízio, indo primeiro pelo lado direito da raia e voltando pelo outro lado, com o intuito de todos os nadadores nadarem e não se baterem na raia.

Entendi que compreender o velho/jovem em um cenário social/cultural é mais interessante do que apresentar um referencial que aborde a idade a partir de uma ideia biológica e de degradação. Assim, Debert (1994) me auxiliou com sua perspectiva. Para a autora, a ideia central do conceito está no fato dele ser tratado como uma construção social e que, na sociedade contemporânea, as gerações se distanciam de uma ideia de estrutura familiar entre graus de parentesco e de uma visão biológica sobre as faixas etárias. Na atualidade, o interesse dos pesquisadores, principalmente das Ciências Sociais, está em compreender os conflitos, as relações de poder e como as gerações se relacionam.

Nesse sentido, o conceito de gerações, segundo Debert, mostra que ele está cada vez mais distante de graus de parentesco e de relações familiares.

a ideia de geração implica um conjunto de mudanças que impõe singularidades de costumes e comportamentos a determinadas gerações. Daí falar-se em geração do pós-guerra, da televisão, de 68. A geração não se refere às pessoas que compartilham a idade, mas que vivenciaram determinados eventos que definem trajetórias passadas e futuras (DEBERT, 1994, p. 19).

E complementa:

As pesquisas sobre grupos de idade tanto mostram que a geração, mais do que a idade cronológica, é a forma privilegiada de os atores darem conta de suas experiências extrafamiliares como também indicam que mudanças na experiência coletiva de determinados grupos não são apenas causadas pelas mudanças sociais de ordem estrutural, mas que esses grupos são extremamente ativos no direcionamento das mudanças de comportamento, na produção de uma memória coletiva e na construção de uma tradição.

O debate sobre gerações pode ser transferido a questões referentes ao campo da Educação Física, mas especificamente a natação máster. Nessa direção, a partir da dimensão de variação entre às faixas etárias e às relações que ocorrem cotidianamente entre as gerações, eu poderia dizer que o meu trabalho traz elementos que – no âmbito dos esportes – podem contribuir a essa discussão.

Proponho pensar a equipe máster de natação através da experiência coletiva e que as relações sociais entre gerações são construídas

cotidianamente. O grupo é diverso e as idades se relacionam entre os treinamentos, competições e confraternizações. Na natação máster, isso se evidencia pelas trocas e pela aprendizagem entre os nadadores, em que os mais velhos aprendem com os mais novos e mais novos, de forma semelhante, estão em constante contato com os mais velhos, adquirindo experiência e “trocando” conhecimentos de vida.

Para Carla (48 anos), as conversas entre as pessoas de idades diferentes na natação máster a auxilia a continuar no esporte e lhe agrada o fato de estar entre pessoas mais jovens e também mais velhas, passando ensinamentos às mais novas e aprendendo com os mais velhos.

Eu acho isso fantástico, um dos melhores pontos da equipe, porque eu aprendo com as mulheres mais velhas, que tem mais carreira, e as meninas mais novas aprendem com a minha experiência de vida, temos altas conversas, várias vivências, e é muito interessante, muito legal.

Túlio – Você acha que essa questão de faixa etária interfere na sua permanência na equipe?

Carla – Eu não sei lhe dizer, eu gosto, adoro conversar com todas elas, me divirto com todas e com os guris a gente não conversa muito.

O divertimento também aparece na fala de Carla quando aborda que faz constantemente jantares em sua casa em que reúne todas as mulheres, indiferente da faixa etária e que isso é muito positivo para aproximação do grupo, principalmente das mulheres da equipe.

Henrique vai ao encontro da posição de Carla e relata que a natação máster aproxima as pessoas, faz com que elas “esqueçam” sua faixa etária e que existe aprendizados nessas relações de trocas.

Eu acho que a natação aproxima as pessoas e às vezes esquecem que têm cinquenta e cinco anos, esquecem que têm sessenta anos, porque dão risada, se divertem, estão nadando e fazendo parte de um grupo, mistura essas idades no revezamento; então, se sentem jovens, o pessoal mais velho se sente mais jovem, e quem sabe os mais novinhos se sentem um pouco mais maduros também, porque trocam ideias até de negócios, de trabalhos, de família, tudo. Até mesmo problemas em casa a gente expõem alguns problemas que são muito bem conversados no clube, então, eu acho que a interação é maravilhosa, então eu acho que não tem essa divisão, ou algo do gênero (ENTREVISTA, HENRIQUE).

Além disso, Henrique acredita que:

Os mais velhos aprendem a nadar com a gente, mas ensinam muitas coisas que passaram na vida além da natação, que a gente pode não passar por essas mesmas coisas, tantas coisas boas que eles aprenderam também com a vida e isso é muito positivo para manter o grupo

Em relação às aprendizagens entre as gerações, João acredita ser muito positivo para a equipe e para ele conviver com pessoas com idades tão distantes e que isso também é um dos motivos com que ele acredita que a natação é mais “Light”:

Eu acho bem legal, porque não quer dizer que uma pessoa com uma idade mais experiente do que eu, não quer dizer que seja mais fraco, então, isso que é legal aqui no máster, tu poder estar treinando competindo com pessoas com categorias diferentes que muitas vezes trazem resultados de acordo com o que a pessoa está treinando. Então, não significa que eu vá nadar com alguém mais velho do que eu que essa pessoa vai ser melhor do que eu, ou a pessoa mais nova vai nadar melhor, então essa diversidade aqui que tem é que eu acho legal, esse convívio com muitas faixas etárias e tu consegue treinar junto muitas vezes com essas pessoas.

Túlio - Essa diversidade acaba sendo positiva?

João - Sim! Sim! Eu vejo que as vezes pessoas com mais experiência agregam valor... assim... aos treinamentos e tu pode também trazer isso para pessoas mais novas, categorias mais jovem.

João acredita que o contato direto com diferentes faixas etárias contribui para sua permanência no máster e o fator comparação entre os mais novos e mais velhos é constante. Ele esclarece que não é porque é mais novo (30 anos) do que muitos máster ele consegue ganhar de pessoas categorias mais velhas, bem pelo contrário, ele diz que sua categoria é fortíssima e que, cada vez que fica mais velho, o grau de dificuldade vai aumentando para ganhar medalhas.

Em uma sessão de treinamento, conversei com Henrique à borda da piscina e ele falou a seguinte frase: “Eu acho que vai ser complicado quando eu não conseguir mais baixar meu tempos”.

Essa frase foi relatada por ele quando falávamos sobre sua disposição em transitar pelos “federados” e pelos máster. Nessa conversa, ele comentou que se sentia muito bem quando nadava com os garotos de 18 e 20 anos (sendo que ele tem 36 anos). Falava sorridente que adorava o clima de competir contra os mais novos e que na sua vitória eles ficavam “muito brabos”

e não entendiam como ele nadava tão bem com sua idade. O nadador também falou que, de agora em diante, vai focar somente no máster, que seu momento nos federados já passou e que não tem mais paciência para aguentar chuva e frio e muita pressão.

Essa pressão a qual Henrique se refere é com um ambiente mais complexo, aquele em que não possui contato e interação com outras pessoas. Já no máster, ele pode desfrutar de coisas que os “federados” não possuem. Além disso, ele deixa claro que aceitou o grupo máster pelo clima de amizade que há entre todos.

A partir do que foi apresentado até aqui, é possível dizer, então, que o universo máster aproxima e estreita os laços entre as gerações, principalmente nos momentos competitivos e de revezamentos. Nesses momentos, criam-se redes de amizades e de trocas de aprendizagens entre os nadadores. Além disso, não poderia desconsiderar o fato de que esse espaço esportivo pode estar vinculado à ideia geracional – para os mais velhos da equipe - através do “esquecimento” da faixa etária. Eles significam a natação a partir de uma visão positiva/otimista em relação a essa fase da vida e isso passa a fazer sentido para cada participante.

Além disso, as aprendizagens entre pessoas mais velhas com pessoas mais jovens foi observada, tanto no âmbito natatório quanto fora dele, em eventos, reuniões e confraternizações que a equipe realizava. Essas aprendizagens compartilham diferentes modos de apropriação da prática, em que os mais novos poderiam passar “dicas” aos mais velhos em relação à natação, e os mais velhos ensinariam os “conhecimentos da vida”, assim como poderiam lhes ensinar diferentes maneiras de nadar e melhorar a *performance*.

A comparação entre as gerações se transforma, de algum modo, em uma comparação positiva, tanto de mais velhos quanto mais novos (como é o caso de Henrique, que se compara com jovens de 20 anos enquanto ele possui 36 anos) e também dos mais velhos, que se sentem mais joviais ao lado de uma equipe que apresenta uma diversidade muito grande em relação às gerações.

Assim, é possível concordar com Soares (1995), quando ele refere-se ao movimento dos nadadores máster estudado por ele como uma “fantasia de

imortalidade do corpo” em que os mais velhos percebem na natação uma opção para longevidade e para o sentimento do não envelhecer.

Numa primeira análise, o movimento dos Másters parece encarnar uma espécie de fantasia de imortalidade, apesar dos atletas estarem conscientes do declínio físico que a idade gera. A fantasia se apoia na crença de que se pode retardar ao máximo a degeneração, tal crença encontra eco nos discursos médicos sem fundamentos sólidos veiculados pela mídia. Os nadadores falam que sentem mais rígidos seus músculos e tecidos se sentem mais potentes sexualmente (no caso dos homens), enfim, mais "jovens", menos velhos” (SOARES, 1995, p. 22)

Esse trecho que destaque de Soares (1995) torna-se importante a partir do momento em que ele aborda que a natação máster aproxima as pessoas, jovens e velhos e cria laços de sociabilidade. Portanto, o que procurei realizar até esse momento foi a demonstração de que, além de um espaço de convivência e comparação entre as diferentes gerações, a natação máster se constitui para os nadadores como uma prática em que podem se relacionar constantemente com diferentes faixas etárias e, como foi relatado, esse seria um dos únicos esportes em que ocorrem essas relações de forma tão evidente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Escrever o fechamento de um texto é um desafio, ainda mais quando o estudo possui grande relevância pessoal. Acredito que tecer considerações finais sobre esse trabalho esteja relacionado com minhas inquietações em relação ao tema dos máster e o que o trabalho pode auxiliar a futuras pesquisas que queiram discutir a natação, principalmente os máster desse esporte. Procuo, além dessas questões, demonstrar o que encontrei no decorrer da pesquisa, minhas aprendizagens, minhas dificuldades na elaboração da dissertação e seus limites.

O trabalho teve como objetivo compreender os significados atribuídos da natação para praticantes máster da cidade de Porto Alegre. Para essa compreensão foi preciso acompanhar uma equipe de nadadores máster da cidade por dez meses. Nesse período, pude descrever o local da prática, detalhes sobre a equipe, a rotina dos máster, os conflitos entre os significados e as relações entre gerações e o esporte. Essas categorias de análise sustentaram o trabalho e me auxiliaram a entender esse universo particular que possuía muitas peculiaridades. Assim, para que essa reflexão ocorresse a etnografia mostrou-se adequada para a compreensão da equipe, de seus participantes e dos momentos que presenciei durante o processo de observações.

Posso dizer que, o método etnográfico, foi central na pesquisa, pois sem as observações (de março/2013 até janeiro/2014), a interação entre eu, o treinador e nadadores, as negociações para me manter em campo, as relações estabelecidas a partir das “nadadas”, a efetivação dos diários de campo e das perguntas que surgiam durante a etnografia o trabalho não seria o mesmo. Poderia afirmar, então, que todos esses elementos foram essenciais para que eu pudesse interpretar como as relações aconteciam e de que maneira balizaram minhas observações sobre a equipe máster.

A etnografia pode facilitar minha permanência com o grupo, além do mais, propiciou momentos entre a equipe nos treinamentos cotidianos, nas competições e confraternizações. Todas essas vivências contribuíram para eu compreender o local em que estavam inseridos e suas lógicas internas. Além disso, a partir das observações foi possível acompanhar a equipe não mais



como um observador, mas sim como um membro da equipe que treinava diariamente e competia com o grupo, o que se configurou positivo para o andamento da pesquisa e para minha permanência em campo por um período maior.

E foi com essa experiência pessoal que me proporcionou aprendizagens, erros e acertos. Se de um lado, a etnografia me forneceu valiosas informações sobre as pessoas e sobre a compreensão dos significados. Por outro lado, o constrangimento estava sempre envolvido no processo, além de minha inexperiência com o método, pois foi a primeira vez que realizei esse tipo de pesquisa. De qualquer modo, a etnografia me fez compreender o universo da natação máster através de determinadas peculiaridades, essas que só foram possíveis através de uma análise “de dentro”.

Uma dessas peculiaridades eu descrevi na problematização sobre a heterogeneidade do esporte e os trabalhos referentes ao campo sociocultural dos máster/veteranos. Com esse enfoque compreendi que existem as “natações”, ou seja, partindo do pressuposto que a natação não existia no singular, mas sim as “natações” no plural.

E foi a partir desse “olhar” que fui ao campo com o objetivo de entender as lógicas de uma equipe máster e os significados que os praticantes atribuem a prática esportiva. Assim, dividi o trabalho em cinco capítulos para obtenção de respostas que me conduzissem a uma aproximação/reflexão sobre o problema de pesquisa.

No primeiro capítulo, demonstrei em que local o estudo se realizava. Pude perceber que o grupo pertencia a camadas sociais relativamente mais altas e o clube tem prestígio na cidade. Isso se demonstrava pela arquitetura do local e os cuidados que se tem para a manutenção. Além disso, foi possível perceber que a equipe estava envolvida por um clube social com tradição no Tênis e pouco em outros esportes, também foi plausível perceber as relações que ocorriam dentro do clube.

Nesse sentido, tentei mostrar os espaços em que a equipe usufruía para confraternizações e mesmo para os eventos. Alguns elementos se constituíram importantes nesse capítulo: o alambrado como um espaço privado da equipe em que constava o “treino do dia” e que se estabelecia a partir de um clima de

convivência, de troca de experiências e aprendizagens entre os nadadores; o bar, que apareceu como um elemento de sociabilidade, pois almoçavam juntos em muitos momentos; o vestiário, porque conversavam sobre suas vidas, sobre o treino, trabalho, competições e qualquer assunto de interesse dos máster.

No capítulo dois demonstrei detalhes sobre a equipe e as formas de inserções dos participantes na equipe. Compreendi que a equipe é composta por um grupo diversificado entre homens e mulheres que variam entre vinte a oitenta anos. Procurei mostrar de que forma ocorrem as inserções dos participantes, entre os sócios e convidados, e de que maneira essas inserções determinam quem poderá ser convidado para compor o grupo. Explico a função do treinador na equipe e seu 'comando' em relação a participação e as negociações que ocorrem no cotidiano para a participação nas competições. Entendi que o treinador acaba por fazer um papel de mediador das situações entre os nadadores.

Além dessas questões, o tópico propôs, a partir de um maior contato com os nadadores e com a intensificação das observações, uma divisão que era identificada na equipe, a partir de três subgrupos que pude classificar, são eles: "Os Galácticos"; "Os Leões de Treino" e; "Eu treino porque eu gosto muito".

Esses grupos ajudaram a entender, no primeiro momento, a dinâmica das relações que se estabelecem no interior da equipe e que existem diferenças entre as apropriações do sentido de nadar na equipe. Cada grupo, em particular, possui objetivos distintos em relação à prática da natação e o significado atribuído a ela. Portanto, essa divisão fez-se necessária, pois, possivelmente sem essa classificação – que pretende não ser arbitrária e sim reflexiva – eu não teria conseguido compreender a heterogeneidade interna do grupo.

No capítulo três descrevi a rotina dos nadadores máster. Esse capítulo foi o de maior dificuldade, pois por mais que eu soubesse como é a rotina dos treinos, competições e confraternizações, no momento da escrita e organização do texto, tudo me parecia complexo. Enfim, procurei demonstrar os horários das sessões de treinamento, os dias especiais – como o sábado – e como a rotina se configurava como um espaço de convivência entre os nadadores da equipe. Nesse espaço anterior e pós-treino ocorrem conversas,

trocas de informações e diálogos nos vestiários, a borda da piscina e durante o treino. Além desses componentes da rotina, observei que a dinâmica da piscina e da equipe se divide em dois treinos, o do meio dia (o qual concentrou as observações) e o da noite.

Procurei mostrar como ocorre a rotina desses treinos (especificamente o do meio dia), a metragem diária, a colocação do treino no mural e as exceções, como o sábado, em que existem treinos surpresas. Também descrevi como ocorrem as divisões entre as raias nas sessões - por nível de afinidade com os colegas e pelo desempenho de cada um – além disso, nesse tópico, demonstro quais as competições (de piscina e das maratonas aquáticas) mais importantes do ano para os máster, bem como as de maior participação do grupo. Fica evidente ao descrever a rotina que existem elementos que se configuram diariamente e que são comuns entre os nadadores como a chegada na piscina, as conversas e os momentos de pós-treino com o “relaxamento” e os “bate papos” entre os nadadores e o treinador.

No capítulo quatro procurei demonstrar a existência de uma heterogeneidade interna na equipe baseada nos conflitos entre os significados. Assim, elaborei dois eixos que balizaram minhas interpretações. O primeiro eixo de pensamento foi “o objetivo da natação é a competição” que seguiu a lógica da *performance* e do rendimento por parte de alguns nadadores. O fator seriedade se constituiu central em relação ao sentido em se praticar natação, ou seja, provavelmente sem a competição alguns membros da equipe não participariam. Além disso, foi possível observar que, principalmente os galácticos, faziam uso de suplementos alimentares, realizavam treinamento de musculação e treinavam natação na média de cinco a seis vezes por semana. Essas características determinavam, de certo modo, que uma parcela da equipe tem como objetivo central a melhora da *performance* e a busca pelo rendimento.

No decorrer do capítulo demonstrei a controvérsia em relação aos significados, pois eu não poderia dizer que a equipe estava envolvida somente pela *performance* e pelo rendimento. O segundo eixo de pensamento que permeou esse tópico foi uma fala de um dos nadadores: “a natação máster é um pouco mais lighth”. Essa dimensão apresentada seguiu a lógica da parcela de nadadores da equipe que significavam a natação a partir do *nadar por*

*nadar*, e buscavam outros objetivos em relação a prática, como: divertimento, convívio e manutenção da saúde.

Percebi, convivendo com a equipe, que essas duas dimensões “competição” e “lighth” estão interligadas e que elas se atravessam em determinados momentos em que pendiam mais para o lado competitivo e, em outras situações, para o convívio, divertimento e por cuidados com a saúde. Entre todos esses aspectos que fazem parte da natação máster existem outros que estão “entre” eles, como: participação na equipe, assiduidade dos nadadores nos treinos/competições e espírito de grupo.

A participação de alguns membros constituía-se maior do que outros em relação a mobilização e recrutamento para participações de treinos e, especialmente, nas competições. Foi possível observar que alguns praticantes têm posições definidas na equipe como líderes e outros nadadores agregam diferentes características que não necessariamente precisam ser relacionadas a *performance* e ao desempenho nas competições.

No último capítulo da dissertação tratei sobre o tema das relações que se estabelecem entre as gerações na natação máster. Foi possível encontrar uma mescla entre as idades dos participantes, esse dado em relação a natação máster mostrou-se importante, durante o trabalho de campo, em que eu percebia, principalmente nas competições, essas variações e interações entre jovens e velhos em um mesmo contexto. As idades são muito distintas entre as pessoas da equipe e me levaram a compreender como isso corria no cotidiano.

No decorrer do capítulo demonstro as faixas etárias da natação máster e faço comparações entre outros esportes para a compreensão de quando se é definido um “atleta máster” por uma idade cronológica. Foi identificado em um breve levantamento que a natação máster é muito flexível em relação a idade para participação nas competições, iniciando aos vinte anos, esse dado foi interessante e comecei a buscar como essa miscigenação entre as idades estava relacionada com o conceito de gerações no esporte.

Durante as competições essas variações etárias eram mais perceptíveis, especialmente nos revezamentos máster, em que necessitariam de um somatória de idades para compor o revezamento. Acredito que, quando me refiro a uma “necessidade” entre as gerações e a natação, não seria difícil desconsiderar que uma equipe máster está vinculada a indivíduos jovens e

velhos, em situação de dependência, pois para a ocorrência de um revezamento máster é preciso de todas as idades.

Identificado que a ocorrência maior seria nos revezamentos, questionei-me os motivos de nadadores jovens estarem em um ambiente onde conviviam com pessoas de idade avançada. Foi percebido que os “jovens máster”, por um lado, tem como objetivo central o rendimento e a *performance*. Mas, por outro lado, as confraternizações e o clima mais “Ligth” proporciona uma retirada da tensão do dia a dia, o que lhes agrada no sentido de convivência com outras pessoas e de poder interagir entre todos no cotidiano da equipe.

Também, procurei explorar o que faz com que um velho estar envolvido em uma equipe máster de natação, compartilhar experiências com pessoas mais jovens e competir, a essa altura da vida. As respostas estavam ao encontro de um “esquecimento” da idade e do sentimento de sentirem-se mais jovens ao lado de pessoas com idades diferentes. Essa mescla, para os mais velhos, apareceu como uma nova identidade aos nadadores que possuem idade mais avançada. Aliás, seria possível dizer que, o nadador máster mais velho não está a espera da morte, mas sim vivendo o envelhecimento de uma forma positiva.

As respostas obtidas me conduziram a interpretar que essa variação das idades é algo positivo para a equipe, pois os nadadores mais jovens aprendem com os mais velhos e os mais velhos aprendem com os mais jovens. Essas relações de troca estiveram presentes e determinaram essas relações, além do mais, a ideia de convívio entre pessoas com idades diferentes leva a crer que a “Interação social” é importante para os jovens estarem naquele espaço convivendo com os velhos.

Durante a elaboração do tópico dei-me conta de uma situação: existem além dos revezamentos tradicionais (masculino contra masculino e feminino contra feminino), os revezamentos mistos na natação máster (entre homens e mulheres, dois homens e duas mulheres, no mesmo revezamento). Essa é uma questão que julgo importante para ser explorada em outros trabalhos, pois a questão de gênero também está presente nesse universo e em constante disputa. Sejam entre nadadores, treinadores e as relações estabelecidas. Ao final do trabalho de campo, percebi alguns conflitos entre os participantes e em algumas entrevistas a divisão entre os gêneros pautava-se nos discursos,

principalmente de algumas mulheres. Assim, fica o desafio a pesquisas posteriores.

Por fim, esse trabalho foi escrito e elaborado por um “amante” da natação – que, agora, vivenciou o universo de ser um máster “por dentro” – convivendo com o grupo intensamente durante o trabalho de campo e isso, de algum modo, demonstra as fragilidades e as minhas aproximações que foram, em muitos momentos, familiarizadas nesse trabalho. Em muitas situações eu não consegui realizar o movimento de estranhamento, mas considero que isso faz parte de uma pesquisa quando se tem um envolvimento de experiência pessoal com a temática. Portanto, poderia dizer que o processo foi complexo e quanto mais eu conhecia o universo máster de natação, mais ele me suscitava dúvidas. Alias, acredito que mais do que constatações sobre o tema, pude refletir a partir de minhas questões de pesquisa e, sem dúvida, outras surgirão, por mim, ou por pesquisadores que se interessem pela natação, especificamente pelos máster desse esporte.

## REFERÊNCIAS

ABMN, Associação dos Máster de Natação. **Regulamento Geral; Circuito Brasileiro de Másters de Natação 2012**. Disponível em <<http://www.abmn.org.br/arquivos/2012/20120204012731.pdf>>. Acesso em 05 de Abril de 2012.

AVBMG, Associação dos Veteranos de basquete de Minas Gerais. **Regulamento 2014**. Disponível em <http://www.avbmg.com.br/docs/Regulamento-AVBMG-2014.pdf> > Acesso em 01/10/2014.

BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo. Brasiliense. 2004.

\_\_\_\_\_. **O capital social – notas provisórias**. In: CATANI, A. NOGUEIRA, M.A. (Orgs). Escritos de Educação. Petropolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia**. Fim de Século Edições, Sociedade Unipessoal. LTD, Lisboa. 2003.

CAETANO JÚNIOR, M. A. **Natação competitiva de idosos: uma realidade emergente**. 2011. 83f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação Física - Universidade Católica de Brasília. UCB, Brasília, 2011.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olha, ouvir, escrever. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (org.). **O trabalho do antropólogo**. 2.ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

DEBERT, Guita Grin. **Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. Antropologia e Velhice**. Textos Didáticos, n. 13, 1994.

DEVIDE, F. P.; VOTRE, S. J. **A representação social de nadadores másters sobre a sua pratica competitiva da natação**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. v. 21, n. 2, p. 56-64, janeiro/maio, 2000.

FGDA, Federação Gaúcha de Desportos Aquáticos. **Regulamento máster 2014**.

FOOTE-WHITE, William. **Treinando a observação participante**. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.), Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1980.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Ed. Afiliada. Rio de Janeiro.1989.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **DE PERTO E DE DENTRO: notas para uma etnografia urbana**. RBCS Vol. 17 no 49 junho/2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Etnografia como prática e experiência**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, a. 15,n.32, p.129-156, jul./dez.,2009.

MARIANTE NETO, Flávio. **Da academia de boxe ao boxe da academia: um estudo etnográfico**. Dissertação de mestrado. UFRGS. 2008.

MARQUES, et al. **Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea**. Revista Movimento. Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 225-242, setembro/dezembro de 2007.

MYSKIW, M; PACHECO, A. C.; FREITAS. **"Jogo pegado, é assim que tem que ser": estudo sobre a seriedade do lazer numa rede de sociabilidade masculina**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2011, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre, 2011.

OLIVEIRA, Saulo Neves. **Lazer Sério e Envelhecimento: Loucos por corrida**. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 2010.

PACHECO, Ariane Corrêa. **"É lazer, tudo bem, mas é sério". O cotidiano de uma equipe máster feminina de Voleibol**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Ciências do movimento Humano. UFRGS, 2012.

PADIGLIONE, V. **Diversidad y pluralidade en el escenario deportivo**. Apunts: Educación física y deportes. Barcelona, n. 41, p. 30-35, 1995.

QUADROS, Caroline de Souza. **A constituição dos espaços para classes abastadas**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Sociologia. UFRGS. 2011.

ROMERO, E; ORLANDO, A. P. V. **Mulheres idosas na natação master: desconstruindo identidades generificadas**. In: Seminário Internacional fazendo Gênero 7: gênero e preconceitos, 2006, Florianópolis: Editora Mulheres. v. I. p. 1-7,2006.

SILVA, Hélio R.S. **A situação etnográfica: andar e ver, Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, a.15,n.32, p 171-188,jul./dez., 2009.

SILVEIRA, Raquel. **Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano. UFRGS. 2008.

SILVEIRA, Raquel. STIGGER, Marco Paulo. **Espaço de jogo – espaço de envelhecimento: sociabilidade lúdica na sociedade esportiva recanto da alegria**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Campinas, v. 29, n. 1, p. 177-192, set. 2007.



SOARES, Antônio Jorge. "**Jovens Velhos**" **esportistas eternamente?** Rev.Movimento. Porto Alegre: Escola de Educação Física/UFRGS, n.3, p. 17-26, 1995.

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida, um estudo Etnográfico.** Ed Autores Associados. Campinas-SP. 2002.

STIGGER, Marco Paulo. Educação Física, esporte e diversidade. Autores associados. 2005.

\_\_\_\_\_ Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel da. **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas nos espaços urbanos.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

VELHO, Gilberto. Estranhando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social.** Rio Janeiro; Zahar, 1978.

VELHO, Gilberto. **Metrópole, cosmopolitismo e mediação.** Horizontes antropológicos. vol.16 no.33 Porto Alegre Junho. 2010.

WACQUANT, L. J. **Corpo e Alma.** : notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: WINKIN, Yves. **A nova comunicação; da teoria ao trabalho de campo.** Campinas: Papyrus, 1998.

ZAMBELLI, Túlio Mateus e MARIANTE NETO, Flávio Py. **A natação máster no debate acadêmico.** Revista Didática Sistemica – FURG. v. 15, n. 2 (2013).

## **APÊNDICES E ANEXOS**

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Através deste você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Liberdade para não aceitar e para desistir.

### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do projeto: Significados da natação para praticantes máster da cidade de Porto Alegre – um estudo etnográfico.

Pesquisador responsável: Túlio Mateus Zambelli

Orientador: Marco Paulo Stigger

Telefone de Contato: (51) 35241925 – 96012809

- O Objetivo da pesquisa é compreender os significados da natação para praticantes de natação máster competitiva em um clube da cidade de Porto Alegre.

- A participação constituir-se-á de observações sistemáticas das atividades do grupo de pesquisa em que você está inserido e uma entrevista que será transcrita e posteriormente devolvida para que você possa retirar, acrescentar ou trocar qualquer uma de suas falas. Será marcada em local previamente combinado, sendo possível que você desista da pesquisa a qualquer momento sem prejuízo algum.

- Essa participação poderá lhe causar constrangimentos, o que será minimizado pelos esclarecimentos que eu pretendo lhe oferecer constantemente, sobre o que estarei a sua disposição;

- Garantimos a preservação da identidade dos colaboradores e asseguramos que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos. Você também tem garantia de poder retirar o consentimento a qualquer momento.

Nome e Assinatura do  
Pesquisador: \_\_\_\_\_

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO  
COLABORADOR DA PESQUISA

Eu, \_\_\_\_\_,  
abaixo assinado, concordo em participar do estudo “Na borda da piscina”,  
significados da natação para praticantes máster – um estudo etnográfico.  
Como sujeito colaborador. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo  
pesquisador Túlio Mateus Zambelli sobre a pesquisa, os procedimentos nela  
envolvidos, assim como possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha  
participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer  
momento, sem que isto leve a qualquer sanção.

Nome e assinatura do sujeito colaborador entrevistado:

\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1 - Seu nome completo?
- 2- Qual a sua idade?
- 3- Qual a sua profissão?
- 4- Praticas esporte há muito tempo? Quais modalidades? Há quanto tempo te dedicas à natação?
- 5- Porque escolheste a natação entre outros esportes?
- 6- Qual a tua rotina na natação?
- 7- O que faz com que te dediques tanto à natação? O que representa essa prática para ti?
- 8- Como te inseriu na equipe?
- 9- Porque escolheste nadar nesse clube? Poderia ser em outro clube?
- 10- O que diferencia essa equipe de outras?
- 11- Como você observa o clube: mais esportivo ou mais social?
- 12- E a equipe, como a vê? Percebes que há um sentimento de grupo?
- 13- Você possui contato com outros praticantes fora do clube? De que tipo?
- 14- Você observa diferenças entre os praticantes?
- 15- O que você espera de seus colegas de equipe?
- 16- Percebo que a equipe gosta muito de treinar na piscina de fora, para ti existiria equipe se os treinos fossem na piscina térmica? Por quê?
- 17- Você conseguiria se manter máster e nesse clube caso sua condição financeira fosse inferior?
- 18- Percebo que existem muitas pessoas com dinheiro que frequentam o clube e a equipe, tu achas que isso influencia na manutenção da equipe? Por quê?
- 19- Me fale sobre como é ser um nadador máster? Por que escolheste a natação máster competitiva?
- 20- Qual é a sua categoria máster?
- 21- Você nada às competições entre os praticantes federados ou só competições másters? Por quê?
- 22- Me explique como é sua rotina entre família, treinos e competições? Como administra sua vida esportiva?
- 23- Pude observar que as competições fazem parte da lógica de funcionamento da equipe, para você, o que significa competir?

24- Percebo que alguns atletas máster não se preocupam com o 'ganhar do adversário', outros já levam mais a sério, como você encara isso?

25- Escutei diversas vezes a frase 'assim não vou atingir meus objetivos', qual o significado ela pode ter para você e por quê?

26- Quais os objetivos de um nadador máster? Qual o seu objetivo com a natação?

27- Antes de iniciar meu trabalho, pensava que a maioria de atletas máster eram 'velhos', quando entrei no clube percebi que essa não era a realidade. 28- Para você, as diferenças em relação às idades, influenciam no sentimento de grupo? Por quê?

28- Essas diferenças entre as idades influênciam em sua permanência da equipe?

29- A diferença em relação às idades, para você, é algo positivo na equipe? Como você observa isso?

30- Você se sente máster com a sua idade?

31- Para finalizarmos, o que faz com que a equipe se mantenha há tanto tempo?

**ANEXO A - REGULAMENTO MÁSTER DE NATAÇÃO – FEDERAÇÃO  
GAÚCHA DE DESPORTOS AQUÁTICOS**

Circuito Gaúcho Máster de Natação 2014

Art.1º - Federação Gaúcha de Desportos Aquáticos – FGDA realizará, o Circuito Gaúcho Máster de Natação 2014, em quatro etapas, do qual poderão participar nadadores máster e pré máster.

**DA REGULAMENTAÇÃO :**

Art. 3º - Os nadadores serão divididos por faixas etárias nas seguintes categorias:

Pré Máster – 20+ ( 20 a 24 anos )	H – 60+ ( 60 a 64 anos )
A – 25+ ( 25 a 29 anos )	I – 65+ ( 65 a 69 anos )
B – 30+ ( 30 a 34 anos )	J – 70+ ( 70 a 74 anos )
C – 35+ ( 35 a 39 anos )	K – 75+ ( 75 a 79 anos )
D – 40+ ( 40 a 44 anos )	L – 80+ ( 80 a 84 anos )
E – 45+ ( 45 a 49 anos )	M – 85+ ( 85 ou mais )
F – 50+ ( 50 a 54 anos )	
G – 55+ ( 55 a 59 anos )	

§ 1º - A faixa etária dos nadadores será determinada pelo ano civil, ou seja, sua idade em 31 de dezembro de 2014.

§ 2º - Também por determinação da ABMN, os trajes permitidos para a competição serão sungas ou bermudas para atletas do sexo masculino e maiôs ou macaquinhos para atletas do sexo feminino. Para ambos os sexos os materiais deverão ser têxteis, permeáveis e não poderão possuir zíperes.

Art. 4º - As provas do programa serão disputadas em séries, iniciando se com os nadadores da categoria “M” (85 anos ou mais ), concluindo com a categoria Pré Máster

§ 1º - Cada nadador poderá participar de 02 ( duas ) provas individuais na sua faixa etária, além dos revezamentos.

§ 2º - Todos os competidores deverão portar um documento de identificação com foto e apresentar ao Banco de Controle e ao árbitro da cabeceira de saída, para eventual conferência de sua categoria;

§ 3º - Em caso do não comparecimento ou desistência, não haverá restituição do valor pago e será cobrada multa para não comparecimento sem justificativa.

§ 4º - As provas de revezamento observarão o mesmo critério, iniciando se com as faixas dos nadadores mais idosos.

Art. 5º - O programa utilizado pela FGDA, o SISNAT, poderá agrupar em uma mesma série, nadadores de categorias diferentes. O programa baliza os nadadores inscritos por faixa etária e tempo.

Art. 6º - Para facilitar o andamento da competição, as séries serão disputadas, sempre que possível, com fiel observância ao balizamento constante do programa que será elaborado pela FGDA, podendo o mesmo ser alterado de acordo com a ausência dos atletas inscritos.

Art. 7º - O atleta portador de deficiência física ou seu técnico são responsáveis por notificar o Árbitro Geral, antes da prova, sobre alguma deficiência do atleta para que ele possa determinar modificações e providências necessárias. No julgamento da braçada ou impulsão de um nadador com deficiência física, o Árbitro Geral e juizes de percurso, deverão seguir a seguinte interpretação: se uma parte do corpo for ausente ou não puder ser usada, ela não deverá ser julgada; se ela é usada durante uma braçada ou pernada, deverá sê-lo de acordo com as regras da FINA. As viradas e chegadas devem ser julgadas da mesma maneira que as braçadas e pernas.

Art. 8º - Poderão participar do Circuito Gaúcho Máster de Natação 2014, todos os atletas vinculados a FGDA, com taxa de anuidade em dia, bem como os que se filiarem para o evento. No que tange a filiação e transferência de atletas, serão permitidas transferências dentro da temporada mediante pagamento de taxa de transferência e atualização dos documentos na nova entidade.

Art. 9º - A participação de atletas no referido Campeonato, deverá ser obrigatoriamente vinculada a uma Entidade ( clube, escola, academia, etc...).

Art. 10º - Todos os atletas que participarem do Circuito Gaúcho Máster 2014 deverão obrigatoriamente estar cadastrados na FGDA, antes da data limite da inscrição no evento . Os atletas que participaram do Circuito de 2013 irão manter seus registros, não sendo necessário um novo cadastro ( somente renovação ). Para os atletas que irão se transferir de clube / escola, é necessário que a nova agremiação encaminhe uma solicitação de transferência à FGDA até 10 dias antes da competição.

#### DAS PROVAS DE REVEZAMENTO :

Art. 11º - Nas provas de revezamento, a soma das idades dos quatro nadadores determinará o grupo etário em que a equipe competirá ( conforme Art. 14º).

Art. 12º - Cada nadador poderá participar apenas em um grupo etário, por cada prova de revezamento.

Art. 13º - Nas provas de revezamento misto, as equipes serão integradas por dois homens e duas mulheres.

Art. 14º - As provas de revezamento serão disputadas pelos seguintes grupos etários:

Grupo "A": de 80 a 99 anos  
anos

5) Grupo "E": de 200 a 239



Grupo "B": de 100 a 119 anos  
anos

Grupo "C": de 120 a 159 anos  
319 anos

Grupo "D": de 160 a 199 anos  
anos

6) Grupo "F": de 240 a 279

7) Grupo "G": de 280 a

8) Grupo "H": mais de 320

§ 1º - Os nadadores Pré masters somente poderão participar de revezamentos do grupo "A" ( de 80 a 99 anos ). Os nadadores masters não poderão integrar revezamentos do Grupo "A".

§ 2º - As equipes poderão inscrever até duas equipes de revezamento por cada grupo etário.

§ 3º - As equipes de revezamento serão integradas, obrigatoriamente, por nadadores de uma mesma equipe.

§ 4º - O atleta somente poderá nadar os revezamentos, se estiver inscrito na competição.

§ 5º - Em caso de impedimento da participação de um ou mais componentes da equipe de revezamento, será facultada a substituição do(s) nadador(es), cujo horário e data serão fixados pela FGDA. As substituições não poderão alterar a faixa etária do revezamento já inscrito.